



SARIDH

linguagem e discurso



**Estudos textuais e (socio)cognitivistas
sobre questões sociais contemporâneas**



Linguagem e Discurso

v.5, n.2, 2023 / ISSN: 2674 - 6131

Periódico Eletrônico do Curso de Letras da FELCS
Grupo de Pesquisa Práticas Linguísticas Diferenciadas
Mestrado Profissional em Letras – ProfLetras/FELCS
Faculdade de Engenharia, Letras e Ciências Sociais do Seridó – FELCS
Universidade Federal do Rio Grande do Norte – UFRN

SUMÁRIO

APRESENTAÇÃO

Algumas palavras sobre (socio)cognitivismo: para o estudo textual das *fake news* e da relação entre linguagem, cognição e sociedade 8

Rafahel Parintins

Universidade Federal do Rio Grande do Norte – UFRN

EDITORIAL

***Fake News* e cognição social** 25

Edwiges Morato

Universidade Estadual de Campinas – UNICAMP

ENTREVISTA

Linguística de texto e formação de professores de língua portuguesa 31

Leonor Werneck dos Santos

Universidade Federal do Rio de Janeiro – UFRJ

RELATO DE EXPERIÊNCIA PROFISSIONAL

Didatização de gêneros acadêmicos: desmitificação e processo de produção 38

Andréa Oliveira de Souza Torres

Ana Gleise dos Santos Souza

Universidade do Estado da Bahia – UNEB

ARTIGOS

A força argumentativa das *fake news* em rede digital 48

Renata Palumbo

Faculdade SESI-SP de Educação – FASESP

Zilda Gaspar de Oliveira Aquino

Universidade de São Paulo – USP

- A conceptualização de *fake news* como evidência da cognição social** 68
Rafaely Carolina da Cruz
Instituto de Estudos da Linguagem IEL – UNICAMP
- Transgressões carnavalescas: uma análise discursiva do bloco de carnaval “as muquiranas”** 90
Luísa Gabrielli de Lima
Dantielli Assumpção Garcia
Universidade Estadual do Oeste do Paraná (UNIOESTE)
- O preconceito corintiano evidenciado nos discursos televisivos** 110
Lucas Andrey Rodrigues
Rafaela Tristão Schulz
Programa de Pós-Graduação em Letras da Universidade Estadual do Oeste do Paraná (UNIOESTE)
- Cenografia, ethos e argumentação de Unholy, de Sam Smith e Kim Petras** 123
Carlos Eduardo do Vale Ortiz
Programa de Pós-Graduação em Letras da Universidade Federal de Rondônia (UNIR)
Sorhaya Chediak
Programa de Pós-Graduação em Letras da Pontifícia Universidade Católica de São Paulo (PUC-SP)
- Multicontextos e cognição: as influências dos diferentes contextos para o desenvolvimento cognitivo** 140
Nádson de Oliveira de Sousa
Rede Pública Municipal de Trairi – CE
- Habermas e sua ética do discurso** 156
David de Jesus Costa
Secretaria Municipal de Educação do Rio de Janeiro e de Cabo Frio

**ALGUMAS PALAVRAS SOBRE (SOCIO)COGNITIVISMO:
PARA O ESTUDO TEXTUAL DAS *FAKE NEWS* E DA RELAÇÃO ENTRE
LINGUAGEM, COGNIÇÃO E SOCIEDADE**

Rafahel Parintinsⁱ

Intitulado *Estudos textuais e (socio)cognitivistas sobre questões sociais contemporâneas*, o dossiê temático desta edição da **Revista Saridh – Linguagem e Discurso**, é composto por esta Apresentação, um Editorial, por dois artigos científicos e por uma entrevista. O Editorial é de autoria da Dra. Edwiges Morato, professora e pesquisadora do Departamento de Linguística do Instituto de Estudos da Linguagem da Universidade Estadual de Campinas (IEL-UNICAMP) e intitula-se *Fake news e cognição social*. A professora, atualmente a maior especialista na área de texto e cognição (social), gentilmente aceitou escrever o Editorial desta edição, partindo dos estudos aqui publicados sobre *fake news*, de modo a abordar a temática do dossiê.

Os dois artigos científicos que compõem este dossiê intitulam-se *A conceptualização de fake news como evidência da cognição social*, de autoria de Rafaely da Cruz, e *A força argumentativa das fake news em rede digital*, de Renata Palumbo e Zilda Aquino. Ambos os textos dedicam-se ao estudo textual sociocognitivista das *fake news* e são apresentados por Morato, no Editorial.

A entrevista deste número foi realizada com a professora Dra. Leonor Werneck dos Santos, da Faculdade de Letras da Universidade Federal do Rio de Janeiro (UFRJ), sobre suas pesquisas e atividades acadêmicas no campo da Linguística Textual, da formação de professores e do ensino de Língua Portuguesa. A pesquisadora possui uma trajetória e reflexões altamente interessantes, relevantes e inovadoras nas suas áreas de atuação.

A professora Leonor Werneck dos Santos, em sua entrevista, conta um pouco sobre a trajetória da sua relação com a Linguística Textual e como o Grupo de Pesquisa em Linguística de Texto (GPLINT) que ela coordena, junto com o professor Dr. Dennis Castanheira, da Universidade Federal Fluminense (UFF), trabalha com uma visão sociocognitivista e interacional do texto, muitas vezes por meio de interfaces teóricas,

APRESENTAÇÃO

estudando, por exemplo, referenciação (tema sobre o qual comento mais adiante, nesta apresentação), tipologias e gêneros textuais. Da entrevista com a pesquisadora, destaco aqui as contribuições relatadas para o ensino de Língua Portuguesa e para a Linguística Textual. Particularmente em relação a esta área, saliento também o trabalho teórico e analítico que ela e colaboradores vêm realizando no campo do estudo das cadeias referenciais (SEARA; SANTOS, 2019; BARBALHO, 2022; LANES, 2023), tema cuja importância para a teoria da referenciação será aludida mais adiante.

Comento a seguir sobre a relação do tema das *fake news* com os estudos textuais e (socio)cognitivistas e faço uma apresentação mais ampla do campo dos estudos (socio)cognitivistas da linguagem, principalmente os que se dedicam ao estudo do texto, em uma abordagem interacionista (na seção que chamei de “Cognitismo e sociocognitismo”). Depois, faço considerações sobre texto, sociocognitismo e *fake news* (na seção “Texto, sociocognitismo e *fake news*”). Certamente, a apresentação do campo pode não apenas colaborar com a visibilidade dessas perspectivas como também contribuir para a leitura dos textos do dossiê e estimular futuras reflexões e empreendimentos empíricos sobre temas de pesquisa a ele concernentes. Aproveito para salientar que o uso dos parênteses nesta adjetivação, “(socio)cognitivista”, justifica-se, em acordo com a chamada do dossiê, pela ideia de aceitar, para essa temática, tanto trabalhos cognitivistas (não formalistas) quanto sociocognitivistas (sem parênteses), perspectivas sobre as quais comento mais adiante.

Cognitismo e sociocognitismo

Falar sobre as *fake news*, tema de alta relevância social para os tempos atuais, nos leva, em uma primeira visada, a uma reflexão, a princípio, evidente: a das relações entre linguagem (não apenas o seu papel informativo e comunicativo) e realidade social (como compreendê-la? Como atuar nela?), de modo que os textos aqui publicados, por não deixarem de tangenciar essa reflexão de fundo, interessam fortemente à temática deste pequeno, mas não modesto, “dossiê” sobre estudos textuais e (socio)cognitivistas sobre questões sociais contemporâneas.

Quando se analisam as *fake news*, pode-se explorar interdisciplinarmente questões tributárias da História, da Sociologia, da Antropologia, da Comunicação e, além disso, dos estudos da linguagem e da cognição desenvolvidos, por exemplo, na Filosofia da Linguagem, nas Ciências Cognitivas e na Linguística. Edwiges Morato, no Editorial, aponta, por exemplo, as seguintes questões concernentes ao estudo das *fake news*. Em suas palavras: a questão do “papel da intencionalidade, da moralidade, do compartilhamento de crenças e da confiança epistêmica” e das relações das *fake news* com “os fatores de constituição de uma infraestrutura pragmática da cognição humana (TOMASELLO, 2019)” relativos a/concernentes “a graus variados de reflexividade linguística e social dos participantes das práticas interacionais, à perspectivação conceitual, ao pensamento cooperativo, à coordenação de ação, à consideração de normas e valores socioculturais” (MORATO, 2023, neste volume).

Vale, também, destacar, do Editorial escrito por Morato, questões concernentes ao estudo das *fake news* que, como a própria autora lembra, não são linguísticas *stricto sensu*, mas que interessam aos estudos da linguagem. Essas questões (além de outras) podem servir de norte para a leitura de trabalhos como os de Cruz, Palumbo e Aquino, presentes neste dossiê. Nas palavras de Morato:

- a) “Se as *fake news* não têm compromisso com a verdade (ou com a correspondência entre linguagem e mundo), o que garantiria confiança epistêmica (cf. ORIGGI, 2004) ao campo jornalístico ou aos meios de comunicação de uma forma geral (inclusive, o da comunicação da ciência)?”
- b) “Poderíamos, ainda, somar uma outra pergunta a essa já formulada: de onde se controla o texto que mal informa, ou que informa mal?”

Embora os dois trabalhos publicados neste dossiê estejam mais voltados para a Linguística Textual, a chamada buscou atrair trabalhos de diferentes áreas (Linguística Textual e Linguística Cognitiva, principalmente) que adotassem uma perspectiva (socio)cognitivista da linguagem, o que levaria a assumir pelo menos alguns dos seguintes

APRESENTAÇÃO

pressupostos teóricos na tematização da relação entre linguagem, cognição e questões sociais:

- a) Uma concepção da cognição humana como constituinte (e não como “máquina de computação”) da linguagem (cognitivismo¹);
- b) Uma perspectiva de linguagem em uso ou, de maneira mais específica, de que a linguagem só se materializa por meio de textos, entendidos como unidades desse uso (KOCH, 2004);
- c) Uma perspectiva na qual tanto a cognição quanto a linguagem são constituídas por outras experiências e relações sociais (sociocognitivismo) (KOCH; CUNHA-LIMA, 2004; MORATO, 1996);
- d) Uma perspectiva, associada à última, de que as experiências e relações sociais constituintes da cognição e da linguagem são elas mesmas também constituídas por outros processos sociocognitivos (memória, atenção, percepção etc.) e por ações e práticas de linguagem (KOCH; CUNHA-LIMA, 2004).

Além da acepção usada acima, o termo “sociocognitivismo” tem sido também usado para designar a perspectiva [a], quer, dizer, de forma mais focal, nomeadamente o que chamamos aqui de cognitivismo, com base em Koch (2004). Esse sentido de “sociocognitivismo” remete aos estudos e fundamentos epistemológicos que a Linguística Cognitiva foi tecendo em sua trajetória, conforme está em Salomão (1999)² e na

¹ Refere-se aqui ao cognitivismo experiencialista, não clássico, não objetivista, conforme o texto esclarece adiante.

² O texto de Salomão (2003), que, a propósito, homenageia Ingedore Koch, parece apresentar um uso da qualificação “sociocognitivo” mais próximo do da linguista textual. Em 1999, no entanto, a mesma autora, Salomão, a meu ver, tocava de forma menos forte nos aspectos sociais da cognição, ainda que já o prenunciasse (ao mobilizar os trabalhos do sociólogo Erving Goffman, por exemplo) por conta, em parte, da abertura do cognitivismo experiencial, já ali presente, às experiências da sociabilidade e da socialização. A meu ver, o “sócio” aparece ali mais como *locus* do uso situado: “A alternativa que as semânticas construcionistas propõem a esta dicotomia indesejável [entre exclusão *versus* exclusividade do sujeito cognitivo, no estruturalismo, de um lado, e no gerativismo, de outro, respectivamente] é postular a linguagem como operadora da conceptualização *socialmente localizada* através da atuação de um sujeito cognitivo, *em situação comunicativa real*, que produz significados como construções mentais, a serem sancionadas *no fluxo interativo*. Em outras palavras, a hipótese-guia é que o sinal lingüístico (em concomitância com outros sinais) guie o processo de significação diretamente *no contexto de uso*. Pela sua ênfase equilibrada em todas as fontes de conhecimento disponíveis (gramática, esquemas conceptuais, *molduras comunicativas*), esta hipótese denomina-se *sócio-cognitiva*” (SALOMÃO, 1999, p. 64-65, colchetes e grifos meus).

APRESENTAÇÃO

apresentação de Miranda e Salomão (2009), em coletânea³. De modo semelhante, Chishman e Santos (2017) usam o termo nessa última acepção:

Para esse segundo grupo [as abordagens que Chishman e Santos chamam de ‘dimensão sociocognitiva’], o interesse de pesquisa recai sobre o modo como estruturas conceptuais estáveis ou *online* e suas projeções – princípios que embasam o funcionamento da cognição humana (MIRANDA, 1999) – permitem-nos compreender processos de referência [quer dizer, processos por meio dos quais a linguagem refere objetos do mundo, tema do texto das autoras]. São temas centrais para tais estudiosos os processos mentais como categorização, esquematização e projeções entre domínios (SALOMÃO, 2003). (CHISHMAN; SANTOS, 2017, p. 54, chaves minhas).

Como disse, as autoras adotam um uso do termo “sociocognitivo(ísmo)” presente em outros textos, como em Salomão (1999) e Miranda e Salomão (2009). Nos trabalhos referidos por Chishman e Santos na citação acima, que focam nas estruturas conceptuais e suas projeções, o papel das relações sociais (suas formas e dinâmicas) é menos enfatizado, de modo que as estruturas conceptuais ficam menos relacionadas às práticas e contextos sócio-histórico-culturais que as motivam (SALOMÃO, 2003; CHISHMAN; SANTOS, 2017), que as constituem ou que, ao mesmo tempo, são por elas constituídos (MORATO, 2010).

Salomão (2003) aproxima-se da visão aqui adotada (ver nota de rodapé 2 desta apresentação). Ao falar de como as duas abordagens tematizadas por Chishman e Santos (2017) (uma de “dimensão sociocognitiva”, sobre a qual elas comentam na citação acima, e outra de “afiliação interacional e discursiva”⁴) convergem e, ao mesmo tempo, se diferenciam (apenas por ênfase), no caso do tratamento da questão da referência, a autora (SALOMÃO, 2003) destaca:

³ Silva (2009) também utiliza o termo, mas para se referir mais especificamente a uma Sociolinguística Cognitiva.

⁴ O termo “discurso” é aqui geralmente entendido como situação de uso, em seu caráter de evento comunicativo. Morato e Bentes (2017) e Bentes e Morato (2021), no entanto, adotam uma concepção um pouco diferente: “Em consonância com uma perspectiva de base sociocognitiva, assumiremos ao longo deste ensaio a concepção de discurso resumida na formulação de Garay, Íñiguez e Martínez (2005, pp. 110-11): ‘[...] um conjunto de práticas linguísticas que mantém e promove certas relações sociais’” (MORATO; BENTES, 2017, p. 14, nota de rodapé 2).

As abordagens discursivas [entendidas aqui nesta Apresentação como tendencialmente sociocognitivistas⁵] e cognitivas [chamadas, elas sim, por Chishman e Santos de sociocognitivas] da referência *convergem no reconhecimento da cena comunicativa como condição fundadora dos processos interpretativos*: a divergência teórica entre elas se produz por uma *diferenciação de ênfase* nas respectivas agendas de pesquisa. Enquanto os estudos discursivos mais se guiam pelos aspectos sociais da gênese do sentido (a microfísica da interação, os gêneros textuais, as ordens ideológicas subjacentes), os estudos cognitivos têm preferido focalizar os processos mentais de categorização e esquematização, as projeções entre domínios epistêmicos, as transferências figurativas da estrutura conceptual, o gerenciamento do fluxo discursivo. (SALOMÃO, 2003, p. 77, chaves e grifos meus).

Como se nota, a ênfase proposta pelos estudos cognitivos ou cognitivistas (de vertente experiencialista)⁶ constitui uma agenda muito interessante (do ponto de vista teórico-analítico) não alheia ao sociocognitismo (pelo contrário, a diferença é apenas de ênfase) e geralmente voltada para questões de língua (morfossintaxe, léxico, semântica), ainda que possa observá-las em contextos discursivos⁷. No entanto, uma abordagem sociocognitivista é aquela que adota fortemente o princípio de que “a cognição é um fenômeno situado e social” (KOCH; CUNHA LIMA, 2004, p. 277), não deixando de ser constituída pelas citadas estruturas que o cognitivismo investiga (por vezes, no entanto, em uma visada mais dinâmica). Em uma perspectiva sociogênica, por exemplo, de base vygotskyana, a cognição é entendida como:

⁵ No entanto, pode haver diferentes tipos de interacionismo e de perspectivas discursivas no sociocognitismo. A propósito dos interacionismos na Linguística, remeto à discussão empreendida por Morato (2004). Uma perspectiva sociocognitivista como a de Tomasello (1999) prevê, mas explora pouco o caráter discursivo (em termos de evento comunicativo, local) da cognição humana, uma vez que esse pesquisador foca na relação entre cultura, filogênese e ontogênese dessa cognição. No entanto, não deixa de ter uma perspectiva interacionista, em diferentes sentidos, inclusive no sentido vygotskiano. O sociocognitismo de van Dijk (2012 [2008], por exemplo) e o sociocognitismo interacionista (KOCH, 2004), por sua vez, têm como um de seus princípios analíticos a exploração do papel da cognição na produção e na compreensão do texto/discurso.

⁶ O rótulo de cognitivismo também pode ser aplicado a ênfases teóricas aqui não tematizadas, mas epistemologicamente relacionadas, como o conexionismo e o enacionismo – conferir, por exemplo, o que dizem Koch (2004), Koch e Cunha-Lima (2004) e França e Albano (2004) sobre elas.

⁷ Vale destacar que “uma análise que se limite ao nível textual e discursivo, mesmo que revele toda a riqueza da argumentação textualmente desenvolvida, dos processos de referenciação e da construção do objeto de discurso, irá deixar de buscar as instâncias cognitivas mais estáveis, como as metáforas conceptuais, modelos cognitivos idealizados (MCIs- LAKOFF, 1987) ou *frames*, que subjazem ao que parece, em um primeiro olhar não informado, totalmente inédito” (MOURA, VEREZA E ESPÍNDOLA, 2013, p. 191)

um conjunto de processos por meio dos quais somos capazes de organizar o mundo em termos simbólicos e nele atuar de forma semioticamente variada, adquirindo, armazenando, construindo e modificando conhecimentos em meio a práticas sociais situadas e compartilhadas no decurso de nossas mais variadas *inter-ações*. Essa concepção ressalta a natureza sociocultural de nossa vida mental. (MORATO, 2017, p. 400, grifos do original).

Ainda assim, é possível que mesmo os estudos sociocognitivistas (muitos dedicados ao estudo do texto/discurso – ver nota de rodapé 5) poderiam aprofundar, quando os objetivos da pesquisa assim exigirem, a compreensão das relações entre linguagem, texto, cognição, formas de organização social (LIMA, 2014) e processos sócio-histórico-culturais (MORATO, 2001; PARINTINS, 2021), com a colaboração indispensável de teorias sociais (MARCUSCHI, 2007). Um aprofundamento maior desse tipo de investigação depende de empreendimentos interdisciplinares (MORATO, 2001), da colaboração com pesquisadores de outras áreas, se o interesse for incluir a observação sistemática de “estruturas” e práticas sociais eminentemente “extratextuais”⁸.

Em uma perspectiva sociocognitivista, a linguagem não se restringe a um domínio cognitivo independente de outros, que calcularia combinações regradadas de símbolos de forma a representar entidades e estados de coisas (como no gerativismo). Não sendo necessariamente simbólica (KOCH, CUNHA-LIMA, 2004, p. 271), a linguagem consiste em um conjunto de ações, práticas e/ou estratégias que dependem de processos sociocognitivos “internos” e “externos” (gramaticais, semânticos, mnésicos, atencionais, sensorio-perceptuais, conceptuais, culturais, sociais etc.) para a construção do sentido por meio de textos, de modo a perspectivar, categorizar e/ou enquadrar cenas interativas da vida em sociedade e outros tipos de experiências mundanas. Os trabalhos de Koch e Cunha-Lima (2004) e de Salomão (1999) são fundamentais para a compreensão dessa perspectiva sociocognitivista.

⁸ Não se trata, pois, da “combinação descriteriosa de abordagens distintas a fim de cumprir [artificialmente] com uma agenda interdisciplinar” (CHISHMAN; SANTOS, 2017, p. 68, chaves minhas).

Texto, sociocognitismo e *fake news*

As experiências, processos e relações sociais podem alcançar alta relevância sócio-histórica, configurando-se como uma questão social contemporânea. A partir da perspectiva dialética do sociocognitismo, no entanto, as questões sociais podem ser tomadas também como questões de linguagem e de cognição (social), uma vez que as relações sociais são operadas ou construídas por seres linguísticos e cognoscentes.

É bem o caso das *fake news*. É verdade que elas tocam em questões eminentemente “sociais” (i. e. históricas, políticas, antropológicas, sociológicas), como a questão das práticas de (des)informação nas mídias sociais e das formas de combatê-las. Mas é verdade também que, além desses motivos, as *fake news* despertam interesse científico no(a) linguista de linhagem textual-discursiva e/ou sociocognitivista (como as autoras que publicam neste dossiê), por elas, as *fake news*, também serem objetos linguístico-cognitivos. Os estudos sociocognitivistas das *fake news* podem, assim, salientar seu caráter textual-discursivo e sociopolítico (Bentes e Souza-Santos (2023), por exemplo) e/ou ver nelas, nas *fake news*, uma possibilidade de enfrentar empiricamente, pelo menos como uma de suas questões de fundo, indagações clássicas sobre a linguagem e a cognição humana, a partir de um olhar empírico, social, do texto.

É notável que as *fake news* podem ser vistas como um campo empírico importante cujo estudo pode tocar na velha questão do papel da linguagem perante a realidade – e da realidade perante a linguagem. Essa questão pode ser o pano de fundo filosófico e social de investigações provenientes do estudo do texto e da cognição, com possíveis implicações de caráter sociopolítico. A linguagem, nessa perspectiva, não se refere a um suposto mundo pronto *a priori*, objetivo, “majestoso”, “circunspecto”, “submetido à vista humana”, como diz Carlos Drummond de Andrade, no poema *A máquina do mundo*. A linguagem; quer dizer, os *textos* são construtores de sentidos sobre o mundo, como postulam os saudosos fundadores da Linguística Textual no Brasil, Ingedore Koch e Luiz Antonio Marcuschi. Também por isso, a linguagem (os textos) faz coisas, sendo, desse modo, uma forma de ação na realidade social, não tão somente de descrição, declaração, constatação ou relato dessa

APRESENTAÇÃO

realidade (AUSTIN, 1962) ou ainda de mera expressão, (de)codificação do pensamento (KOCH, 2002).

Koch e Marcuschi, no entanto, ao entenderem que os textos são “*lugar(es) de interação* entre atores sociais e de construção interacional de sentidos” (KOCH, 2004, p. XII, grifo da autora) – quer dizer, não expressam ideias e pensamentos que refletem (no sentido forte do verbo), de forma objetiva, uma realidade pronta – preocupavam-se em não desembocar em um subjetivismo (SALOMÃO, 2003), como o de uma realidade produzida exclusivamente no aqui e agora dos encontros interativos, sem nenhuma mediação, motivação ou ancoragem sociocognitiva (o que seria um tipo de idealismo).

A perspectiva sociocognitivista assumida por Koch (2004) e Marcuschi (2007, 2008) herda influências de estudos das Ciências Cognitivas, a partir dos anos 80 (KOCH, 2004; KOCH, CUNHA-LIMA, 2004). Dentre essas influências, está a de um tipo de realismo. É um realismo experiencialista (LAKOFF, 1987; LAKOFF; JOHNSON, 1999), que assume uma realidade “amorfa”, que ganha forma e sentido para o ser humano, que é um ser social, a partir das suas condições de existência: suas formas de perceber, sentir e compreender mediadas pelas características morfofuncionais de seu corpo (e, portanto, também de seu córtex cerebral), pelas suas formas de conceptualizar o mundo e pelas suas condições socioculturais. A experiência humana é, portanto, fundamental, nessa concepção de linguagem e de cognição.

Segundo o realismo experiencialista, que é anti-objetivista, a categorização do mundo estaria baseada, na verdade, em nossas experiências corpóreas. Trata-se da hipótese da “mente corporificada”. O corpo e a cognição seriam, então, importantes mediadores da conceptualização do mundo e da relação entre linguagem e realidade. Essa pode ser considerada uma “ancoragem”⁹ corpóreo-experiencial da linguagem e da cognição.

Outra “ancoragem” da cognição, segundo Koch e Cunha-Lima (2004), são as interações sociais. A cognição, assim, não é apenas um conjunto de processos que ocorre no indivíduo. A cognição é também social no sentido de poder ser “computada” em

⁹ A ideia de “ancoragem” tem sido bastante destacada por Edwiges Morato em suas reflexões, com base em Marcuschi (2007) e em outros autores. “Ancorar” seria como dar estabilidade sociocognitiva às construções de sentido, evitando, assim, ou diminuindo as possibilidades de “deriva simbólica”, como diz Morato, no Editorial, citando Salomão (2003, p. 8). Conferir, por exemplo, Morato *et al.* (2017) sobre o papel de *frames* na organização tópica de conversações entre afásicos e não afásicos.

APRESENTAÇÃO

coletividades, em meio às interações sociais. Daí a ideia de sociocognitivismo interacionista, abordagem que a Linguística Textual adotou a partir, principalmente, dos trabalhos de Koch (2002; 2004) e Marcuschi (2007; 2008)¹⁰. A linguagem em uso, nessa perspectiva, materializa-se em textos e esses textos não são apenas compostos por ações linguísticas, mas também por outras ações sociocognitivas convergentes, segundo Beaugrande (1997).

Vale ressaltar o que diz Morato, no Editorial, sobre a relevância da compreensão da natureza dos textos para a compreensão das condições sócio-simbólicas nas quais as *fake news* constroem sentidos e versões do mundo:

É por meio, pois, das unidades as mais correntes de uso da linguagem que conhecemos, isto é, os *textos* (orais, escritos, multimodais), tomadas como ‘formas reificadas de cognição social’ (ANTOS, 1997; KOCH, 2002), que enfrentamos não apenas os riscos da ‘deriva simbólica’ (Salomão, 2003, p. 83), como também as práticas falaciosas que afetam campos sociais como o jornalístico e outros.

Os muitos trabalhos científicos pautados pela natureza textual e cognitiva das *fake news* atuam na direção de desvelar mais e mais os processos que configuram nossa representação do mundo. A insídia, a fraude, a manipulação e o descompromisso com (o conhecimento sobre) a realidade dos fatos, comuns no entendimento das *fake news*, acabam ressaltando a natureza sociocognitiva da comunicação humana e as ações que ocorrem a partir dela. (MORATO, 2023, nesta edição).

Podemos apontar, a partir dos arrazoados tecidos aqui, que há motivações ou mediações para a ontologia da relação entre linguagem, mundo e cognição. Na verdade, segundo Salomão (1999), há um “oceano de motivações” em jogo. No caso das *fake news*, os processos sociopolíticos dos quais elas fazem parte (BENTES; SOUZA-SANTOS, 2023) são também fundamentais para compreender sua natureza textual e sociocognitiva (como bem lembra Morato, no Editorial), bem como os impactos sociais que elas podem provocar e as implicações educativas que seu estudo pode trazer à tona.

Ora, em parte, as *fake news* “causam” impacto social por conta da natureza constitutiva da linguagem em uso, dos textos. Pelo menos desde Mondada e Dubois (1995)

¹⁰ A Linguística Textual apresenta diferentes tendências teóricas fora do Brasil e mesmo em território nacional. O diálogo entre a Linguística Textual estrangeira e a brasileira é constante desde a sua fundação como área da Linguística no Brasil. Uma perspectiva efetivamente sociocognitivista e interacionista nem sempre é adotada.

APRESENTAÇÃO

e Apothéloz e Reichler-Béchélin (1995), entende-se que os textos constroem sentidos (locais) por construírem objetos-de-discurso (e não objetos do mundo tomados em uma perspectiva objetivista) por meio dos processos de referenciação; quer dizer, segundo essa teorização, os textos não são “espelhos semânticos” de entidades ou estados de coisas externas a eles. Essa tese foi importante, por exemplo, para resolver questões de coesão textual, entendida à época como principal critério objetivo da textualidade. As análises de base formalista (estruturalista, semântico-formal e/ou estritamente gramatical) não davam conta de resolver muitos desses problemas, como no caso das anáforas associativas (conferir Koch (2004), por exemplo).

A “teoria da referenciação” dá conta de problemas de coesão como esses, por aventar, dentre outras coisas, construtos sociocognitivos, como as diferentes formas de enquadres ou *frames*, dentre outros (MORATO *et al.*, 2017; MARCUSCHI, 2007; conferir também a entrevista com Leonor Werneck dos Santos, nesta edição). A teoria também reposiciona a coesão, em parte, como uma questão de articulação textual e, também em parte, como componente (não obrigatório) dos processos referenciais desenvolvidos no texto. Além disso, é possível vislumbrar, a partir dessa teoria, a possibilidade de os processos referenciais participarem, de alguma forma, da construção, da compreensão e da atuação “textual” dos interagentes na realidade social. Desse ponto de vista, as práticas sociais não são apenas “textualmente revestidas, mas também textualmente *investidas*” (MORATO, 2017, p. 419, grifos do original). Esse é o *leitmotiv* investigativo de trabalhos como o de Bentes e Rezende (2017), Xavier (2018) e Parintins Lima (2019), entre outros, que utilizam a noção de cadeia referencial¹¹. Tal veio de investigação permite explorar o papel da referenciação como forma de ação social (BENTES; REZENDE, 2017) e do texto como forma de cognição social (ANTOS, 1997; KOCH, 2004).

A teoria da referenciação levanta possibilidades teóricas e questões empíricas até hoje relevantes sobre as relações entre texto, cognição e sociedade, de modo a “ancorar” teórica e empiricamente estudos dessa natureza nos processos construtivos do texto como

¹¹ Pesquisadores ligados ao Grupo de Pesquisa em Linguística do Texto (GPLINT), coordenado por Leonor Werneck dos Santos (UFRJ) e Dennis Castanheira (UFF) têm apresentado contribuições importantes para a teorização e a análise de cadeias referenciais. Confira a entrevista com Leonor dos Santos nesta edição. A pesquisadora cita, a propósito, os trabalhos de Seara e Santos (2019), Barbalho (2022), Lanes (2023).

APRESENTAÇÃO

evento interativo – e não apenas como frase ou signo complexo, “expansão temática”, “macroato de fala”, “discurso congelado” ou mero instrumento de comunicação (KOCH, 2004, p. XII). Além das estratégias referenciais e da coesão, esses processos consistem, por exemplo, em outros fatores de textualização: a coerência, a informatividade, a intencionalidade, a intertextualidade, a situacionalidade, a aceitabilidade, a contextualização, a concernência e a relevância, a organização tópica, a progressão temática (BEAUGRANDE; DRESSLER, 1981; KOCH, 2004; MARCUSCHI, 2008). Para uma apresentação e discussão dos fatores de textualidade, remeto o(a) leitor(a) a Koch (2004) e Marcuschi (2008)).

A teorização sobre referenciação e a discussão sobre as estratégias textuais e as funções sociocognitivas que ela desempenha podem ser estudadas em textos fundamentais como, por exemplo, os de Mondada e Dubois (1995), Koch e Marcuschi (1998), Koch (2002; 2004), Marcuschi (2007; 2008) e nas coletâneas de Koch, Morato e Bentes (2005) e de Cavalcante, Rodrigues e Ciulla (2003). A relação do realismo experiencialista (Lakoff, 1987) com os estudos da referenciação pode ser consultada, por exemplo, em Salomão (2003) e Chishman e Santos (2017).

Se as *fake news*, de alguma forma, “causam” impacto social, não em decorrência unicamente de si mesmas, a ideia, também já clássica, de que a linguagem – os textos – exerce influência sobre a realidade social (porque *dizer é fazer* – cf. AUSTIN, 1962), não sendo apenas construtora de sentidos locais (por poder reverberar em outras interações, como observa Agha (2006), por exemplo) pode ser revisitada de modo que compreendamos melhor as condições de diversas ordens que permitem, por exemplo, possíveis enquadramentos ou modelamentos sociocognitivos e discursivos (BENTES; MORATO, 2021) que os textos, inclusive as *fake news*, podem (ajudar a) construir. Nesse contexto teórico e analítico, no campo dos estudos textuais-discursivos e/ou sociocognitivistas, pode-se remeter o(a) leitor(a) aos trabalhos de Bentes e Morato (2021) e de Bentes e Souza-Santos (2023), por exemplo.

As relações sociais e a linguagem, então, podem ser consideradas mediadoras da cognição (social). Tal (hipó)tese não é totalmente nova e ecoa novamente uma visão vygotskiana, fazendo-nos retomar a postulação de que “não há possibilidades integrais de

APRESENTAÇÃO

pensamento ou domínios cognitivos fora da linguagem, nem possibilidades de linguagem fora de processos interativos humanos” (MORATO, 1996).

Os estudos textuais e sociocognitivos de questões sociais contemporâneas, como as *fake news*, junto com outras questões, como a das relações raciais, dos gêneros, das sexualidades etc., são contextos empíricos em torno dos quais se pode esperar uma trajetória de pesquisas, já iniciada (como testemunham os artigos deste dossiê, além de outros numerosos trabalhos da área), bastante produtiva para as perspectivas textuais e sociocognitivistas aqui apresentadas.

Desejo uma boa leitura!

Agradecimentos

Agradeço ao Editor chefe da **Revista Saridh – Linguagem e Discurso**, Antonio Genário Pinheiro dos Santos, meu colega na FELCS-UFRN, por me convidar para organizar o presente dossiê e por ter me dado todo apoio necessário para tal trabalho;

Agradeço às autoras que submeteram seus trabalhos para o dossiê temático, Renata Palumbo, Zilda Aquino e Rafaely da Cruz, sem os quais esta edição não poderia existir; os trabalhos apontam aspectos textuais-discursivos e/ou sociocognitivos importantes para a análise e a teoria sobre as *fake news*;

Agradeço a Leonor Werneck dos Santos, por aceitar o convite para ser entrevistada para esta edição e por respondê-lo de uma forma tão generosa. Foi com muita honra, prazer e entusiasmo que recebi os relatos sobre seu trabalho, na entrevista;

Agradeço a Edwiges Morato, por aceitar o convite para escrever tão brilhantemente o Editorial deste dossiê, levantando, de forma engajada, questões que ela mesma tem perseguido em suas pesquisas;

Agradeço ao meu colega e amigo professor Dr. Erik Miletta Martins (UFRN) por fazer a leitura prévia e sugerir acréscimos à versão anterior desta Apresentação.

Referências

AGHA, Asif. *Language and social relations*. Cambridge: Cambridge University Press, 2006.

ANTOS, Gerd. Texte als Konstitutionsformen von Wissen Thesen zu einer evolutionstheoretischen Begründung der Textlinguistik. In: ANTOS, G.; TIETZ, H. (Ed.). *Die Zukunft der Textlinguistik*. Traditionen, Transformationen, Trends. Tübingen: Niemeyer, 1997. p. 43-63.

APOTHÉLOZ, Denis; REICHLER-BÉGUELIN, Marie-José. Construction de la référence et strategies de désignation. *TRANEL*, 23 – du syntagme nominal aux objets-de-discours, 1995, p. 227-271.

AUSTIN, John Langshaw. *How to do things with words*. Harvard College, 1962.

BARBALHO, Cristiane. *Referenciação na construção argumentativa do gênero depoimento oral em audiências com tipificação de feminicídio*. Tese (doutorado), Universidade Federal do Rio de Janeiro, Faculdade de Letras, Programa de Pós-graduação em Letras (Letras Vernáculas), 2022.

BEAUGRANDE, Robert de. *New foundations for a science of text and discourse: cognition, communication, and freedom of access to knowledge and society*. Norwood, New Jersey: Alex, 1997.

BEAUGRANDE; Robert de; DRESSLER, Wolfgang. *Einführung in die Textlinguistik*. Tübingen: Niemeyer, 1981.

BENTES, Anna Christina; REZENDE, Renato. Linguística Textual e Sociolinguística. In: SOUZA, Edson; CINTRA, Marcos; PENHABEL, Eduardo. (Orgs.). *Linguística Textual: interfaces e delimitações*. São Paulo: Cortez, 2017.

BENTES, Anna Christina; MORATO, Edwiges. Expressões de violência verbal e reflexividade face ao modelamento da pandemia de Covid-19. *Calidoscópio*, São Leopoldo, 19(1): 18-31, 2021. DOI: <https://doi.org/10.4013/cld.2021.191.02>

BENTES, Anna Christina; SOUZA-SANTOS, José Elderson de. Fake news como produção textual disruptiva: os abalos nos campos sociais. *Cadernos de Estudos Linguísticos*, Campinas, SP, v. 65, n. 00, p. 023014, 2023. DOI: 10.20396/cel.v65i00.8673341. Disponível em: <https://periodicos.sbu.unicamp.br/ojs/index.php/cel/article/view/8673341>.

CAVALCANTE, Mônica Magalhães; RODRIGUES, Bernadete Biasi; CIULLA, Alena. (Org.). *Referenciação*. São Paulo: Contexto, 2003.

CHISHMAN, Rove; SANTOS, Aline Nardes dos. O locus da referência na linguística cognitiva: realismo corporificado, projeções conceituais e o desafio da interface discurso-cognição. *Cadernos de Estudos Linguísticos*, v. 59, n. 1, Campinas, pp. 53-71 - jan./abr. 2017.

FRANÇOZO, Edson; ALBANO, Eleonora. As vicissitudes do cognitivismo: revisitadas. In: MUSSALIM, Fernanda; BENTES, Anna Christina (Orgs.). *Introdução à Linguística*. Volume 3: fundamentos epistemológicos. São Paulo: Cortez, 2004.

KOCH, Ingedore Villaça; MARCUSCHI, Luiz Antonio. Processos de referenciação na produção discursiva, *DELTA*, v. 14, n. especial, 1998, 169-190. Disponível em: <https://revistas.pucsp.br/index.php/delta/article/view/43402>

KOCH, Ingedore Villaça. *Desvendando os segredos do texto*. São Paulo: Contexto, 2002.

KOCH, Ingedore Villaça. *Introdução à Linguística Textual*. São Paulo: Martins Fontes, 2004.

KOCH, Ingedore Villaça; CUNHA-LIMA, Maria Luiza. Do cognitivismo ao sociocognitivismo. In: MUSSALIM, Fernanda; BENTES, Anna Christina (Org.). *Introdução à Linguística*. Volume 3: fundamentos epistemológicos. São Paulo: Cortez, 2004.

LAKOFF, George. *Women, fire, and dangerous things: what categories reveal about the mind*. Chicago: University of Chicago Press, 1987.

LAKOFF, George; JOHNSON, Mark. *Philosophy in the Flesh*. New York: Basic Books, 1999.

LANES, Luiza Guimarães. *Referenciação e argumentação em redações modelo Enem*. Dissertação (mestrado), Universidade Federal do Rio de Janeiro, Faculdade de Letras, Programa de Pós-graduação em Letras (Letras Vernáculas), 2023.

LIMA, Rafahel Jean Parintins. *Perspectivações sociais no Centro de Convivência de Afásicos do IEL-UNICAMP*. Dissertação (Mestrado em Linguística), Instituto de Estudos da Linguagem, Universidade Estadual de Campinas, Campinas, 2014.

MORATO, Edwiges Maria; BENTES, Anna Christina (Org.) *Referenciação e discurso*. São Paulo: Contexto, 2005.

MARCUSCHI, Luiz Antonio. *Cognição, linguagem e práticas interacionais*. Rio de Janeiro: Lucerna, 2007.

MARCUSCHI, Luiz Antonio. *Produção textual, análise de gêneros e compreensão*. São Paulo: Parábola, 2008.

MIRANDA, Neusa Salim; SALOMÃO, Margarida (Orgs.). *Construções do português do Brasil: da gramática ao discurso*. Belo Horizonte: EDUFMG, 2009.

MONDADA, Lorenza; DUBOIS, Danièle. Construction des objets de discours et categorization: une approche de processus de référénciation. In: Berrendonner, A. et M.-J. Reichler-Béguelin (eds.), 1995, p. 273-302.

MORATO, Edwiges. *Linguagem e cognição: as reflexões de L. S. Vygotsky sobre a ação reguladora da linguagem*. São Paulo: Plexus, 1996.

MORATO, Edwiges. Linguagem, cultura e cognição: contribuições dos estudos neurolinguísticos. In: Eduardo Fleury MORTIMER; SMOLKA, Ana Luiza Bustamante (Orgs.), *Linguagem, cultura e cognição: reflexões para o ensino e a sala de aula*. Belo Horizonte: Autêntica, 2001, p. 63-75.

MORATO, Edwiges. O interacionismo no campo linguístico. In: MUSSALIM, Fernanda; BENTES, Anna Christina (Org.). *Introdução à Linguística*. Volume 3: fundamentos epistemológicos. São Paulo: Cortez, 2004.

MORATO, Edwiges. A noção de frame no contexto neurolinguístico: o que ela é capaz de explicar? *Cadernos de Letras da UFF*, v. 41, 2010, p. 93-113.

MORATO, Edwiges. Linguística Textual e Cognição. In: SOUZA, Edson; CINTRA, Marcos; PENHAVEL, Eduardo (Orgs.). *Linguística Textual: interfaces e delimitações*. São Paulo: Cortez, 2017.

MORATO, Edwiges; BENTES, Anna Christina. “O mundo tá chato”: algumas notas sobre a dimensão sociocognitiva do politicamente correto na linguagem. *Revista USP*, São Paulo, n. 115, p. 11-28, out./nov./dez. 2017.

MORATO, Edwiges *et al.* O papel dos frames na organização do tópico discursivo e na coesividade comunicacional na interação entre afásicos e não afásicos. *Cadernos de Estudos Linguísticos*, Campinas, SP, v. 59, n. 1, p. 91–110, 2017. DOI: 10.20396/cel.v59i1.8648347. Disponível em: <https://periodicos.sbu.unicamp.br/ojs/index.php/cel/article/view/8648347>.

MORATO, Edwiges. Fake news e cognição social. Editorial. *Saridh – Linguagem e Discurso*, v. 5, n. 2, 2023.

MOURA, Heronides; VEREZA, Solange; ESPÍNDOLA, Lucienne. Metáfora e contexto: entre o estável e o instável. *Interdisciplinar: Edição Especial ABRALIN/SE, Itabaiana/SE, Ano VIII*, v.17, 2013, jan./jun.

PARINTINS, Rafahel. Aspectos sociocognitivos de representações racistas na linguagem metafórica. *Cadernos de Linguística*, [S. l.], v. 2, n. 4, p. e515, 2021. DOI: 10.25189/2675-4916.2021.v2.n4.id515. Disponível em: <https://cadernos.abralin.org/index.php/cadernos/article/view/515>

SALOMÃO, Margarida. A questão da construção do sentido e a revisão da agenda dos estudos da linguagem. *Veredas*, v. 3, n. 1, p. 61-79, 1999.

SALOMÃO, Margarida. Razão, Realismo e Verdade: o que nos ensina o estudo sociocognitivo de referência. *Caderno de Estudos Linguísticos*, vol. 44, 2003, p. 71-84.

SEARA, Isabel Roboredo; SANTOS, Leonor Santos Werneck dos. Linguagem e poder nas mídias brasileira e portuguesa. *DIACRITICA*, v. 33, p. 122-137, 2019.

SILVA, Augusto Soares da. A Sociolinguística Cognitiva: razões e objectos de uma nova área de investigação linguística. *Revista Portuguesa de Humanidades – Estudos Linguísticos* 13-1, 2009, pp. 191-212.

APRESENTAÇÃO

TOMASELLO, Michael. *The cultural origins of human cognition*. Harvard University Press, 1999.

VAN DIJK, Teun. *Discurso e contexto: uma abordagem sociocognitiva*. São Paulo: Contexto, 2012 [2008].

XAVIER, Felipe. *Jornadas referenciais: a construção de um objeto de discurso em editoriais da Folha de S. Paulo durante as manifestações de junho de 2013*. Campinas, 2018. 149f. Dissertação (Mestrado em Linguística). Instituto de Estudos da Linguagem, Universidade Estadual de Campinas – IEL-UNICAMP, 2018.

ⁱ Professor de Linguística da Faculdade de Engenharia, Letras e Ciências Sociais do Seridó Universidade Federal do Rio Grande do Norte (FELCS-UFRN). Organizador do Dossiê Temático *Estudos textuais e (socio)cognitivistas sobre questões sociais contemporâneas* – Revista Saridh: linguagem e discurso, v.5, n.2 – 2023/FELCS/UFRN.

E-mail: rafahelparintins@gmail.com

Lattes ID: <https://lattes.cnpq.br/7676055251109350>

ORCID: <https://0000-0003-0128-3068>

FAKE NEWS E COGNIÇÃO SOCIAL

Edwiges Moratoⁱ

Comentário do Editor

Este Editorial é de autoria da professora Dra. Edwiges Morato. Edwiges Morato é professora e pesquisadora do Departamento de Linguística do Instituto de Estudos da Linguagem da Universidade Estadual de Campinas (IEL-UNICAMP). Ela é mestra e doutora em Linguística pela mesma Universidade, com período sanduíche na Université de Sorbonne-Nouvelle (Paris III), na França. Graduou-se em Linguística pela Universidade Estadual de Campinas e em Fonoaudiologia pela Pontifícia Universidade Católica de Campinas (PUCAMP). cursou também Especialização na Faculdade de Educação da UNICAMP. Fez dois pós-doutorados: um na Universidade de Paris XII e outro na Université Lumière II (França). Foi visitante do Institut Jean Nicod (França). A professora pode ser considerada atualmente como a maior especialista brasileira na área dos estudos do texto e da cognição (social), objetos de interesse deste dossiê temático.

Edwiges Morato é também líder do Grupo de Pesquisa COGITES (Cognição, Interação e Significação)¹ sediado no IEL-UNICAMP. O COGITES tem desenvolvido achados pioneiros e importantes na “1. Análise de processos linguísticos e sociocognitivos envolvidos em práticas interacionais variadas, com foco nas seguintes questões: enquadres cognitivos (frames, modelos de contexto, metáforas, etc.), referência, tópico discursivo, processos de ordem meta, figuratividade, multimodalidade, entre outras. 2. Descrição e análise de patologias linguístico-cognitivas, em especial as afasias e a Doença de Alzheimer; reanálise da semiologia neurolinguística. 3. Constituição e análise de corpora variados de linguagem em uso” (Diretório dos Grupos de Pesquisa do CNPq, Conselho Nacional de Desenvolvimento Científico e Tecnológico)².

É com sentimento de honra e alegria que abrimos este dossiê temático com Editorial da professora Edwiges Morato.

¹ O site oficial do Grupo de Pesquisa COGITES pode ser acessado em: <https://cogites.iel.unicamp.br/>.

² O espelho do Grupo de Pesquisa no Diretório dos Grupos de Pesquisa do CNPq pode ser acessado em: <https://dgp.cnpq.br/dgp/espelhogrupo/2202765260058603>

Os dois textos que integram a seção intitulada “Estudos textuais e (socio)cognitivistas sobre questões sociais contemporâneas” se pautam pela análise das *fake news*, fenômeno cuja compreensão integra os interesses do estudo da cognição humana e sua infraestrutura pragmática (que envolve, segundo Tomasello, 2019, sociabilidade, cooperação, moralidade, compartilhamento de intenção, aprendizagem cultural, entre outros processos próprios da vida associada).

O primeiro deles, de autoria de Cruz, intitulado **A conceptualização de *fake news* como evidência da cognição social**, dedica-se a compreender, por meio de *frames* (notícia, boato, mentira, informação falsa), como se dá a recepção e a disseminação de *fake news*, indicando que esse fenômeno é forjado em meio a processos sociocognitivos como cooperação, perspectivação e experiências individuais e sociais. Os dados analisados pela autora são extraídos de comentários realizados em uma das aulas (“O que são *fake news*?”) do curso *online* “Cidadania digital e leitura crítica: como analisar informações falsas”, disponível no portal TEC Sala de Aula.

O segundo texto da seção, de autoria de Palumbo e Aquino, intitulado **A força argumentativa das *fake news* em rede digital**, analisa vinte e oito textos falaciosos – associados à tomada de posse do presidente eleito Lula da Silva e à suposta intervenção do ex-presidente Jair Bolsonaro e das Forças Armadas para impedi-la – disponibilizados no site Aofatos.org e relacionados aos resultados das eleições presidenciais brasileiras de 2022.

O primeiro texto destaca as condições de emergência das *fake news* com base em Bentes (2018) que afirma, em entrevista concedida à “Revista do Instituto Humanitas Unisinos”:

No caso das *fake news*, os contextos parecem ser o de 1) polarização de visões de mundo; 2) guerra híbrida e 3) possibilidade de disseminação rápida, via grandes plataformas (Facebook, Twitter, Whatsapp, Google) de assuntos considerados urgentes, sensacionais e/ou de grande interesse (especialmente político, cultural, econômico, científico etc.)

Cruz pondera que nem sempre a disseminação de notícias falsas é feita intencionalmente, sendo frequente que seu receptor deixe de proceder de algum modo à verificação da veracidade dos eventos narrados ou noticiados. Nesse contexto, como a autora afirma, a disseminação de *fake news* pode ser feita por *bots*, o que permite que sua produção se transforme em uma verdadeira indústria.

O segundo texto indica que a repetição, no *corpus* analisado, destaca-se como a estratégia textual e sociocognitiva central na dinâmica argumentativa de disseminação de *fake news* nas redes digitais. Segundo as autoras: “Do ponto de vista argumentativo, as *Fake News*, nas redes digitais, precisam ser examinadas a partir de agrupamento de textos-discursos, uma vez que é o conjunto junto à dinamicidade das redes que conferem força argumentativa dessas produções”.

Esses dois textos, com seus movimentos interpretativos do sentido textual, dão conta, por sua vez, de salientar a maneira pela qual a perspectiva sociocognitiva se mostra uma alternativa epistemológica altamente interessante no enfrentamento de uma das questões mais complexas da análise linguística: aquela que diz respeito à articulação entre processos (semióticos, cognitivos, interacionais) verbais e não verbais nas práticas de linguagem.

Vimos que os processos implicados na produção e recepção de *fake news* salientam, entre outras coisas já bem descritas na literatura linguística (em especial, no campo dos estudos textuais e dos meios de comunicação), o papel da intencionalidade, da moralidade, do compartilhamento de crenças e da confiança epistêmica.

Essa perspectiva das *fake news* leva-nos a ponderar sobre suas relações com outros fenômenos também associados à falta à verdade, como a **mentira** (má fé, falsidade, hipocrisia, farsa etc.) e o **autoengano**. Eis aqui uma agenda interessante de estudo. É certo que esses fenômenos, e outros a eles assemelhados (como o pseudo involuntário ou o erro de reconhecimento da realidade factual), podem ser de difícil distinção.

A questão da intencionalidade, conceito regulador na análise de fenômenos como os mencionados, nem sempre é ponderada pela factualidade. Não é à toa que a mentira nem sempre é mal tolerada, apesar de sua condenação moral em nossa tradição cultural.

É certo, ainda, que, embora potencialmente infratores em relação à verdade factual e à confiança epistêmica que depositamos uns nos outros, esses fenômenos não são uma mesma coisa. Ainda que, por vezes, discursivamente assemelhados e ajustados a um nem sempre “adequado sucedâneo” da realidade (ARENDDT, 1972/2000, p. 312), esses fenômenos criam cada um à sua maneira seu próprio espaço referencial e recursivo (no sentido de “capacidade de criar” a referência discursiva), de modo total ou parcialmente independente da realidade.

Em que pesem suas semelhanças e diferenças, tais fenômenos colocam em cena os fatores de constituição de uma infraestrutura pragmática da cognição humana (TOMASELLO, 2019) que é preciso descrever melhor: dizem respeito a graus variados de reflexividade linguística e social dos participantes das práticas interacionais, à perspectivação conceitual, ao pensamento cooperativo, à coordenação de ação, à consideração de normas e valores socioculturais; podem ser considerados intoleráveis, aceitáveis, desejáveis ou mesmo obrigatórios por convenção pragmático-discursiva, não são infensos às determinações de várias ordens da vida em sociedade.

O estudo das *fake news* em uma perspectiva sociocognitiva do texto, como fazem as autoras dos dois textos que integram o dossiê, pode confirmar no plano empírico o que não se detalha muito, mas pode ser entrevisto, em toda notícia e gêneros discursivos semelhantes: que há um limite para o nomadismo da verdade ou a obliquidade da linguagem se ambas forem tomadas em suas circunstâncias de uso social e por este contingenciadas. Este limite pode ser explicado por um realismo experiencial (SALOMÃO, 2003).

Em uma perspectiva sociocognitiva da linguagem, Margarida Salomão (2003, p. 82) afirma, a propósito:

Na verdade, o fato de que a representação do mundo encontre na moldura interacional o seu ancoramento necessário impede que a razão simbólica não se despregue como ordem da realidade independente, monólogo da razão descarnada, como se o “mundo da verdade fosse gerado pela mentira (isto é, pela *aparência*, como diriam os gregos).

Se as *fake news* não têm compromisso com a verdade (ou com a correspondência entre linguagem e mundo), o que garantiria confiança epistêmica (cf. ORIGGI, 2004)³ ao campo jornalístico ou aos meios de comunicação de uma forma geral (inclusive, o da comunicação da ciência)?

Poderíamos, ainda, somar uma outra pergunta a essa já formulada: de onde se controla o texto que mal informa, ou que informa mal?

³ De acordo com Origgi, “a confiança parece ser um aspecto crucial das relações interpessoais, da ordem social e política, e da cooperação em geral”. Além disso, “a confiança das pessoas na ‘ordem cognitiva’ da sociedade influencia sua confiança na ordem social e é influenciada por ela” (ORIGGI, 2004, p. 1).

Questões como essas nos ajudam a ponderar que as *fake news* ganham sentido em uma dimensão que não se reduz à significação linguística e suas condições muito situadas, ainda que dependam dela para existirem.

Sem pretender dar uma resposta a essas questões, creio que é no terreno mesmo do uso social da linguagem que elas são enfrentadas como buscas de discernimento e racionalidade normativa em meio às práticas interacionais e discursivas.

É por meio, pois, das unidades as mais correntes de uso da linguagem que conhecemos, isto é, os *textos* (orais, escritos, multimodais), tomadas como “formas reificadas de cognição social” (ANTOS, 1997; KOCH, 2002), que enfrentamos não apenas os riscos da “deriva simbólica” (SALOMÃO, 2003, p. 83), como também as práticas falaciosas que afetam campos sociais como o jornalístico e outros.

Os muitos trabalhos científicos pautados pela natureza textual e cognitiva das *fake news* atuam na direção de desvelar mais e mais os processos que configuram nossa representação do mundo. A insídia, a fraude, a manipulação e o descompromisso com (o conhecimento sobre) a realidade dos fatos, comuns no entendimento das *fake news*, acabam ressaltando a natureza sociocognitiva da comunicação humana e as ações que ocorrem a partir dela.

Referências

ARENDDT, H. *Entre o passado e o futuro*. São Paulo: Perspectiva, 1997.

ANTOS, G. Os textos como formas constitutivas do saber. Sobre algumas hipóteses para o funcionamento da linguística de texto a base de uma teoria evolucionária. In: ANTOS, G. *O Futuro da linguística de texto: transformações, tendências*. Tübingen: Niemeyer, RGL 188, 1997. p. 43-65.

BENTES, A. C. *O texto além do texto*. In: Revista do Instituto Humanitas Unisinos. ed. 520, abr de 2018. Disponível em: <<http://www.ihuonline.unisinos.br/artigo/7249-o-texto-alem-do-texto>>. Acesso em: 06 jul 2020.

KOCH, I. G. V. K. *Desvendando os segredos do texto*. 8. ed. São Paulo: Cortez, 2002.

SALOMÃO, M. M. M. Razão, realismo e verdade: o que nos ensina o estudo sócio-cognitivo da referência. *Cadernos de Estudos Linguísticos*, Campinas, v. 44, p. 71-84, jan./jun. 2003.

ORIGGI, G. *Is Trust an Epistemological Notion?* Episteme, Cambridge University Press (CUP), 2004, 1 (1), pp. 61-72.



EDITORIAL

TOMASELLO, M. *Becoming Human: a theory of ontogeny*. Harvard University Press, 2019.

ⁱ Professora Titular do Departamento de Linguística do Instituto de Estudos da Linguagem da Universidade Estadual de Campinas (IEL-UNICAMP).

E-mail: edwigesmorato@hotmail.com

Lattes ID: <https://lattes.cnpq.br/6794591756569605>

ORCID: <https://orcid.org/0000-0002-0986-2630>

LINGUÍSTICA DE TEXTO E FORMAÇÃO DE PROFESSORES DE LÍNGUA PORTUGUESA¹

Leonor Werneck dos Santosⁱ

Rafahel Parintinsⁱⁱ

Comentário do Editor

Nesta edição da Revista Saridh – Linguagem e Discurso, entrevistamos a professora Dra. Leonor Werneck dos Santos, da Universidade Federal do Rio de Janeiro. A pesquisadora foi selecionada e convidada para ser entrevistada pela Saridh por apresentar um notável trabalho na área de Linguística Textual e do Ensino de Língua Portuguesa.

Leonor Werneck dos Santos é professora titular de Língua Portuguesa da Universidade Federal do Rio de Janeiro (UFRJ). Ela é doutora e mestra em Letras Vernáculas (Língua Portuguesa) e graduada em Português-Literaturas, também pela UFRJ. Realizou dois pós-doutorados: um na Universidade Federal do Ceará (UFC) e outro na Universidade Aberta (UAb), em Portugal. Foi professora do Ensino Fundamental e Médio. É membro do Grupo de Trabalho de Linguística de Texto e Análise da Conversação da Associação Nacional de Pós-graduação e Pesquisa em Letras e Linguística (ANPOLL) e coordenadora do Grupo de Pesquisa em Linguística de Texto (GPLINT-UFRJ).

Na presente entrevista, Leonor responde a perguntas sobre seu trabalho na área de Linguística Textual e sobre as aplicações desse trabalho no campo do ensino e na formação de professores de Língua Portuguesa.

¹ A entrevistada agradece à professora Dra. Thalita Cristina Souza Cruz (UNIRIO), pela leitura desta entrevista e pelas sugestões a ela realizadas.

1. (Revista Saridh) Para começar, você poderia nos contar um pouco sobre a sua relação com a Linguística de Texto e com o ensino de língua? Como essa relação aconteceu em sua trajetória acadêmica? Sempre foi seu interesse trabalhar com essas áreas?

Professora Leonor Werneck: sempre digo que tive a sorte de – no final da década de 1980, início de 1990 – já ter estudado sobre coesão e coerência, nas aulas de Linguística do Professor Doutor Luiz Marques de Souza, na UFRJ. Era a maior novidade, e nem eu sabia o quanto era inovadora essa abordagem textual, apresentada, na época, nos livros de Koch, Travaglia, Marcuschi e Fávero. Quando comecei o Mestrado, voltei a ler livros de Linguística de Texto, Linguística Aplicada e Análise do Discurso, então meu interesse pelos estudos textual-discursivos só aumentou. Na mesma época, já lecionava no ensino fundamental e percebia como era importante trabalhar textos variados, estimular leitura e escrita, abordar a gramática de maneira mais contextualizada e produtiva. Então, somando minha inquietação como docente com meu interesse de pesquisa, acabei vendo na Linguística de Texto um caminho natural de ensino e pesquisa...e nunca mais saí dele.

2. (Revista Saridh) A presente edição da Revista Saridh trata, em seu dossiê temático, da abordagem (socio)cognitivista na Linguística Textual. Como as pesquisas do Grupo de Pesquisa em Linguística de Texto (GPLINT-UFRJ), que você coordena, enfrentam (teoricamente, metodologicamente, analiticamente) os aspectos (socio)cognitivistas do texto em suas pesquisas? A seu ver, como a realidade dos processos (socio)cognitivos interfere no estudo do texto e no ensino de língua?

Professora Leonor Werneck: Já há muitos anos, os estudos em Linguística de Texto no Brasil consideram o texto como um processo, em uma perspectiva sociocognitiva e interacional, e as pesquisas do Grupo de Pesquisa em Linguística de Texto (GPLINT), que coordeno junto com o professor Dr. Dennis Castanheira (UFF), acompanham essa perspectiva teórica contemporânea. Assim, temos estudado, principalmente, a referenciação aplicada a gêneros e tipologias textuais, procurando entender como se manifestam as características textuais, condicionadas por aspectos sociocognitivos e interacionais.

Atualmente, os estudos sobre referenciação analisam o processo sem a preocupação de identificar os objetos de discurso (“puxando setinhas”, por exemplo), mas de perceber como eles são construídos nos textos e quais os efeitos de sentido criados. Podemos entender esse processo analisando um exemplo citado por Marcuschi, no qual o autor fala de uma família que viajou de férias e, em seguida, no exemplo, se usa o pronome “eles”. Essa anáfora indireta – mais lógica do que o uso da anáfora direta “ela” – só é possível porque temos um conhecimento compartilhado da ideia da família contendo, pelo menos, dois integrantes e, provavelmente, um homem e uma mulher. É claro que essa ideia já mudou há tempos e, mesmo antes, nada impedia que uma família fosse formada apenas por mulheres – o que faria o uso de “elas” ser perfeitamente possível. Mas esse exemplo demonstra claramente como o processamento textual depende do acionamento de conhecimentos sociocognitivos compartilhados. Podemos ver outro exemplo, ao pensar em encapsulamentos como “manifestação”, “passeata”, “confusão” retomando porções textuais em uma notícia, para se referir ao que houve durante uma greve de professores: a escolha de um ou outro encapsulamento colabora para a construção sociocognitiva e ideológica do que está sendo noticiado e até mesmo do veículo midiático. Portanto, há muitos aspectos interessantes a pesquisar sobre referenciação, nessa perspectiva sociocognitiva e interacional.

Assim, há publicações do GPLINT sobre referenciação – seja enfatizando uma estratégia referencial, como o encapsulamento ou a dêixis de pessoa, seja analisando o processo como um todo, observando a construção das cadeias referenciais – com base em gêneros textuais variados, como crônicas, depoimentos orais, redações que seguem o chamado “modelo Enem”, artigos de opinião etc.

Em todas essas pesquisas, verificamos de que maneira as especificidades decorrentes das condições de circulação dos gêneros – incluindo a estrutura, a composição temática e o estilo – colaboram para a construção de sentido. Essas configurações genéricas estão diretamente associadas a construções sociocognitivas, interacionais e históricas que são essenciais ao analisar referenciação, sequenciação, argumentação, intertextualidade, dentre outros temas comuns em pesquisas da área.

Além disso, principalmente como resultado das pesquisas de Pós-Doutorado que supervisiono, temos discutido muitas interfaces entre a Linguística de Texto, principalmente com o Interacionismo Sociodiscursivo, a Semântica Argumentativa, a Linguística Cognitiva e a Linguística Aplicada. Essa vocação para os estudos de interface teórica é uma das características da Linguística de Texto brasileira contemporânea, e estamos atentos a essa tendência.

3. (Revista Saridh) Na sua opinião, para quais caminhos têm ido os estudos da Linguística Textual atualmente no que diz respeito à formação de professores de língua? Já há muito conhecimento na área a ser aplicado na atuação docente nas escolas ou há ainda muitas questões a serem exploradas a partir da Linguística de Texto?

Professora Leonor Werneck: Essa pergunta me faz lembrar um famoso artigo de Ingedore Koch – *Linguística de texto, quo vadis?*, publicado na revista *D.E.L.T.A.*, em 2001². Há décadas, muitas pesquisas em Linguística de Texto têm refletido a respeito do ensino, abordando gêneros e tipologias textuais, referenciação, modalização, sequenciação, argumentação, intertextualidade etc. Esses estudos reverberaram nos documentos oficiais (PCN, OCN, BNCC, orientações curriculares regionais e municipais), em congressos e publicações acadêmicas e em livros didáticos. Portanto, já há muito conhecimento a ser aplicado na Educação Básica.

Porém, na prática, nem sempre essa influência chega, de fato, à escola, ou seja, nem sempre há mudança didático-pedagógica nas aulas de Língua Portuguesa. Então, como dizia a saudosa Inge³, temos que usar a metodologia da água mole em pedra dura: um dia, vamos conseguir furar os obstáculos para melhorar o ensino de Língua Portuguesa. Há muito, ainda, a fazer, e o caminho não passa apenas pela Linguística de Texto, mas pela integração entre teorias variadas, como Sociolinguística, Funcionalismo, Análise do Discurso, Semiótica etc.

² O artigo de Koch (2001) está disponível em: <https://www.scielo.br/j/delta/a/zwtg8H43ZSVZQDNp58y4BNd>. Acesso em: 09 dez. 2023.

³ Ingedore Koch.

De qualquer forma, o mais importante é não apenas fazer chegarem à escola os resultados das pesquisas acadêmicas, mas saber como fazer isso. Se for para os professores ficarem ainda mais confusos ou inseguros, misturando teorias e pensando em levá-las aos alunos, não adianta muito. Se for para impor a teoria x ou y , também não. Se for para sugerir a aplicação, sem focar na formação continuada dos professores e na atualização dos currículos das licenciaturas, também pouco adiantará. É essencial saber articular as diversas teorias à prática pedagógica, lendo criticamente os documentos oficiais e os materiais didáticos, propondo atividades variadas e reavaliando sistematicamente os resultados obtidos nas turmas dos diferentes níveis de ensino. Isso é complexo, necessita de investimentos e de responsabilidade compartilhada entre todos os envolvidos com a educação: professores, família, alunos, escolas, universidades, governo.

4. (Revista Saridh) Quais são os seus objetos de estudo atuais no campo da Linguística Textual e quais são as suas contribuições e, se for o caso, produtos principais mais recentes?

Professora Leonor Werneck: Como já disse, há alguns anos, minhas pesquisas e as dos meus orientandos do GPLINT vêm refletindo a respeito da referenciação articulada a gêneros textuais variados, como depoimentos orais, redações “modelo Enem”, entrevistas, artigos de opinião. Ultimamente, temos testado uma proposta metodológica de análise da referenciação, observando como se estabelecem as cadeias referenciais: em Seara e Santos (2019), analisamos artigos de opinião portugueses e brasileiros que discutem o assassinato da vereadora Marielle Franco e seu motorista Anderson Gomes, mostrando de que maneira até mesmo a omissão do nome da vereadora ajuda a construir sua cadeia referencial; Castanheira (2020) discute como os encapsulamentos colaboram na estruturação de entrevistas publicadas em revistas e propõe atividades que podem ser implementadas em vários níveis de ensino; Barbalho (2022) sistematiza uma proposta de análise das cadeias referenciais, verificando como a vítima, o acusado e o feminicídio aparecem em depoimentos orais, propondo um olhar para essas cadeias que explicita como elas se inter cruzam e se complementam; Lanes (2023) observa como as cadeias referenciais

associadas às palavras-chave da frase temática da redação do Enem são construídas em textos que receberam nota máxima no certame.

Temos divulgado os resultados dessas e de outras pesquisas em eventos acadêmicos, no Brasil e no exterior, e em publicações variadas. Todas as minhas publicações e as dos meus orientandos são divulgadas no meu site⁴ ou no site do GPLINT⁵. Além disso, temos um Instagram⁶ no qual compartilhamos informações breves sobre o que estamos pesquisando. Qualquer pessoa pode baixar os materiais divulgados nessas mídias e, caso haja interesse, pode também entrar em contato conosco.

5. Como sua pesquisa tem se voltado para a formação de professores de Língua Portuguesa?

Professora Leonor Werneck: Muitas pesquisas que publico abordam o ensino: em Santos (2021), mostro como abordar textos conforme a BNCC; em Santos e Lebler (2021), discutimos o que vem a ser análise linguística-semiótica e propomos atividades; em Arena e Santos (2022), sugerimos estratégias para trabalhar produção textual na escola e critérios de avaliação; em Souza Cruz e Santos (2023), abordamos os multiletramentos na escola, exemplificando com resenhas (escritas e em vídeo) e com microrresenhas do Instagram. Essas publicações mais recentes dão continuidade ao que tenho pesquisado nos últimos 18 anos, analisando diretrizes curriculares, refletindo sobre teorias, propondo atividades para níveis de ensino diversos.

De maneira semelhante, muitas pesquisas que orientei – tanto no Proletras quanto no Mestrado Acadêmico e no Doutorado – contêm reflexões didático-pedagógicas: Nascimento (2013) reflete sobre a abordagem dos gêneros textuais em questões do Enem; Colamarco (2014) analisa estratégias de referenciação em fábulas de Esopo e Lobato, sugerindo

⁴ O site da pesquisadora é o seguinte: <https://leonorwerneck.wixsite.com/leonor>. Acesso em 09 dez. 2023.

⁵ O site do GPLINT é o seguinte: <https://gplint.wixsite.com/gplint>. Acesso em 09 dez. 2023.

⁶ O link do perfil no Instagram do GPLINT é: <https://www.instagram.com/gplint.oficial>. Acesso em 09 dez. 2023.

atividades para a sala de aula; Barbalho (2016) propõe uma aplicação da referenciação em artigos de opinião em turmas de ensino fundamental; Miranda (2016) sugere atividades de retextualização em turmas de EJA; Castanheira (2020), que coorientei, analisa modalização em livros didáticos de ensino médio e propõe questões a serem levadas para a sala de aula.

Essas são apenas algumas das pesquisas que, direta ou indiretamente, procuram colaborar para a formação continuada dos professores. Muitas delas estão sintetizadas em artigos, para facilitar a leitura dos interessados nos temas e divulgar o que temos estudado na universidade, especialmente no GPLINT – e estão disponíveis nos nossos sites.

ⁱ Professora Doutora da Universidade Federal do Rio de Janeiro
E-mail: leonorwerneck@gmail.com
Lattes ID: <http://lattes.cnpq.br/3802276062054027>
ORCID: <http://0000-0002-8415-3535>

ⁱⁱ Professor da Universidade Federal do Rio Grande do Norte, Faculdade de Engenharia, Letras e Ciências Sociais do Seridó.
E-mail: rafahelparintins@gmail.com
Lattes ID: <http://lattes.cnpq.br/7676055251109350>
ORCID: <http://0000-0003-0128-3068>

DIDATIZAÇÃO DE GÊNEROS ACADÊMICOS: DESMITIFICAÇÃO E PROCESSO DE PRODUÇÃO

DIDACTIZATION OF ACADEMIC GENRES: DEMYSTIFICATION AND PRODUCTION PROCESS

Andréa Oliveira de Souza Torresⁱ
Ana Gleise dos Santos Souzaⁱⁱ

Resumo: O presente artigo tem o fim de relatar experiência de estágio docente do Programa de Pós Graduação em Crítica Cultural realizado na Universidade do Estado da Bahia (UNEB), Campus Juazeiro, com estudantes do primeiro semestre do curso de Pedagogia, no componente curricular Leitura e Produção Escrita, no ano de 2022. O objetivo principal do trabalho foi o de promover o letramento acadêmico através do viés sociointeracionista de oficinas em modalidade remota, pela didatização da escrita de gêneros discursivos inerentes a essa instância formativa. Para tanto, nos ancoramos em Caregnato & Mutti (2006), Marcuschi (2008) e Pereira (2019) para embasamento teórico sobre o desenvolvimento de postura autoral na elaboração de gêneros acadêmicos. O relato descreve o percurso das atividades desenvolvidas e reflexões acerca dos resultados obtidos, aspectos produtivos e contribuições para a formação profissional das graduandas.

Palavras-chave: Estágio. Letramento Acadêmico. Didatização da Escrita.

Abstract: The purpose of this article is to report on the teaching internship experience of the Postgraduate Program in Cultural Criticism carried out at the State University of Bahia (UNEB), Juazeiro Campus, with students from the first semester of the Pedagogy course, in the Reading and Written Production curricular component, in the year 2022. The main objective of the work was to promote academic literacy through the socio-interactionist bias of remote workshops, by teaching the writing of discursive genres inherent to this formative instance. For this, we anchor ourselves in em Caregnato & Mutti (2006), Marcuschi (2008) and Pereira (2019) for theoretical basis on the development of authorial posture in the elaboration of academic genres. The report describes the course of the activities developed and reflections on the results obtained, productive aspects and contributions to the professional training of the undergraduates.

Keywords: Internship. Academic Literacy. Teaching Writing.

Introdução

A importância da leitura e da escrita no desenvolvimento de um país e na vida social e cidadã não tem disputa. Por um lado, um país com fracos níveis de leitura e escrita dificilmente pode construir condições para uma vida democrática sólida. Por outro lado, a produtividade científica e o pertencimento à vida acadêmica estão diretamente ligados às habilidades de leitura e escrita [...] As baixas taxas de produção acadêmica e científica em países como o nosso podem ser explicadas, pelo menos em parte, a partir das características das práticas de leitura e escrita que são promovidas em nossas universidades. (Artigo 3º, p. 2, apud REYES, 2019, p.72, tradução nossa).¹

O presente relato descreve o conjunto das atividades desenvolvidas no Estágio realizado na Universidade do Estado da Bahia (UNEB), Campus de Juazeiro, Bahia, que ocorreu no mês de junho de 2022, perfazendo um total de vinte e uma horas correspondentes a um terço do total da carga horária do componente curricular Leitura e Produção Escrita, sob a orientação do professor regente e também orientador das estagiárias mestrandas. O estágio constituiu em atividade obrigatória referente ao Estágio Docente do Programa de Pós-Graduação *Stricto Sensu* em Crítica Cultural.

O desenvolvimento do Estágio Docente foi devidamente acompanhado pelo professor supervisor, e também orientador do mestrado em curso, desde a apresentação do plano de curso da disciplina até a elaboração e apreciação do projeto de estágio cuja metodologia aplicada foi estruturada em forma de oficinas que aconteceram no contraturno do horário de aula das turmas. As atividades se deram exclusivamente através do ensino remoto.

O objetivo geral foi inaugurar a participação e vivência das graduandas no contexto de letramento acadêmico a partir do viés sociointeracionista de oficinas em modalidade remota pela didatização da escrita nessa instância formativa. Os objetivos específicos foram: analisar a arquitetura textual do projeto de pesquisa como gênero em estudo; promover sua escrita acadêmica nas perspectivas normativa, intertextual e interacional de forma analítica;

¹ *La importancia de la lectura y la escritura en el desarrollo de un país y en la vida social y ciudadana no tiene discusión. De un lado, un país con débiles niveles de lectura y escritura dificilmente puede construir condiciones para una vida democrática sólida. De otro lado, la productividad científica y la pertenencia a la vida académica se vinculan de modo directo con las capacidades de lectura y escritura [...] Los bajos índices de producción académica y científica de países como el nuestro pueden explicarse, al menos en parte, desde las características de las prácticas de la lectura y la escritura que se promueven en nuestras universidades.*

familiarizar as graduandas com a capacidade de utilização eficiente deste gênero do discurso acadêmico.

O acompanhamento e a participação na disciplina promoveram a abordagem das questões centrais, a saber: funcionamento da linguagem com ênfase nos gêneros discursivos, fatores indispensáveis à intertextualidade, leitura e produção de textos acadêmicos. No viés da escrita na universidade e da promoção do letramento acadêmico, o estágio permitiu aplicar conhecimentos construídos no âmbito das disciplinas do Pós-Crítica e de formação inicial das mestrandas. Dessa forma, o estágio consistiu num exercício substancial da docência ao promover a formação do olhar teórico-metodológico do pesquisador discente por proporcionar a mediação formativa na elaboração de seu projeto de pesquisa e trabalho final.

O componente curricular Leitura e Produção Escrita foi ofertado no formato remoto para duas turmas do primeiro período do Curso de Pedagogia, com um total de sessenta horas/aula cada, distribuídas às segundas-feiras das 19h às 22h, e às quartas-feiras das 14h às 17h. Após aula inaugural de estágio com as turmas, as discentes foram convidadas a participar das oficinas que se deram através de orientação individual para elaboração do projeto de estágio. As oficinas foram iniciadas no dia 01 de junho de 2022 e finalizadas no dia 14 do mesmo mês, de segunda a sábado, em dias corridos, nos turnos vespertino e noturno. Participaram efetivamente 11 alunas, com horários individualizados que se estenderam até 02 horas/aula.

Uma vez finalizada a fase prática, o estágio se estruturou em forma de relatório, transpondo para as mestrandas a proposta de reflexão e de letramento acadêmico, como práxis pedagógica que se inaugura a partir da instância formativa da graduação. O presente relato foi estruturado em três partes que descrevem etapas e aspectos fundamentais do estágio arroladas em consonância com o conhecimento construído no decorrer do processo.

A primeira parte aqui concebida como Introdução apresenta toda a estrutura e o contexto do estágio, sua fase de planejamento, sua proposta inicial e correlação com o programa. A segunda parte intitulada Metodologia explana o percurso do trabalho desenvolvido no decorrer da atividade. E, a última, compreende a parte reflexiva acerca dos resultados obtidos após a realização das atividades, de modo a evidenciar os aspectos

produtivos e as contribuições para a formação pessoal e profissional. Soma-se a isso, as conclusões e propostas de melhoria de acordo com o que foi vivenciado durante o processo. Por fim, são relacionadas as referências bibliográficas que serviram de base para a organização do relato.

1 Metodologia

A dinâmica da oficina com proposta de ensino de elaboração do projeto de pesquisa se deu de forma remota, através da plataforma *Google Meet*, com atendimento individualizado de discentes voluntárias inscritas, previamente, com duração de uma a duas horas/aula por dia, no decorrer de duas semanas, nos turnos vespertino e noturno, cuja agenda foi sistematizada através de contato via *WhatsApp* no grupo das turmas dos referidos turnos, nos quais as mestrandas - aqui, denominadas estagiárias - foram inseridas pelo professor do curso, também orientador das mestrandas.

A proposta de oficina como metodologia de condução do letramento acadêmico se concretizou de forma relevante e significativa através de uma modalidade remota consequente do contexto pandêmico. Esse formato permitiu a exibição e o compartilhamento de slides e de referencial teórico digitalizado para leitura e escrita de textos acadêmicos para análise das especificidades dos parâmetros de produção e da estrutura textual do gênero elencado a partir do viés sociointeracionista pautado na concepção desse letramento, como reitera Pereira:

O nosso interesse é não só pensar a escrita acadêmica, em si mesma e por ela mesma, e sim, pensar a escrita em sua dimensão interacional, suas motivações, seu contexto e seus usuários. O maior desafio é pensar a escrita pedagogicamente, no que ela pode ser compreendida e democratizada (PEREIRA, 2019, p. 46).

Essa concepção pautou a abordagem didática utilizada pelas estagiárias, com destaque na interação dialogada ao longo da escrita que se inaugurava no momento da oficina. A abordagem sociointeracionista durante as atividades do estágio ficou evidenciada na concepção do texto como um “evento comunicativo em que convergem ações linguísticas, sociais e cognitivas”, por conseguinte, “realizado em gêneros”, construído na perspectiva da

enunciação e abordado como unidade de sentido ou de interação cujas realizações linguística e interativa são fenômeno, categoria oral (falada) e escrita, situadas no uso do sistema linguístico em contextos sociointerativos, visto que “[...] um texto é uma proposta de sentido e ele só se completa com a participação ativa do seu leitor/ouvinte” (MARSCUSCHI, 2008, p. 16-161).

Neste caso, “o texto ativa expectativas, conhecimentos linguísticos e não linguísticos.” E, enquanto discurso, dissociado das condições de produção, é observável, peça empírica, inteligível e articulada. Por isso, o fato discursivo que se dá na atividade enunciativa produzirá “os efeitos [discursivos] desejados se estiver em uma cultura e circular entre sujeitos que dominam a língua em que ele foi escrito.” Pois, “[...] um texto se dá numa complexa relação interativa entre a linguagem, a cultura e os sujeitos históricos que operam nesses contextos [...]”. Finalmente, “os textos são produzidos para alguém com algum objetivo” e “é produzido sob certas condições, por um autor com certos conhecimentos e determinados objetivos e intenções [...] os textos têm história, são históricos.” (MARSCUSCHI, 2008, p. 75-243).

Dessa forma, a interação dialogada aplicada no exercício da escrita acadêmica visou proporcionar às graduandas recém-chegadas à universidade, inserção no letramento, prática e protagonismo na vivência formativa. As alunas foram sensibilizadas a perceber a importância de vislumbrar, desde já, o tema do seu projeto de pesquisa e futuro Trabalho de Conclusão de Curso (TCC), considerando-o como proposta de investigação, articulando elementos como afinidade pessoal, interesse profissional e relevância acadêmica, entre outros. As questões reflexivas foram pautadas em instigar o pensamento em torno de: o que pesquisar? por que pesquisar? como pesquisar? para que pesquisar? quando pesquisar?

Orientações para a formulação de problemas e de hipóteses do processo investigativo foram expostas, bem como o passo-a-passo para a elaboração do projeto de pesquisa em si, perpassando por etapas de configuração da viabilidade da proposta até sua instância mais prática a exemplo da elaboração dos objetivos, da operacionalização da pesquisa através dos procedimentos metodológicos, e da contextualização do objeto de estudo através de um referencial teórico que considere o diálogo com seus autores. Esse último, explorado na

perspectiva intertextual das citações, condiz com o que afirma Bornmann & Daniel (2008, p. 49, *apud* REYES, 2019, p.53, tradução nossa²).

[...] as citações não podem ser descritas com sucesso de forma unidimensional apenas através do conteúdo intelectual do artigo. Os cientistas têm motivos complexos para citar, que, dependendo do ambiente intelectual e prático, são construídos socialmente e de várias maneiras (por exemplo, para defender suas reivindicações de ataques, convencer os outros e ganhar uma posição dominante em sua comunidade científica).

A respeito de referencial teórico significativo, a contribuição do autor se dá ao explicar a ideia de utilização argumentativa da citação, considerando sua perspectiva intertextual. Quais autores citar, por que citar e como fazê-lo de forma que possibilite estabelecer uma relação dialética e dialógica entre teoria e empiria para explicação da realidade analisada.

Os encontros foram individualizados e seguiram uma estrutura padrão com o seguinte itinerário: as estagiárias iniciavam com apresentação pessoal e objetivos da oficina. Em seguida, a voluntária era estimulada a repensar a motivação para a escolha do curso e a trajetória acadêmica, sua cultura familiar quanto ao letramento acadêmico, suas preferências entre leitura e escrita. Essa interpelação contribuía para o delineamento de dados e síntese da primeira ideação acerca do tema que desejava investigar.

A ideia preliminar assumia feição acadêmica à medida que a apresentação dos slides avançava. Os elementos constituintes do projeto de pesquisa foram expostos minuciosamente e o atendimento individualizado tornou a apresentação interativa, participativa e dinâmica. Explicações sobre análise do discurso³ foram feitas no intuito de interpretar narrativas sociais e fazer emergir temas implicitamente referenciados.

² [...] *las citas no pueden ser descritas exitosamente de forma unidimensional solo através del contenido intelectual del artículo. Los científicos tienen motivos complejos para citar, los cuales, dependiendo del entorno intelectual y práctico, se construyen socialmente y de formas diversas (por ejemplo, para defender sus afirmaciones de ataques, convencer a otros y ganar una posición dominante en su comunidad científica).*

³ Explicação sucinta acerca de análise do discurso comumente utilizada na pesquisa qualitativa no intuito de levar o pesquisador a perceber a importância de fazer uma “[...] escolha consciente do referencial teórico-analítico, decorrente do tipo de análise que irá empregar na sua pesquisa, fazendo sua opção com responsabilidade e conhecimento.” CAREGNATO, R. C. A. & MUTTI, R. *Pesquisa qualitativa: análise de discurso versus análise de conteúdo*. Texto & Contexto, Florianópolis, vol. 15, nº 4, p. 679 - 684, 2006. Disponível em: <https://doi.org/10.1590/S0104-07072006000400017>. Acesso em: 11 nov. 2022.

Apesar de a abordagem privilegiar a exposição do conteúdo referencial para o projeto de pesquisa, o destaque ocorreu para a escolha do tema que seguiu o roteiro, a saber: passos para a elaboração do tema: 1. definir a área de estudo; 2. assunto de interesse; 3. objeto de estudo/tema; 4. fenômeno. A concepção expressa do vínculo entre tema e objeto de estudo, junto a contexto e problematização, bem como do fenômeno social observável e auferido cientificamente, facilitou a compreensão e a elaboração do tema.

2 Resultados

O projeto intitulado Didatização de Gêneros Acadêmicos havia sido desenhado para a articulação de três gêneros acadêmicos: projeto de pesquisa, resenha e artigo científico. Foi a partir do segundo contato com as turmas que o projeto tomou corpo e forma de oficina para orientação individualizada. A primeira orientação havia sido dada pela apresentação de *slides* com abordagem na elaboração do projeto de pesquisa. Mas, foi através da orientação individualizada que a oficina se materializou.

O contato direto com as graduandas revelou a existência do TCC como um mito. Seus testemunhos reportaram curiosas suposições acerca desse gênero acadêmico de forma a demonstrar sentimentos de pertencimento e de interesse pela oficina de orientação oferecida, além de impelir parte da designação do presente trabalho. Aos poucos, as orientações enveredadas e a metodologia aplicada permitiram a revelação de retratos e de aptidões das graduandas.

O mito do TCC foi se descortinando e perdendo espaço para demandas da construção do texto ao direcionar olhares para a escrita, acionando chaves em funcionamento, propulsoras do letramento acadêmico. A desmitificação do TCC possibilitou canalizar a idealização de um tema e iniciar a formatação de um objeto de pesquisa que aos poucos se delimitava, como demonstra o testemunho que segue de uma das graduandas participantes da oficina⁴:

Foi de grande importância para mim ser orientada por Andréa e Ana Gleise, pois elas foram bem esclarecedoras e objetivas quanto à construção

⁴ Em consonância com a ética concernente à pesquisa científica, fizemos uso do recurso de preservação de face ao optar em não identificar os sujeitos envolvidos.

do projeto de pesquisa para o TCC, repassando dicas importantes que irão nos ajudar futuramente, abrindo a nossa visão para já irmos pensando, estudando, pesquisando e lendo a respeito daquilo que iremos tratar em nossos projetos. Elas me ajudaram bastante a tirar dúvidas sobre significados que eu não sabia e isso me ajudou a diferenciar cada termo do que pretendo cursar. Também orientou fazer várias leituras de determinados autores que me ajudariam na construção do meu projeto. Foi realmente um grande incentivo para mim e me direcionou a já estar pesquisando sobre o que irei defender no meu futuro TCC, e como construir esse projeto da forma correta. Registrei todas as dicas e orientações no meu caderno e agradeço por esse momento tão válido e que vai fazer toda a diferença para mim e para todos os que assistiram às aulas e registraram o que foi repassado. Estou realmente satisfeita e grata por ter tido esse momento. Desejo sucesso para as duas. (Graduanda em pedagogia, UNEB, 2022).

Nesse ínterim do processo de reflexão, mediante narrativas de si, palavras-chave eram detectadas, aptidões eram externadas, interesses e preferências leitoras eram despertados, dificuldades emergiram, junto a justificativas pertinentes acerca da escolha pelo curso de Pedagogia, externadas em testemunhos das graduandas.

Os encontros resultaram em sensibilização para a importância de pensar o tema do Trabalho de Conclusão de Curso desde o ingresso na universidade visando o melhor aproveitamento das disciplinas e contatos com docentes. Todas as alunas colaboradoras do estágio sentiram-se estimuladas a elaborar a minuta da temática que poderiam culminar no tema do projeto de pesquisa do Trabalho de Conclusão de Curso. Soma-se a isso, sua contribuição para a formação profissional e pessoal das estagiárias e a afirmação de seu compromisso com o fazer pedagógico propulsor da construção de habilidades textuais e discursivas, com a proficiência e a criticidade necessárias.

Por conseguinte, as estagiárias mestradas expuseram o desejo de que as graduandas inscritas e efetivamente participantes da oficina tenham desmitificado a ideia inicial sobre as “dificuldades e impossibilidades” do TCC e que continuem estimuladas a pensar e desenvolver os temas elucidados no decorrer da oficina de pesquisa acadêmica na área de Pedagogia. Por fim, estimou-se que as oficinas tenham sido eficientes no alcance da proposta pautada na didatização da escrita acadêmica dos gêneros textuais estudados.

Conclusão

A proposta de intervenção pedagógica montada a partir de oficinas focadas no contexto de formação de professores e pesquisadores recém-ingressos no Curso de Pedagogia da Universidade Estadual da Bahia, Campus Juazeiro, Bahia, no Componente Curricular Leitura e Produção Escrita, apresentou um enfoque didático privilegiado no desenvolvimento de postura autoral e de habilidades essenciais para uma maior proficiência das discentes envolvidas na elaboração do projeto de pesquisa em conformidade com os parâmetros da produção e da estrutura textual acadêmica.

Os objetivos propostos de inaugurar a participação e vivência do graduando no contexto de letramento acadêmico a partir do viés sociointeracionista de oficinas em modalidade remota pela didatização da escrita nessa instância formativa, bem como o de analisar a arquitetura textual do gênero em estudo, de promover sua escrita acadêmica nas perspectivas normativa, intertextual e interacional de forma analítica, e de familiarizar as graduandas com a capacidade de utilização eficiente deste gênero do discurso acadêmico foram contemplados mediante atividades propostas aplicadas através de oficinas.

As graduandas recém-ingressas no Curso de Pedagogia da Universidade Estadual da Bahia, Campus Juazeiro-Bahia, inscritas no calendário para orientação individualizada exercitaram e mobilizaram habilidades de leitura e escrita, de socialização e de letramento acadêmico, incorporando à sua escrita parâmetros e estrutura para elaboração do projeto de pesquisa como escopo do TCC, bem como foram interpeladas a definir o tema a ser abordado nele.

Dada a importância do evento proposto de ensino de produção do projeto de pesquisa para o TCC sob a forma de oficina de orientações teórico-metodológicas a partir do viés sociointeracionista substancialmente pautado na concepção do letramento acadêmico e diante do panorama delineado através do contexto de dificuldades expressas pelas discentes do curso de Pedagogia participantes, é possível reconhecer a necessidade de implementação de práticas dessa natureza como rotina de exploração e vivência com as especificidades do gênero no decorrer de toda a graduação, como caminho para a ampliação da proficiência escrita.

Referências

CAREGNATO, R. C. A.; MUTTI, R. *Pesquisa qualitativa: análise de discurso versus análise de conteúdo*. Texto & Contexto, Florianópolis, vol. 15, nº 4, p. 679 - 684, 2006. Disponível em: <https://doi.org/10.1590/S0104-07072006000400017>. Acesso em: 11 nov. 2022.

MARCUSCHI, L. A. *Produção textual, análise de gêneros e compreensão*. Recife: Parábola, 2008.

PEREIRA, Regina Celi Mendes. (Org.). *Escrita na Universidade: Panoramas e desafios na América Latina*. João Pessoa: Ed. da UFPB. 2019. Disponível em: <http://www.editora.ufpb.br/sistema/press5/index.php/UFPB/catalog/book/223> Acesso em: 12 mai.2022.

ⁱ Filiação institucional: Mestranda do Programa de Pós-Graduação em Crítica Cultural da Universidade do Estado da Bahia (Pós-Crítica/UNEB), Campus II, Alagoinhas, Bahia.

E-mail: andreaostorres@gmail.com

Lattes ID: <http://3981167391835615>

ORCID: <http://0009-0004-6163-2287>

ⁱⁱ Filiação institucional: Mestranda do Programa de Pós-Graduação em Crítica Cultural da Universidade do Estado da Bahia (Pós-Crítica/UNEB), Campus II, Alagoinhas, Bahia.

E-mail: agleise@yahoo.com.br

Lattes ID: <http://2733556420879269>

ORCID: <http://0000-0002-0798-1062>

A FORÇA ARGUMENTATIVA DAS *FAKE NEWS* EM REDE DIGITAL

THE ARGUMENTATIVE POWER OF *FAKE NEWS* ON DIGITAL NETWORKS

Renata Palumboⁱ

Zilda Gaspar de Oliveira Aquinoⁱⁱ

Resumo: Neste trabalho, a partir de uma abordagem qualitativa, examinamos vinte e oito textos falaciosos disponibilizados no site Aosfatos.org e relacionados aos resultados das eleições presidenciais brasileiras de 2022. Nossos objetivos foram: i) localizar as estratégias interacionais, textuais e cognitivas mais recorrentes em um conjunto de *Fake News* e examinar o papel argumentativo dessas produções; ii) descrever como se operacionalizam os textos em movimentações sociais digitais. Teoricamente, embasamo-nos em Perelman e Olbrechts-Tyteca (1996 [1958]), entre outros, no que diz respeito às Teorias da Argumentação e procedemos a um diálogo com estudos do texto-discurso de van Dijk e Kintsch (1983), Koch (1996), Marcuschi (2007), Morato e Bentes (2013), entre outros. Os resultados apontam para a estratégia de repetição como central, a qual foi fortalecida pela lógica das redes digitais e pelo cenário de polarização política da época. Além disso, do ponto de vista argumentativo, as *Fake News* precisam ser examinadas em agrupamento de textos-discursos, pois esse conjunto e a dinâmica das redes podem indicar como ocorre a força argumentativa dessas produções.

Palavras-chave: *Fake News*. Estratégias Interacionais e Textuais. Argumentação.

Abstract: In this work, we examined twenty-eight fallacious texts made available on the website Aosfatos.org and related to the results of the 2022 Brazilian presidential elections. Our purpose was: i) identify recurring interactional, textual and cognitive strategies in sets of Fake News and examine the argumentative role of these textual productions; iii) Describe describe how texts are operationalized in digital social movements. Theoretically, we are based on Perelman and Olbrechts-Tyteca (1996 [1958]) and on the text-discourse studies by van Dijk and Kintsch (1983), Koch (1996), Marcuschi (2007), Morato, Bentes (2013). The results point to the repetition as central strategy, which was fortified by logical of algorithms and the political polarization scenario. Moreover, from an argumentative point of view, Fake News needs to be examined in groupings of text-discourses because this group and the dynamics of the networks can indicate how the argumentative force of these productions occurs.

Keywords: Fake News. Interactional and Textual Strategies. Argumentation.

Introdução

No dia trinta de outubro de 2022, o Tribunal Superior Eleitoral confirma a vitória de Luiz Inácio Lula da Silva para presidente da República. De imediato, Bolsonaro, então chefe de Estado, nem reconhece nem nega o resultado, permanecendo em silêncio durante sessenta dias. Nesse mesmo dia, em um vídeo postado no *Twitter*, aparece um homem na rua, vestido com uma camiseta verde e amarela, em frente a uma bandeira brasileira, dizendo que o país havia parado por conta dos resultados da eleição e que só voltaria para casa após o exército tomar o Brasil, pois o futuro estava em jogo. Ainda, nesse vídeo, outro homem aparece e

afirma “Sou brasileiro e não aceito. Eu acredito na família, eu acredito no Brasil, eu não quero comunismo, chega, chega”. Posteriormente, ouvem-se vozes em tom alto, mencionando “Lula ladrão”.

Trata-se de um dos seiscentos e oitenta textos que foram disponibilizados no *site* Aosfatos.org e organizados de modo cronológico: desde os resultados das eleições eleitorais até a tentativa de golpe ocorrida em oito de janeiro de 2023. Nesse acervo, é informado que tal conjunto de produções textuais foi selecionado a partir de uma base composta por um total de 144.320 vídeos, imagens e áudios. Essa quantidade já nos fornece pista da ampla distribuição de ideias pautadas em informações falsas e atreladas à tomada de posse de Lula. Podemos entender que estamos diante de uma situação interacional complexa, devido à maneira como ela se estrutura e se processa, em rede, a partir: a) da existência de um contínuo espaço-temporal; b) do conjunto de textos multimodais que se reproduzem em novos e imprevisíveis contextos; c) da convergência entre plataformas digitais (*Twitter*, *TikTok*, *WhatsApp*, *Kwai*, *Youtube*).

Além do mais, a integração de determinados textos multimodais, que reproduzem as mesmas ideias de modos diversos, leva a construção de um só discurso e única tese. Se considerarmos o resultado desses procedimentos, a tentativa de golpe, é inegável que uma força argumentativa foi operacionalizada. Nessa direção, questionamo-nos: Quais foram as estratégias mobilizadas, tendo em vista o caráter argumentativo desses textos e o resultado? Essa questão leva-nos aos seguintes objetivos: i) localizar as estratégias interacionais, textuais e cognitivas mais recorrentes em um conjunto de textos que possuem a mesma tese em dado momento do cenário político brasileiro; ii) descrever como se operacionalizam os textos das movimentações sociais em rede digital, as quais se baseiam ao mesmo tempo que distribuem informações falsas.

Selecionamos os vinte e oito textos disponibilizados no *site* Aosfatos.org que estavam relacionados aos resultados das eleições presidenciais brasileiras de 2022 e unidos pelo mesmo projeto argumentativo, que foi o de mobilizar pessoas a irem às ruas, aguardarem 72h, para que Bolsonaro acionasse o Artigo 142 da Constituição e as Forças Armadas intervissem.

Teoricamente, embasamo-nos em Perelman e Olbrechts-Tyteca (1996 [1958]), entre outros, no que diz respeito às Teorias da Argumentação e procedemos a um diálogo com estudos do texto-discurso de van Dijk e Kintsch (1983), Koch (1996), Marcuschi (2007), Morato e Bentes (2013), entre outros.

Este trabalho está organizado da seguinte maneira: primeiramente, discutimos a respeito das configurações dessas produções em rede digital com vista a seus efeitos argumentativos em cenários públicos; na sequência, procedemos às análises de um conjunto de *Fake News*, de seus modos de articulação e de produção de sentido com caráter argumentativo; na última seção, tecemos considerações a respeito das estratégias localizadas e da construção dinâmica de efeitos retóricos em redes de articulação.

1 As *fakes news*: um jogo de falácias e de confabulações

A atenção para o caráter argumentativo das *Fake News* e para seu funcionamento nas redes digitais leva-nos a discorrer, primeiramente, a respeito das falácias, do ponto de vista textual-discursivo. Não temos a finalidade de apresentar um estudo minucioso sobre esse tema, mas sim discutir como a internet possibilitou a criação de um espaço *sui generis* para a proliferação de discursos falaciosos – por meio de várias estratégias textuais, cognitivas e interacionais que possuem papel argumentativo – com os quais são arquitetadas disputas de poder de ordem maior.

Ao buscarmos o termo “falácia” em dicionários, localizamos alguns encaminhamentos comuns, relacionados àquilo que é falso em contraposição ao que é verdadeiro: “Discurso falso que se passa por verdadeiro, engano, modo errado de se conceber alguma coisa, erro” (Cf. Dicionário *Online* de Português); “Ação de enganar com má intenção, qualidade do que é falaz ou falso” (Cf. Priberam); “Qualidade daquilo que é falaz, engano, falsidade, logro, burla” (Cf. Michaelis); “Enunciado ou raciocínio falso que entretanto simula a veracidade” (Cf. Houaiss), “Uma ideia que muitas pessoas pensam ser verdadeira, mas na verdade é falsa”¹ (Cf. *Cambridge Dictionary*).

¹ Tradução livre: “an idea that a lot of people think is true but is in fact false”.

De fato, em termos gerais, podemos considerar que elementos falsos e enganosos subjazem as práticas languageiras falaciosas que se proliferam na internet – a finalidade de enganar, a ausência de compromisso com a verificação do que é apresentado, a estratégia de fabricar fotografias ou manipular vídeos, apresentando-os como não alterados em contextos específicos, o apoio ou a reprodução de argumentos frágeis etc. No entanto, entendemos que seja necessário ponderar sobre as noções de “simular a veracidade” e de “verdadeiro”, tendo em vista a complexidade e a dinamicidade que envolvem textos-discursos, os quais podem promover efeitos de verdade/verossimilhança a depender do jogo instaurado de relações, de modo a não se atrelarem, unicamente, a uma verdade inquestionável do mundo fora do discurso.

Assim, quando concebemos as *Fake News* como práticas falaciosas postas em discurso, por meio das quais se constroem versões públicas do mundo, parece-nos mais viável distanciarmo-nos de um dogmatismo da verdade e aproximarmo-nos da ideia de *Fake News* como “fenômenos performativos e relacionais”, como atividades que se inserem “em uma ordem do discurso, que disciplinam e colocam em disputa questões ético-filosóficas e socioculturais” (MORATO, 2019).²

As falácias em discurso, presentes em *Fake News*, podem ser compreendidas com vista aos interesses envolvidos e aos efeitos visados. Desse modo, vale-nos a afirmação de Bentham (1824, p.3), o qual já nos afirmava que a falácia é “qualquer argumento empregado [...] com o propósito de induzir ao engano ou que possa produzir esse efeito ou de fazer com que a pessoa a quem o argumento é apresentado adote uma opinião errônea.”³ Mais ainda, a falácia pode ser compreendida em relação ao contexto e à situação em que é selecionada.

Portillo-Fernández (2018, p.445), ao mencionar o postulado de Walton (1995) sobre falácia, afirma que:

Ao final do século XX, Walton (1995) prestou atenção nas falácias na argumentação e explicou que elas nada mais são do que argumentos que utilizam esquemas argumentativos, que podem ser corretamente aplicados, mas que foram utilizados incorretamente em um determinado contexto. Esta nova visão das falácias em relação com o contexto abriria um novo

² Comunicação apresentada na Abralin em Cena; Disponível em:

<https://www.youtube.com/watch?v=Y65SmW9UVME&t=419s>. Acesso em: 03 nov. 2023.

³ Tradução livre: “cualquier argumento empleado [...] con el propósito de inducir a engaño, o que con probabilidad produzca ese efecto, o el de hacer que adopte una opinión errônea la persona a cuya mente se le presente el argumento”.

modo de entender esse fenômeno, concebendo-o como argumento defeituoso, inexato ou inválido; um tipo de debilidade, movimento inadmissível ou deficiente que permite se abrir para a crítica.⁴

Mesmo que se tenha considerado o contexto (no sentido mais restrito do termo) e que tenha ocorrido avanço no que se refere à noção de falácia, compreendemos que o termo ainda precisa ser integrado a uma posição que concebe a intersubjetividade, os quadros de crenças e de valores dos participantes, os conhecimentos de mundo, sobretudo, os modos como tais especificidades dos participantes e do momento sócio-histórico articulam-se às pistas deixadas nos textos-discursos, encaminhando produções de sentidos e efeitos argumentativos possíveis.

Nessa direção, Portillo-Fernández (2018), ao mencionar que existem várias perspectivas que se valeram de noções diferenciadas sobre falácias – lógica, retórica, pragmatológica, social, das ciências experimentais –, afirma que, do ponto de vista retórico, torna-se importante considerar as relações interpessoais, a interação comunicativa e outros fatores (indução, dissuasão, persuasão) – assim como também entendemos e assumimos. Nessa acepção, ainda aponta para a tentativa falaciosa (engano pretendido) e para a falácia efetiva (engano proposto e consentido pelo interlocutor).

A respeito da falácia efetiva, articulamos essa posição à de Jacobs e Jackson (2006), a partir de um ponto de vista do social, de que existe uma responsabilidade partilhada, e sua força dependerá das respostas obtidas, da ação de levar ou não adiante, ou mesmo, acrescentamos, de como a falácia é inserida em novos contextos quando reproduzida.

Sabemos que milhares de pessoas, ao mesmo tempo que se baseiam em falácias das *Fake News*, distribuem-nas com acréscimos verbais (comentários, por exemplo) ou com tratamento digital, de modo a participar ativamente de um projeto argumentativo maior voltado para questões de interesse público e de disputa de poder. Retomemos Morato (2019) que toma o postulado de Tomasello (2014) e afirma que as *Fake News* colocam em prática

⁴ Tradução livre: “A finales del s. XX, Walton (1995) prestaba atención a las falacias en la argumentación y explicaba que no son más que argumentos que utilizan esquemas argumentativos, que pueden ser correctamente aplicados pero que han sido incorrectamente utilizados en un contexto determinado. Esta nueva visión de las falacias en relación con el contexto abriría un nuevo modo de entender este fenómeno, concibiéndose como un argumento defectuoso, inexacto o inválido; un tipo de debilidad, movimiento inadmisibile o deficiencia que le permite a uno abrirse a la crítica.

a condição cognitiva humana de partilhar intenções coletivizadas. Mais ainda, para a autora, trata-se de um fenômeno que relativiza determinadas práticas sociais estabilizadas.

Do ponto de vista argumentativo, a instância de recepção merece olhar especial também por outro motivo. Podemos afirmar que a validade dos argumentos nem sempre é a mesma entre aqueles que tomam contato com os textos-discursos, assim como ocorre com determinadas reações frente às *Fake News*, as quais podem ser entendidas como verossímeis e aceitáveis por parte de inúmeras pessoas.

Além do mais, a lógica mercadológica dos algoritmos promove a construção de bolhas de informação, favorecendo o fortalecimento de determinadas opiniões e agindo diretamente sobre a cognição social e, por consequência, sobre as decisões pessoais, sociais e políticas, que colocam em risco questões ainda maiores, como a democracia. De acordo com Zompetti (2019, p.143): “[...] a maioria de nós recebe informações das redes sociais que já estão voltadas para as nossas inclinações políticas” e “O resultado é o conhecido problema dos ‘silos de notícias’ que alimentam a polarização e a fragmentação dos conteúdos midiáticos”.⁵

Nessa direção, as posições de Perelman e Olbrechts-Tyteca ([1958] 2002), acerca das características das pessoas para quem a argumentação é dirigida, podem ajudar a explicar tal fenômeno. Para esses estudiosos (Op. Cit., p. 23), “as opiniões de um homem dependem do seu meio social, de seu círculo, das pessoas que frequenta e com quem convive”. Os autores continuam: “Cada meio poderia ser caracterizado por suas opiniões dominantes, por suas convicções indiscutidas, pelas premissas que aceita sem hesitar” (Op. Cit., p. 23).

Assim é que as *Fake News* possuem um espaço promissor nas redes digitais do ponto de vista da força argumentativa que podem provocar. Geralmente, a distribuição ocorre entre redes de contato, entre pessoas conhecidas (colegas, familiares), ou mesmo, públicas que possuem influência ou que são referência para determinado grupo, favorecendo a promoção de efeitos de verdade por meio da imagem de autoridade/confiança que se tem sobre aquele que assume a postagem, ou mesmo, pela identificação entre os participantes. Outros

⁵ Tradução livre: “[...] most of us receive information from social media that is already tilted toward our political inclinations”. “The result is the well-known problem of ‘news silos’ that feed polarization and fragmentation in media content.

resultados tendem a ocorrer, tais como a desconfiança de estudos científicos e a dificuldade de dialogar a respeito de assuntos políticos.

Essa configuração das redes digitais, que altera e potencializa a estrutura de distribuição das *Fake News* no século XXI, leva-nos a buscar entender como a argumentação opera em meio a um jogo de falácias e de confabulação. Para Zompetti (2019, p.140), as “notícias falsas podem ser (e são) usadas como uma ferramenta para manipular certos argumentos para públicos específicos”.⁶

Esse autor afirma que existem manobras retóricas nas práticas de *Fake News* e examina os procedimentos entendidos como atitudes falaciosas. Em seu estudo, o autor destaca determinados procedimentos dessa ordem, tais como o desvio de algum assunto, as generalizações, os exageros, o apelo ao medo, a conspirações e a polarizações. Desse modo, existe “um endogrupo em disputa com um exogrupo” (GONÇALVES-SEGUNDO, 2022).

É também com o apoio dos estudos dos autores da Nova Retórica que postulamos sobre essa distribuição de textos-discursos falaciosos, sobretudo, no que diz respeito ao que determinados agentes proliferadores de *Fake News* podem aceitar como fato ou não do ponto de vista intersubjetivo e social. Perelman e Olbrechts-Tyteca (op. Cit) discorrem que algo pode ser considerado ou não um fato a depender das características do auditório (pessoas para quem os discursos são dirigidos). Trata-se de um objeto de acordo, que pode se fragilizar em ocasiões nas quais são levantadas dúvidas por parte das pessoas para quem o discurso foi encaminhado ou em momentos em que se amplia o auditório, de modo a provar que a condição de fato é restrita a um grupo particular; entretanto, tais medidas não asseguram que determinados auditórios sejam convencidos dessa invalidade. É o que observamos em relação às *Fake News*.

A situação fica mais complexa se considerarmos que o estatuto de “fato”, em consonância com Perelman e Olbrechts-Tyteca ([1958] 2002), pode ser admitido de diversas maneiras, não só em razão de serem observáveis, mas também supostos, convencionais, possíveis ou prováveis.

⁶ Tradução livre: [...] fake news can be (and is) used as a tool to manipulate certain arguments for particular audiences.

Assim é que os estudiosos entendem que essa condição de fato, na argumentação, atrela-se aos participantes presumidos e aos contextos aos quais a argumentação é sensível (op. Cit, p.76):

Não contamos com nenhum critério que nos possibilite, em qualquer circunstância e independentemente da atitude dos ouvintes, afirmar que alguma coisa é um fato. Não obstante, podemos reconhecer que existem certas condições que favorecem esse acordo, que permitem defender sem dificuldade o fato contra a desconfiança ou a má vontade de um adversário: será este o caso, notadamente, quando se dispõe de um acordo acerca das condições de verificação, assim que temos de fazer esse acordo intervir efetivamente, estamos em plena argumentação.⁷

Em relação a essas condições de verificação, a ampla proliferação de *Fake News* levou à formação de grupos de jornalistas, que passaram a verificar determinadas postagens com alto número de compartilhamento, entre os quais, citamos: Aosfatos, Estadão Verifica, Lupa, Projeto Comprova. A argumentação instaura-se em meio a interações tensivas entre os textos-discursos das mídias tradicionais e os das emergentes da internet.

Por um lado, o campo jornalístico tradicional passa a buscar comprovações que invalidem aquilo que se apresenta em determinadas postagens. Por outro, muitas pessoas, que não reconhecem como *Fake News* certas produções, procedem a desqualificar tais grupos de jornalistas. Assim é que, na argumentação, procura-se explorar elementos de legitimação e de deslegitimação de quem assume uma posição ou outra.

A desqualificação ou o ataque à pessoa (*Argumentum ad personam*), ou mesmo, a uma instituição, tornou-se frequente nas redes digitais. Muitos estudiosos entendem esse procedimento como uma falácia. Entendemos que corresponde a uma estratégia, com a qual, na organização textual-discursiva, pode-se promover efeitos argumentativos em determinados auditórios, como os não especializados em determinados assuntos ou aqueles que não procedem à verificação daquilo que é apresentado.

Ainda a respeito do jogo de falácias e de confabulações potencializado e gerenciado por uma lógica dos algoritmos, existem presunções entre os envolvidos, as quais são admitidas “como ponto de partida das argumentações” (PERELMAN, OLBRECHTS-TYTECA, [1958] 2002, p.79), colaborando para a produção de efeitos de verdade ou

⁷ Grifos nossos.

justificando uma posição/comportamento a partir do que é habitual e aceito para determinado grupo. Os autores da Nova Retórica apontam para algumas presunções:

A presunção de que a qualidade de um ato manifesta a da pessoa que o praticou; a presunção da credulidade natural, que faz com que nosso primeiro movimento seja acolher como verdadeiro o que nos dizem e que é admitida enquanto e na medida em que não tivemos motivo para desconfiar; a presunção de interesse, segundo a qual concluímos que todo enunciado levado ao nosso conhecimento supostamente nos interessa; a presunção referente ao caráter sensato de toda ação humana (PERELMAN, OLBRECHTS-TYTECA, [1958] 2002, p. 79).

Mais uma vez, temos que a argumentação se volta para o relacional e para as características das interações e dos contextos – situacional, sociopolítico e sociocognitivo. Nessa acepção, Meyer (2007, p.154) aponta para a negociação da distância entre os participantes e afirma que “a retórica não pode instituir-se como o seu próprio senhor. De resto, nunca o é: como vimos, os lugares-comuns, os valores, os saberes partilhados, são incontornáveis”.

Na contemporaneidade, a instância cidadã passou a ser envolvida em uma arquitetura estruturada por outras instâncias. São discursos integrados pela busca do poder. Ocorre o que Breton (2003, p.20) já havia nos alertado a respeito de argumentação cidadã ser desviada, de modo frequente, “pela manipulação das palavras e das consciências”. E acrescenta que “O poder da mídia, as sutis técnicas de desinformação, o recurso maciço à publicidade torna cada dia mais necessária uma reflexão sobre as condições de uma palavra argumentativa oposta à retórica e à manipulação”.

Assim é que, do ponto de vista argumentativo, podemos conceber as *Fake News*, na internet, como um agrupamento de textos-discursos integrados que operacionaliza um projeto argumentativo falacioso. As ideias de conjunto e de dinamicidade parecem-nos valiosas para o exame da força argumentativa dessas produções, por entendermos que, juntas e articuladas, instanciam um jogo de interesses, durante o qual vão sendo mobilizadas estratégias de várias ordens, com o intuito de potencializar as posições defendidas. Passamos a analisar esses procedimentos de ordem estratégica na sequência.

2 A força argumentativa das *Fake News*: estratégias integradas na dinâmica das redes digitais

Procedemos à análise de um conjunto de textos disponibilizados no *site* Aosfatos.org. Trata-se de vinte e oito textos relacionados aos resultados das eleições e unidos pelo mesmo projeto argumentativo: mobilizar pessoas a irem às ruas, aguardarem 72h, para que Bolsonaro acione o Artigo 142 da Constituição e para que as forças armadas intervenham. Esses textos foram selecionados devido ao fato de possuírem única tese e de estarem integrados ao primeiro momento da circulação de *fake news* sobre os resultados das eleições presidenciais, podendo trazer pistas de como se constituiu a argumentação nessa conjuntura política inicial. As análises dos vinte e oito textos foram desenvolvidas por meio: i) do exame das estratégias com vista à multimodalidade existente; ii) do levantamento dos procedimentos argumentativos mais recorrentes. Transcrevemos os corpora de acordo com as normas de transcrição do Projeto NURC-SP.

Os estudos de Koch (1996), sobejamente discutidos entre estudiosos do texto, apontaram para as diversas possibilidades de estratégias mobilizadas em textos-discursos, dependendo do que se projeta em termos de finalidade. Tais estratégias podem ser textuais, cognitivas e interacionais. Em específico as cognitivas, já van Dijk e Kintsch (1983) afirmavam que o processamento textual e a compreensão supõem vários procedimentos orientados por “uma instrução global para cada escolha a ser feita no curso da ação”. Também Beaugrande e Dressler (1981, 1997), Koch (1996), Marcuschi (2007), Morato e Bentes (2013), entre outros, partiram da posição de o texto constituir-se por operações cognitivas interligadas. Entendemos que tais procedimentos interconectam-se com a argumentação presente em textos-discursos, como nas *Fake News*, potencializando a argumentação.

Para Koch (1996), a análise de estratégias cognitivas vai além de características textuais, de modo a considerar as especificidades dos interlocutores, seus projetos de dizer, suas convicções e seus conhecimentos – os episódicos ou mais gerais. Trata-se, assim, de estratégias de uso do conhecimento aliadas às crenças e aos valores envolvidos. Esses últimos elementos correspondem a fatores importantíssimos para os acordos pretendidos,

assim como amplamente já foi discutido em pesquisas que partiram da perspectiva da Nova Retórica de Perelman e Olbrechts-Tyteca ([1958] 2002) e como discutimos anteriormente.

No caso da rede de disseminação de informações falsas, essa reprodução de ideias reforça tais valores e crenças ao mesmo tempo que cria um modelo cognitivo de grupo acerca de situações políticas, projetando alianças e ações, bem como construindo efeitos de verdade. Joga-se com aquilo que é (supostamente) conhecido por um grupo ou aquilo que não é, de modo, neste último caso, a favorecer a manipulação.

Mais especificamente, nessas interações em rede, as estratégias cognitivas retóricas (VAN DIJK, KINTSCH, 1983), relacionadas ao modo como se diz e se constrói determinados eventos, unem-se às interacionais, as quais dizem respeito ao contrato almejado entre os interlocutores – primeiramente não permitir a tomada de posse de Lula – e às textuais, frequentemente, ligadas à progressão temática e a repetições de natureza diversa - seleção lexical e imagética, paráfrases, paródias, construção referencial.

No conjunto de textos sob análise, observamos indícios de que o projeto argumentativo de invalidar o resultado da eleição presidencial tenha sido operacionalizado por meio de textos-discursos integrados uns aos outros em formato de vídeos, áudios, imagens postadas no *WhatsApp*, com os quais se apelava a valores comuns de um grupo, relacionados à ideia de patriotismo. Seleções referenciais, presentes em diversos textos, são indicativas desse encaminhamento e reforçam esses valores: presença de pessoas com a camiseta do Brasil; imagem da bandeira do Brasil, acionamento do Hino da Independência ou apresentação escrita de uma parte dele (“Ou ficar a pátria livre ou morrer pelo Brasil”); seleção das cores verde, amarela, azul e branca nas letras ou no fundo de postagens; formulações como “Eu sou brasileiro e não aceito”, “O clamor popular vai acabar ditando”.

O acionamento de valores é acompanhado de ecos que reproduzem a ideia de que Bolsonaro estava agindo, ou impedido de agir, e a atitude precisaria ocorrer por parte do povo, como podemos observar nos seguintes textos:

(1) Vídeo no *Kwai* - Fonte não identificada pelo Golpeflix

notícia urgen::te...*Bolsonaro acaba de assinar o decreto de estado de sítio no Brasil.. e o exército começa a agir em 72h* [imagens de pessoas do exército]

(2) Vídeo no *Youtube* - Fonte não identificada pelo Golpeflix

UM quatro dois ... nessa circunda/circunstância... *o presidente não pode tomar a iniciativa e sim o POvo...o legado foi dado... pelo presidente...e o povo ainda não entendeu... aGOra... depois dos votos apurados e a vitória da oposição entre aspas...constitucionalmente... nosso presidente está impedido... de/de se manifestar e se pron/pronunciar... incentivado/incentivando qualquer ação popular... nesse momento... o poder emana do povo quem precisa tomar a iniciativa é o povo... no caso... nós... quem tem que pedir a intervenção militar é o POvo [...]*

Imagem 1: Reprodução de ideia



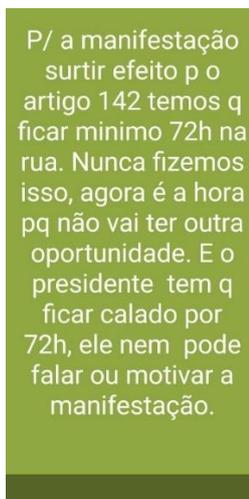
Fonte: Aosfatos.org

Entendemos que, nesses casos (segmentos 1 e 2, imagem 1), o efeito de fato constrói-se pelo que é suposto/inferido em relação ao silêncio de Bolsonaro, ou mesmo, potencializado pela ausência de seu discurso público. Discutimos, com o apoio dos estudos dos autores da Nova Retórica, que aceitar algo como fato ou não corresponde a uma posição intersubjetiva e social, que se ancora às características daqueles para quem os textos-discursos são direcionados.

Temos, ainda, que a força argumentativa se articula à divisão de grupos, “endo e exogrupo” (GONÇALVES-SEGUNDO, 2022), a uma polarização que reforça identidades e possibilita que acordos sejam efetivados a partir da imagem que se cria de um e de outro, a partir de efeitos de aproximação e de ruptura.

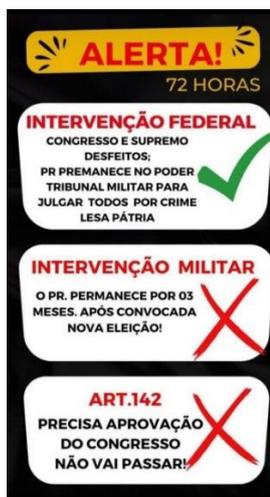
Além do mais, joga-se com o papel e a força da instância cidadã de ajudar Bolsonaro, assim como podemos examinar nas formulações indicadas anteriormente (“o poder emana do povo quem precisa tomar a iniciativa é o povo... no caso... nós”, entre outras) e nas postagens seguintes, entre outras que foram distribuídas no *WhatsApp*:

Imagem 2: Postagem com pedido de manifestação



Fonte: Aosfatos.org

Imagem 3: Postagem com orientações sobre a manifestação



Fonte: Aosfatos.org

Imagem 4: Postagem sobre a manifestação



Fonte: Aosfatos.org

Na imagem 2, junto ao apelo à força da instância cidadã, localizam-se procedimentos de orientação e de motivação sobre a ação que deveria ser realizada: “temos q ficar mínimo 72h na rua”, “Nunca fizemos isso, agora é a hora pq não vai ter outra oportunidade”. Mais ainda, em 3, reforça-se o que deve ser pedido e o que não deve, de modo a dar tom explicativo por meio da organização das informações (“Alerta”, “72h”, “Intervenção Federal”), das cores utilizadas para indicar o que se entende por certo (elemento gráfico verde) e por errado (elemento gráfico vermelho), do espaço que tais ícones ocupam na postagem.

Em relação à imagem 4, observamos pistas do apelo à generalização no que diz respeito a um grupo específico ser construído como o povo brasileiro: “O povo não vai sair das ruas”, “Se posicionem e façam valer a vontade do povo contra o golpe dado pela esquerda contra o povo brasileiro”. As cores e o tamanho das letras, com destaque à formulação “O povo não”, enfatizam a ideia de força do endogrupo.

Nos áudios e vídeos, podemos localizar não só repetição de ideia, como indicamos, mas também formulações linguísticas reiteradas tanto no *interior dos textos* quanto entre textos. Observamos recorrência de seleções relacionadas ao Art.142 e outras: “lei”, “ordem”, “povo”, “intervenção”, “Constituição/Constitucional”, “forças armadas” etc. Observemos alguns desses procedimentos:

(3) Vídeo Fala Glauber *Podcast-Youtube*

um quatro dois... é garantia da lei e da ordem... só isso... tem pessoas que estão com me::do... talvez porque não estejam seguin::do... a LEI e a or::dem... então... para vocês que não estão seguindo a lei e a ordem... existe um artigo que é o um quatro dois... só isso... mas não para tomar poder não...é para restabelecer... a lei e a ordem

(4) Vídeo no *Twitter* – Fonte não identificada pelo GolpeFlix

estamos aqui... não vamos nos render... não vamos entregar o Brasil nas mãos de um ladrão vagaBUNDO:: ... Lula...*artigo um quatro dois já*... bora...*artigo um quatro dois já* [escrita “ART142 já” acompanhada de pictograma da bandeira do Brasil e de um *emoji* com sorriso]

(5) Vídeo no *TikTok* – Fonte não identificada pelo GolpeFlix

[Divulgação de um segmento da fala do ex-desembargador do Tribunal de Justiça do Distrito Federal durante uma sessão da Comissão de Transparência, Governança, Fiscalização, Controle e Defesa do Consumidor no Senado]

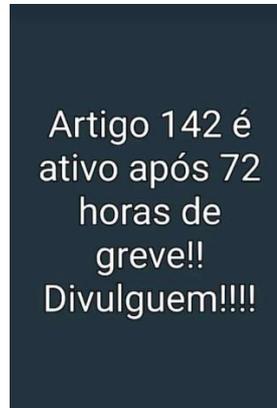
Nós:... a sociedade brasileira sofreu um GOLpe praticado pelo Supremo Tribunal Federal [aplausos] ao não cumprir a *Constituição*... e qual é a solução *CONstitucional*?... hein ? O presidente da República... invocar *o artigo cento e quarenta e dois da Constituição*...[aplausos] para DAR legitimidade às forças armadas para aGIREM [texto escrito “SENADOR PEDE Bolsonaro Bolsonaro para acionar ART 142”]

Imagem 5: Repetição sobre o Artigo 142



Fonte: Aosfatos.org

Imagem 5: Repetição sobre o Artigo 142



Fonte: Aosfatos.org

Como vários estudiosos do texto falado já nos revelaram (JUBRAN ET AL, 1992, TANNEN, 1985, 1987, TRAVAGLIA, 1989 etc.), a estratégia da repetição pode se relacionar à elaboração e à reelaboração da fala espontânea durante seu processamento. Há usos da repetição articulados à compreensão, à interação, à organização do texto, à coesão. Além do mais, essa estratégia possui caráter argumentativo (KOCH, ELIAS, 2016, PERELMAN, OLBRECHTS-TYTECA [1958] 2002), podendo estar presente nas multimodalidades, de modo a manter determinadas ideias em presença, estabelecer diferenças entre cenários e objetos do discurso, atribuir valores.

Perelman e Olbrechts-Tyteca ([1958] 2002) afirmam que a repetição pode aumentar o efeito de presença de determinado objeto de discurso, relacionando-se à argumentação ao passo que permite a evidência de algo, ou mesmo, “o fracionamento de um acontecimento complexo em episódios detalhados” (p. 198). O caráter argumentativo da repetição pode ser outro e mais complexo. Entendemos que se repete como meio de fortalecer/sugerir determinadas ideias e atitudes, de agir sobre modelos cognitivos e sistemas de crenças.

Nas *Fake News* sob análise, a repetição cumpre papel importantíssimo também do ponto de vista interacional. Ideias (ir para as ruas e pedir intervenção federal) e formulações linguísticas (“Intervenção Federal”, “Constitucional”, “Artigo 142”, “Lei”, “Ordem” etc.) repetem-se e se fortalecem com o gerenciamento da lógica dos algoritmos, deslocando a atenção para um cenário construído nos e pelos textos-discursos. Mais ainda, evocando medo, conspirações e polarizações. Retomamos Zompetti (2019) que afirma como as *Fake*

News são utilizadas para manipular certos argumentos para públicos específicos. Nossas análises trazem pistas dessa utilização manipuladora no Brasil.

O endogrupo, das produções examinadas, baseia-se e repete falácias, de modo a se envolver em disputas de um sistema maior, governado por interesses diversos. A dinâmica argumentativa respalda-se na ideia forjada de que determinado grupo cidadão possui força para transformar dada realidade social, de que agem e se articulam sem envolvimento de conjunturas políticas em curso.

Em nossas análises, também detectamos que a maioria dos textos examinados se distribui por meio do *WhatsApp*, provavelmente via amigos ou conhecidos. Tal circulação muito se deve à estratégia textual-interacional de construção do grupo a partir dos valores da justiça, da família e da religiosidade e ao pedido constante de compartilhamento. O recebimento dos textos por meio de amigos e familiares pode ser um motivo que leva a efeitos de verdade por conta de haver identificação entre quem envia e quem recebe, como discutimos anteriormente. Nesse viés, o meio em que circulam as *fake news* também correspondem a um de seus instrumentos de operacionalização em rede.

Destacamos que diversos textos reproduzem formulações indicativas de atitudes falaciosas (“Bolsonaro acaba de assinar o decreto de estado de sítio no Brasil... e o exército começa a agir em setenta e duas horas”, “lembrem-se de uma coisa... o Bolsonaro não po::de... decretar o Artigo um quatro dois... se o povo não for para rua... então... não deixem passar essa oportuna::de[...]”, “esses atos têm que continuar por setenta e duas horas...ela precisa continuar por setenta e duas horas que é o prazo constitucional para que algo seja feito”, entre outras), com as quais se direciona o que deve ser feito e qual o efeito da ação – os meios e os fins. A argumentação está ancorada à regra da justiça, pautada na suposta ilegalidade dos resultados eleitorais, à indissociabilidade de pessoa-grupo (Bolsonaro e apoiadores) e à ideia de sacrifício, no caso, relacionado a uma manifestação que precisaria ocorrer durante 72h. Para Perelman e Olbrechts-Tyteca ([1958] 2002), a argumentação pelo sacrifício pauta-se na alegação que a dificuldade a ser assumida atrela-se à busca por certo resultado.

Conclusão

Este trabalho teve por objetivo a localização de estratégias – interacionais, textuais e cognitivas – que mais se apresentaram e colaboraram com a força argumentativa das *Fake News*. Pudemos identificar uma *performance* coletiva com discursos falaciosos atrelados à tomada de posse de Lula e à suposta intervenção de Bolsonaro e das Forças Armadas. Uma estratégia significativa correspondeu à repetição, entre textos e no interior destes, com a qual foram sendo reproduzidas a mesma ideia de modos diversos: recorrência de um quadro referencial que permite fortalecer os valores de um grupo, retomada de formulações acerca do Artigo 142 da Constituição com acréscimos, reforço da generalização pela seleção constante do item lexical “povo” para indicar as atitudes de um grupo etc.

A motivação central baseou-se pela argumentação relacionada ao meio (ir às ruas) e aos fins (Bolsonaro acionar o Artigo 142, as Forças Armadas intervirem e o resultado das eleições ser suspenso), de modo falacioso, já que as informações dadas como fato correspondiam a suposições, a interpretações sobre o silêncio de Bolsonaro em cenário público, bem como apelo ao medo, acentuação de polarizações.

Quanto ao nosso terceiro objetivo que correspondeu à descrição de como se operacionalizam os textos das movimentações sociais em rede digital, entendemos que o momento sócio-histórico do país, que estava inserido em disputas políticas, colaborou com a aceitação e a distribuição das *Fake News*. Mais ainda, como não é possível identificar facilmente a origem desses textos-discursos, é possível que o fenômeno seja um engendramento de instâncias maiores, de onde se partem ideias que são inseridas em um espaço promissor de disseminação: a internet. Assim é que se podem integrar a tentativa falaciosa e a falácia efetiva.

Do ponto de vista argumentativo, as *Fake News*, nas redes digitais, precisam ser examinadas a partir de agrupamento de textos-discursos, uma vez que é o conjunto junto à dinamicidade das redes que conferem força argumentativa dessas produções. Foi o que pudemos constatar em nossas análises.

Referências

- BEAUGRANDE, R. de. *New foundations for a science of text and discourse: cognition, communication and the freedom of access to knowledge and society*: Norwood: Ablex, 1997.
- BEAUGRANDE, R de.; DRESSLER, W. *Introduction to Text Linguistics*. London: Longman, 1981.
- BENTHAM, J. *The book of fallacies: from unfinished papers of Jeremy Bentham*. Londres: Forgotten Books, 1842.
- BRETON, P. *A argumentação na comunicação*. 2. ed. Caxias do Sul: EDUSC, 2003.
- GONÇALVES-SEGUNDO, P. Fake news, moral panic and polarization in Brazil: A critical discursive approach. *Linguistic Frontier*, v.5, n.2, 2022, p.51-60.
- JACOBS, S.; JACKSON, S. Derailments of argumentation: it takes two to Tango. In: HOUTLOSSER, P.; VAN RESS, A. (Eds.). *Considering pragma-dialectics*. New Jersey: Lawrence Erlbaum Associates, 2006, p.121-133.
- JUBRAN, C.C.A.S. et al [1992]. Organização tópica da conversação. In: ILARI, R. (org.) *Gramática do Português Falado*. Vol. II. Campinas-SP: Editora da Unicamp, 2002.
- KOCH, I.V. Estratégias pragmáticas de processamento textual. *Cadernos de Estudos Linguísticos*, v.30, p. 35-42, 1996.
- KOCH, I.V.; ELIAS, V.M. *Escrever e argumentar*. São Paulo: Contexto, 2016.
- MARCUSCHI, L.A. *Cognição, linguagem e práticas interacionais*. Rio de Janeiro: Lucerna, 2007.
- MEYER, Michel. *A retórica*. São Paulo: Ática, 2007.
- MORATO, E. M. *A construção textual das Fake News: faltar à verdade equivale a mentir ? Comunicação apresentada na Abralin em Cena em 21 de novembro de 2019*. Disponível em: <https://www.youtube.com/watch?v=Y65SmW9UVME&t=419s>. Acesso em: 03 nov. 2023.
- MORATO, E. M.; BENTES, A.C. *Frames em jogo na construção discursiva e interativa da referência*. Caderno de Estudos Linguísticos, v. 55, n.1, p.125-137, 2013.
- PERELMAN, C.; OLBRECHTS-TYTECA, L. [1958] *Tratado da argumentação*. A nova retórica. São Paulo: Martins Fontes, 2002.
- PORTILLO-FERNÁNDEZ, J. El uso de falacias en la comunicación absurda. *Logos*, v.28 n.2, p.443-458, 2018
- TANNEN, D. *Repetition*. Annals of the New York academy of science, 1985.
- _____. Repetition in conversation: Toward a poetics of talk. *Language*, v.63, n. 3, p.574-605, 1987.

TOMASELLO, M. *A natural history of human thinking*. Cambridge: Harvard University Press, 2014.

TRAVAGLIA, L. C. Considerações sobre a repetição na língua oral e na conversação. *Letras & Letras*, v. 5, n.1 e 2, p. 05-61, 1989.

VAN DIJK, T.A.; KINTSCH, W. *Strategies of discourse comprehension*. New York: Academic Press, 1983.

WALTON, D. N. *Lógica informal*. São Paulo: Martins Fontes, 2006.

_____. *A pragmatic theory of fallacy*. Tuscaloosa: University of Alabama Press, 1995.

ZOMPETTI, J. P. The Fallacy of Fake News: Exploring the Commonsensical Argument Appeals of Fake News Rhetoric through a Gramscian Lens. *Journal of Contemporary Rhetoric*, v. 9, n.3/4, 2019, p.139-159.

ⁱ Professora do Departamento de Linguagens da Faculdade Sesi de Educação - São Paulo (FASESP).

E-mail: prof.renata.palumbo@gmail.com.

Lattes ID: <http://lattes.cnpq.br/5481540554575013>

ORCID: <http://orcid.org/0000-0001-6969-0802>

ⁱⁱ Professora do Departamento de Letras Clássicas e Vernáculas, Área de Filologia e Língua Portuguesa da Universidade de São Paulo (USP).

E-mail: ziaquino@usp.br

Lattes ID: <http://lattes.cnpq.br/7625238138687080>

ORCID: <http://orcid.org/0000-0003-0432-7046>

A CONCEPTUALIZAÇÃO DE *FAKE NEWS* COMO EVIDÊNCIA DA COGNIÇÃO SOCIAL¹

THE CONCEPTUALIZATION OF *FAKE NEWS* AS EVIDENCE OF SOCIAL COGNITION

Rafaely Carolina da Cruzⁱ

Resumo: O presente trabalho se insere na discussão da compreensão da linguagem humana em sua dimensão individual e social, abordando as bases ontológicas e os aspectos biológicos e sociais da cognição. A Linguística Cognitiva, desde seu advento, posiciona a linguagem como intrinsecamente ligada a outros processos sociocognitivos, como a interação e a perspectivação. Morato (2019a) identifica desafios na pesquisa cognitiva, incluindo a superação do naturalismo, a relação entre linguagem e cognição, e a interdisciplinaridade. Michael Tomasello (2003, 2019) destaca-se nesse campo ao explorar a ontogenia da psicologia humana e sua relação com aspectos sociais e culturais. Diante disso, este artigo tem como objetivo mostrar, a partir dos estudos sociocognitivos, a construção do frame de *fake news* como evidência da cognição social. A pesquisa se concentra em comentários do curso online "Cidadania digital e leitura crítica", disponível no Portal TEC Sala de Aula, oferecido para professores da educação básica entre 2018 e 2021. Estes comentários oferecem uma perspectiva valiosa sobre como a cognição social influencia a compreensão e disseminação do conceito de "*fake news*", indicando que o entendimento desse fenômeno é influenciado pela cooperação, perspectivação e experiências individuais e sociais.

Palavras-chave: Cognição Social. Frames. Fake News.

Abstract: This present work engages in the discussion of understanding human language in its individual and social dimensions, addressing the ontological and biological as well as social aspects of cognition. Cognitive Linguistics, since its inception, positions language as inherently linked to other sociocognitive processes such as interaction and perspectivation. Morato (2019a) identifies challenges in cognitive research, including overcoming naturalism, the relationship between language and cognition, and interdisciplinary approaches. Michael Tomasello (2003, 2019) stands out in this field by exploring the ontogeny of human psychology and its relation to social and cultural aspects. In light of this, this article aims to demonstrate, based on sociocognitive studies, the construction of the "fake news" frame as evidence of social cognition. The research focuses on comments from the online course "Digital Citizenship and Critical Reading," available on the TEC Classroom Portal, offered to elementary school teachers between 2018 and 2021. These comments provide a valuable perspective on how social cognition influences the understanding and dissemination of the concept of "fake news," indicating that the comprehension of this phenomenon is influenced by cooperation, perspectivation, and individual and social experiences.

Keywords: Social Cognition. Frame. Fake News.

Introdução

Para compreender a linguagem humana de maneira individual e social, ou seja, a maneira como ela se dá dentro de cada indivíduo, sua estrutura, organização e possibilidades

¹ Agradeço à professora Dra. Edwiges Morato pela orientação desta pesquisa, bem como aos professores Dra. Nathália Luiz de Freitas e Dr. Caio César Costa Ribeiro Mira pela leitura e contribuições ao texto. São de minha responsabilidade eventuais desajustes que persistiram.

de atribuição de sentidos, é preciso olhar a ontologia e ampliar a discussão para aspectos biológicos e sociais da nossa cognição. De acordo com Morato (2019a), os estudos acerca da cognição estão explicitamente presentes na linguística a partir do nascimento da Linguística Cognitiva, com a qual a linguagem começa a ser entendida como indissociável dos outros processos sociocognitivos, como a interação, a perspectivação, o compartilhamento de atenção etc.

Devido à complexidade da cognição, Morato (2019a) destaca alguns desafios para o estudo desse objeto, entre eles estão as questões biológica, relacional e interdisciplinar. Respectivamente, esses desafios dizem respeito à superação do naturalismo, isto é, encarar a cognição apenas como um fator biológico; compreender a relação entre linguagem e cognição e, por fim, como os estudos da cognição se relacionam com as demais áreas das ciências. Nesse sentido, as pesquisas que se filiam a essa linha teórica da Linguística Cognitiva preocupam-se com a superação destes desafios.

Nessa perspectiva de interface entre áreas do conhecimento, destacamos as obras de Michael Tomasello, psicólogo que se interessa pela linguagem humana. Na publicação “Origens culturais da aquisição do conhecimento humano” de 2003, o autor afirma que nosso processo de aprendizagem é possível porque cada indivíduo compreende o seu co-específico como ser igual a ele, dotado de uma vida mental e intencional. Em livro mais recente “*Becoming Human: A Theory of Ontogeny*”, publicado em 2019, o autor busca descrever e explicar a ontogenia da psicologia exclusivamente humana usando como ponto de partida a ontogenia dos primatas. Tomasello parte da teoria de Lev Vygotsky, colocando a atividade sociocultural humana dentro da estrutura evolucionária moderna, observando a relação entre as capacidades maturacionais humanas e o contexto sociocultural em que estamos inseridos para compreender o que “nos torna humanos”.

Neste trabalho, pretendemos observar o que Tomasello (2019) chama de “Cognição Social”, como ela é construída, e, a partir disso, estabelecer relações com os processos de conceptualização em torno da expressão “*fake news*”. Acreditamos que os *frames*, entendidos como um modelo de representação e compreensão de sentidos, são um modo de nos ajudar a investigar como os falantes conceptualizam determinados conceitos e os incorporam em suas práticas discursivas, colocando em evidência a cognição social. Assim,

selecionamos como *corpus* de análise comentários da área de interação do curso online “Cidadania digital e leitura Crítica: como analisar informações falsas” em que os cursistas são questionados sobre a definição da expressão “*fake news*”. Portanto, nosso objetivo neste trabalho é analisar as expressões textuais construídas por cursistas para definir a expressão “*fake news*” observando as conceptualizações realizadas por estes estudantes.

Ao estabelecer tal recorte teórico-metodológico, não ignoramos o fato de a literatura do campo ser vasta para compreender a Cognição, os *Frames*, as *Fake News* e todos os aspectos sociocognitivos que a interação entre falantes possui. Pelo contrário, nos fundamentamos em autores como Fillmore (1982), Tomasello (2003, 2019), Lakoff (2004), Vereza (2016), Morato (2010), Bentes (2018), entre outros, para estabelecer um diálogo dentro da Linguística Cognitiva que contemple o caráter sociocognitivo e linguístico das *fake news* em um universo específico, que é o ambiente de interação de curso online. Isso porque acreditamos que a cooperação e a perspectivização são elementos integrantes da cognição social e estão presentes quando os cursistas interagem, mesmo que de forma assíncrona, no espaço de comentários para construir uma definição para as *fake news*, sobretudo porque os comentários que constituem o nosso *corpus* são provenientes de professores e educadores que estão em busca de aperfeiçoamento e domínio de tecnologias e dos fenômenos que as circundam.

1 A cognição social e a construção do *frame* de *fake news*

Buscando na literatura como a cognição é tratada, trouxemos o que Vereza (2016, p. 563) afirma que

a cognição é normalmente abordada, em seu sentido dicionarizado (Dicionário Houaiss), como “ato ou efeito de conhecer; processo ou faculdade de adquirir um conhecimento”. No Dicionário Informal, a definição é similar: “Ato ou processo de conhecer, inclui estados mentais e processos como pensar, a atenção, o raciocínio, a memória, o juízo, a imaginação, o pensamento, o discurso, a percepção visual e audível, a aprendizagem, a consciência, as emoções.”

O que essas definições têm em comum é o fato de a cognição ser vista essencialmente como um processo de aquisição de conhecimento ou de raciocínio, haja vista a menção à memória, à atenção, à imaginação, etc. Sendo assim, a cognição é normalmente associada aos processos envolvidos na aquisição de conhecimento, o que parece pressupor um

esquema imagético de “contêiner” para se entender a mente. Nesse prisma, a cognição passaria a ser abordada como os meios de se levar conhecimento a este contêiner.

Embora muitas vezes a cognição seja vista como uma espécie de “contêiner”, Vereza diz que ela está relacionada aos “meios de se levar conhecimento”. Nesse sentido, existem diversos processos que envolvem a aprendizagem e muitos deles só são possíveis a partir da interação social em que o indivíduo se encontra.

Tomasello (2003) enfatiza características da cognição humana como, por exemplo, a capacidade de perspectivação, percepção, memória, atenção, categorização e tudo isso é possível a partir da habilidade de reconhecer o outro como co-específico. Já em 2019, ao abordar os aspectos que fazem com que a nossa espécie “se torne humana”, o autor faz um percurso ontogenético em que ganham destaque a cultura e nossas capacidades sociocognitivas. Nesse trajeto o autor aponta que a cognição social, a comunicação, a aprendizagem cultural, o pensamento cooperativo, a colaboração, a pró-sociabilidade, as normas sociais e a identidade moral são características fundamentais da cognição humana. Assim, ao retomar a teoria vigotskiana, o autor realça o aspecto sociocultural da nossa cognição. Para ele, a atenção conjunta e o *common ground*, características da nossa cognição social, favorecem o processo de aprendizagem e a construção de conceitos.

A atenção conjunta e o *common ground*, tanto pessoal quanto cultural, constituem a infraestrutura intersubjetiva necessária para muitas outras atividades exclusivamente humanas. A atenção conjunta permite que os indivíduos coordenem suas atividades colaborativas em andamento; o *common ground* pessoal permite uma comunicação eficaz e eficiente; e o *common ground* cultural é a base para as práticas culturais convencionais baseadas na intencionalidade coletiva. Esses engajamentos intersubjetivos também preparam o cenário, como veremos em breve, para as tentativas das crianças pequenas de se coordenarem com a perspectiva dos outros de várias maneiras (TOMASELLO, 2019, p. 62, tradução nossa).²

²“Joint attention and common ground, both personal and cultural, constitute the necessary intersubjective infrastructure for many other uniquely human activities. Joint attention enables individuals to coordinate their ongoing collaborative activities; personal common ground enables effective and efficient communication; and cultural common ground is the basis for conventional cultural practices based on collective intentionality. These intersubjective engagements also set the stage, as we will soon see, for young children’s attempts to coordinate with the perspective of others in various ways” (TOMASELLO, 2019, p. 62).

Desse modo, é a partir da atenção conjunta que existe a coordenação e perspectivação que contribuem para nossa construção de conceitos. A respeito da conceptualização, Gallese e Lakoff (2005) argumentam sobre a “cognição corporificada”; de modo resumido, os autores acreditam que o sistema sensorio-motor propicia uma estrutura para a fundamentação dos conceitos e, dessa forma, o substrato neural que utilizamos para imaginar é o mesmo utilizado para compreender. Portanto, para os autores, “entender” é “imaginar”, quando conceptualizamos também imaginamos, então a cognição corporificada depende de nossa estrutura fisiológica, mas também da nossa relação/interação com o mundo social³.

Diante disso, é inevitável associar os processos de aprendizagem à atividade mental, conseqüentemente, a cognição tem papel primordial para o desenvolvimento de conceitos e o processo de aprendizagem, mas ela por si só não é responsável por todo o processo. A natureza social da espécie humana favorece a aprendizagem, conforme afirma Barros (2018, p. 31): “as coisas não possuem significado em si próprias; o sentido é construído, por meio da cognição, durante as interações dos indivíduos com o mundo e com a sociedade em que se inserem”. A autora ainda complementa:

Para Fauconnier (1997), a construção de sentido diz respeito a complexas operações mentais de alto nível realizadas dentro de domínios cognitivos (modelos conceptuais e espaços mentais), que se associam para configurar pensamento, ação e comunicação. Assim, toda conceptualização inclui um conhecimento prévio de mundo, baseado na experiência, diferentes tipos de raciocínio, construção on-line de significado e negociação de sentido (BARROS, 2018, p. 31).

Nesse sentido, a construção dos conceitos é baseada em diferentes fatores, por isso, damos ênfase ao trabalho de Tomasello (2019) que atribui à “cognição social” um papel importante no desenvolvimento humano ao considerar as relações sociais na conceptualização, também destacamos o trabalho de Morato (2010) que comenta sobre a diversidade de modelos teóricos que tentam explicar a maneira que construímos conhecimento. Para a autora:

³ A respeito disso, Tomasello (2019) aponta que os grandes macacos, apesar de serem capazes de “imaginar” não distinguem uma perspectiva objetiva de uma subjetiva.

vários são os modelos ou construtos teóricos que têm sido formulados para dar conta, teórica e empiricamente, da forma pela qual os indivíduos constroem (compartilham, modificam, organizam, regulam, representam, justificam, reconhecem) a experiência de conhecimento de mundo: *contexto, prática, sistemas de referência, enquadre, esquema, conhecimento prévio, situação social, script, moldura comunicativa*. (MORATO, 2010, p. 94, grifos da autora).

De acordo com a autora, esses termos são semelhantes, mas não são e nem tratam da mesma coisa. Para exemplificar esse argumento, ela cita as definições de outros autores.

Script (cf. Schank e Abelson 1977), por exemplo, tem sido definido como uma “cadeia de inferência pré-organizada de uma situação específica”; o termo moldura (moldura comunicativa), por sua vez, pode ser entendido a partir do sentido que Fillmore (1982) dá a *frame*, isto é, esquemas de conhecimento ou padrões prototípicos e estereotípicos, ou ainda hipóteses feitas pelos indivíduos a respeito do mundo ou estados de coisa no mundo (Garcez e Ribeiro, 1987:140). Enquadre, por sua vez, não diz respeito apenas a um conhecimento estruturado em termos linguísticos e conceituais, e sim ao enquadramento social dos falantes na interação e aos regimes e práticas sociais que a qualificam, de acordo com Goffman (1974) ou Tannen e Wallat (1998) (MORATO, 2010, p. 94).

Como vimos, existem diferentes termos que tentam explicar a noção de construção de conhecimento, no campo da Linguística Cognitiva, os *frames* ocupam um lugar de destaque. De acordo com Fillmore (1982):

By the term ‘frame’ I have in mind any system of concepts related in such a way that to understand any one of them you have to understand the whole structure in which it fits; when one of the things in such a structure is introduced into a text, or into a conversation, all of the others are automatically made available. (FILLMORE, 1982, p. 111)⁴.

Na tentativa de compreender a definição de Fillmore e estabelecer relação com o modo que a cognição humana trata o conhecimento, Barros comenta que:

⁴ Tradução desse trecho apresentada por Barros (2018): “qualquer sistema de conceitos relacionados de tal forma que para entender qualquer um deles, você tem que entender toda a estrutura na qual ele se encaixa; quando uma coisa em tal estrutura é introduzida em um texto, ou em uma conversa, todas as outras são automaticamente disponibilizadas” (p. 35).

o sistema cognitivo funciona da seguinte maneira: diferentes *frames* são criados e armazenados na mente humana com base nas experiências tanto individuais quanto coletivas (influenciadas pelo contexto sociocultural) e, à medida que a conceptualização se faz necessária, vários desses enquadres são acessados e associados automaticamente para que o sentido seja construído. (BARROS, 2018, p. 35).

Portanto, se a aprendizagem humana envolve a cognição e a relação do indivíduo com o meio em que ele vive, os *frames* podem ser considerados uma categoria que nos ajuda a compreender a cognição social apresentada por Tomasello (2019). Lakoff (2004) define os *frames* da seguinte forma:

Frames são estruturas mentais que moldam a maneira como vemos o mundo. Como resultado, eles moldam os objetivos que buscamos, os planos que fazemos, a maneira como agimos e o que conta como um resultado bom ou ruim de nossas ações. Na política, os frames moldam as nossas políticas sociais e as instituições que formamos para executá-las. Mudar nossos frames é mudar tudo isso. Reframing é uma mudança social. Você não pode ver ou ouvir frames. Eles fazem parte do que os cientistas cognitivos chamam de estruturas "inconscientes cognitivas" em nossos cérebros que não podemos acessar conscientemente, mas sabemos por suas consequências: a maneira como raciocinamos e o que conta como senso comum. Também conhecemos frames através da linguagem. Todas as palavras são definidas em relação aos frames conceituais. Quando você ouve uma palavra, seu frame (ou conjunto de frames) é ativado em seu cérebro. (LAKOFF, 2004, p. XV, tradução nossa)⁵.

Assim sendo, podemos dizer que os *frames* representam a maneira como vemos o mundo e, por conseguinte, a maneira que apreendermos as coisas. É a partir dessa “estrutura mental” que nossa sociedade é organizada e conseguimos conviver socialmente através dessa estrutura que é representada pela linguagem humana. Ou seja, o modo como nós aprendemos

⁵ Original no inglês: “Frames are mental structures that shape the way we see the world. As a result, they shape the goals we seek, the plans we make, the way we act, and what counts as a good or bad outcome of our actions. In politics our frames shape our social policies and the institutions we form to carry out policies. To change our frames is to change all of this. Reframing is social change. You can't see or hear frames. They are part of what cognitive scientists call the "cognitive unconscious" - structures in our brains that we cannot consciously access, but know by their consequences: the way we reason and what counts as common sense. We also know frames through language. All words are defined relative to conceptual frames. When you hear a word, its frame (or collection of frames) is activated in your brain”. (Lakoff, 2004, p. XV).

e vivemos no mundo é resultado do “enquadre” que determinada situação apresenta, e essa apresentação é feita por meio da linguagem.

Morato e Bentes (2010) apresentam de maneira pontual uma retrospectiva da literatura acerca dos *frames*.

Segundo Fillmore (1985), lembremos, *frames* são modelos semânticos de representação da compreensão do sentido. Tais modelos podem ser considerados, em sua perspectiva, “ferramentas” com as quais organizamos os sentidos ativados e construídos nos processos contextualizados de produção e interpretação.

Também na linhagem de cunho cognitivo, Lakoff (2004) assinala, por sua vez, que os *frames* “moldam” a maneira como concebemos pragmaticamente o mundo, enquanto van Dijk (1992) utiliza a noção no estudo do processamento do discurso, relacionando-a principalmente com os modelos estratégicos de modelagem, armazenamento e ativação seletiva da memória.

Aprofundando um pouco mais os aspectos pragmáticos e interacionais da noção, Gumperz (1982) assinala, com muita propriedade, que *frames* são conceitos relacionais e não mera sequência de eventos. Além disso, são altamente dependentes do contexto. Essa posição também pode ser encontrada no coração dos trabalhos de Goffman (1974) e de Tannen e Wallat (1985). (MORATO E BENTES, 2013, p. 128).

Nesse sentido, a perspectiva da Linguística Cognitiva para analisar o modo que os indivíduos interagem e constroem experiências de conhecimento no mundo tem sido relevante, uma vez que considera os aspectos cognitivos e sociais da espécie humana. Morato (2010, p. 95) afirma que no terreno da Linguística Cognitiva as estruturas responsáveis por organizar nosso conhecimento e criar categorias é chamada por Lakoff de “Modelos Cognitivos Idealizados” (MCIs) e que “são estruturas conceituais de ordem sócio-cognitiva que permitem a aquisição e o desenvolvimento do conhecimento humano” (p. 95). A respeito disso, Barros (2018) sumariza:

Em resumo, Modelos Cognitivos Idealizados podem ser concebidos como “conhecimentos, produzidos socialmente e disponibilizados culturalmente, que representam um papel relevante para a cognição humana: viabilizam o gerenciamento e o uso do amplo conjunto de experiências adquiridas no dia a dia, durante toda a nossa vida” (Duque & Costa, 2012, p. 76). Esses modelos, possibilitados pela combinação de variados *frames*, auxiliam, portanto, a cognição humana na construção de sentidos e até mesmo na conceptualização de experiências inéditas. (BARROS, 2018, p. 38).

O que vimos até agora é que os *frames* são “Operações mentais básicas [que] operam sobre um conjunto cultural e pessoal de conhecimentos” (TURNER, 2001, p.12, *apud* VEREZA, 2016, p. 562), portanto, eles estão estritamente relacionados à cognição e a todas as estruturas internas que ela mobiliza, mas também, por serem construídos socialmente, eles dependem da relação com o outro. Isto é, eles evidenciam a existência da nossa cognição social uma vez que são o conjunto de conhecimentos que foram mobilizados pelo aparato cognitivo, compartilhados socialmente e evocados a partir da língua que esses indivíduos compartilham.

Diante disso, temos diferentes exemplos de expressões linguísticas que constituem *frames*, como o *frame* de “mãe” citado por Lakoff (1987), o de “vegetariano” de Fillmore (1976), de “corrupção” por Ferrari (2018) e “racismo” por Parintins Lima (2019). No mesmo sentido, esperamos apresentar no presente trabalho elementos indicadores da construção do *frame* “*fake news*” como evidência da cognição social. Para isso precisamos antes compreender essa expressão linguística e quais outros *frames* podem estar associados a ela.

Em tradução livre “*fake news*” são “notícias falsas”, portanto, para compreender esse termo precisamos saber o que são “notícias” e como elas são ancoradas socialmente. Além disso, é necessário entender o que é o adjetivo “falso” e como ele está associado a outros conceitos, como a concepção de verdade e mentira.

Primeiro, vamos apresentar o que é “notícia”. Podemos dizer que a notícia é um gênero textual⁶, pois é um texto que possui uma estrutura composicional pensada no meio em que circula e em leitores que a receberão. A definição dicionarizada do termo é

De acordo com o dicionário eletrônico Houaiss da Língua Portuguesa (2009), esse termo possui as seguintes definições: 1) ‘informação a respeito de acontecimento ou mudança recentes, nova, novidade’; 2) ‘conhecimento do paradeiro ou da situação (de alguém)’; e 3) ‘relato de fatos e acontecimentos veiculado em jornal, televisão, revista etc.’ ou 4) ‘o assunto focalizado nesse relato’.”. (BARROS, 2018, p. 40).

⁶ Para maior discussão a respeito de gêneros textuais, suporte e função indicamos Marcuschi (2008) e Koch, (2015).

A partir dessas definições de notícia, é importante destacarmos os termos “informação” e “relato de fatos”, pois eles nos conduzem ao pensamento de que a notícia possui um caráter de “verdade”, afinal, elas relatam fatos, acontecimentos e são veiculadas em um suporte como jornal, televisão que possuem um prestígio social. Conforme destaca Barros (2018),

Com base nessas definições, logo de início, é possível afirmar que um dos principais *frames* evocados em se tratando de notícia é o de verdade. Isso ocorre possivelmente porque, tradicionalmente, esse gênero se estabeleceu com base na necessidade de se informar sobre importantes acontecimentos sociais. Na medida em que surgiram veículos de informação diversos e a notícia passou a ser tida como um produto (TRAQUINA, 2005), instaurou-se um esquema de concorrência e, nesse cenário, a credibilidade se mostrava um fator fundamental para a decisão final do público consumidor. Dessa forma, os veículos passaram a se ocupar ainda mais da checagem dos fatos e do acesso a fontes confiáveis, a fim de não arriscar perder a confiança do público pela divulgação de notícias falsas. Desde então, com o passar dos anos, o *frame* de verdade foi se instaurando no sistema cognitivo dos indivíduos, que, baseados em sua experiência, têm a expectativa de receberem informações verídicas a partir de um texto noticioso. Portanto, um dos aspectos da notícia prototípica é, com base na tradição sociocognitiva e discursiva, ser verdadeira (BARROS, 2018, p. 40).

Mas se “notícia” está atrelada à noção de verdade, como é possível existir o termo “*fake news*”? Barros (2018) argumenta que as mudanças do gênero notícia, baseados em novos meios de comunicação, informação e transformação do texto noticioso como produto lucrativo favoreceram mudanças no gênero e, conseqüentemente, permitiram que notícias falsas emergissem nesse contexto.

A descentralização da Internet e a possibilidade de qualquer pessoa com acesso à rede criar e disponibilizar seu próprio conteúdo para milhões de pessoas, conforme problematizou Tagg (2015), permitiu o surgimento de uma leva de notícias de veracidade questionável, uma vez que, além de não precisarem se identificar, os autores no ambiente on-line não têm suas produções revisadas ou reguladas por fatores externos; não é requerido profissionalização nem, necessariamente, compromisso com a verdade (BARROS, 2018, p. 59).

Sendo assim, o advento da internet favoreceu novos meios de produção de informação, como resultado, contribuiu também para a disseminação de informações falsas,

informações que não foram checadas. Concordamos com a justificativa apresentada por Barros (2018), para a grande quantidade de *fake news* que surgiram nos últimos tempos, porém gostaríamos de acrescentar que quando colocamos “notícia” e “informação” no mesmo patamar, tal qual foi dada na definição do dicionário, é possível que associemos os *frames* dessas expressões. Embora “notícia” não possua descrição no FrameNet Brasil⁷, encontramos a definição de informação⁸:

Quadro 1: definição do *frame* de informação

Definição

Um **Pensador** sabe ou saberá sobre informações a respeito de um **Tópico**. Neste frame, muitas ULs codificam um específico **Meio de coleta** e/ou uma **Fonte**, mas elas também podem ser expressadas separadamente.

Fonte: FrameNet Brasil

A partir da definição do *frame*, podemos ver que diz respeito a “um pensador” que sabe algo ou uma informação sobre um tópico. Nessa perspectiva, qualquer um pode ser o “pensador” e qualquer tipo de conteúdo pode vir a ser um tópico. Por isso, acreditamos que o gênero notícia como portador de informações também favorece, de forma paralela ou associativa à internet (espaço de fácil acesso em que qualquer um pode vir a ser um informador), o surgimento de informação falsa e por consequência de “*fake news*”.

Desse modo, relacionado ao termo notícia, o adjetivo “falsa” caracteriza a notícia como mentirosa, desprovida de verdade. Podemos concluir que notícias falsas também pertencem ao gênero notícia que, conforme dito, sofreu atualizações ao longo do tempo por conta do advento da internet. Bentes (2018) comenta sobre a emergência das *fake news* em entrevista dada à “Revista do Instituto Humanitas Unisinos”.

No caso das *fake news*, os contextos parecem ser o de 1) polarização de visões de mundo; 2) guerra híbrida e 3) possibilidade de disseminação rápida, via grandes plataformas (Facebook, Twitter, Whatts app, Google) de assuntos considerados urgentes, sensacionais e/ou de grande interesse (especialmente político, cultural, econômico, científico etc.) (BENTES, 2018).

⁷ FrameNet Brasil é um laboratório de Linguística Computacional sediado na Universidade Federal de Juiz de Fora.

⁸ A definição apresentada neste trabalho segue a mesma formatação da página FrameNet.

Além de acreditar nesses três contextos que favorecem as *fake news*, Bentes (2018) também destaca que o leitor é a parte mais fraca da cadeia das *fake news*, pois é ele quem dissemina as informações, mesmo que muitas vezes sem o conhecimento de que elas são falsas, o leitor empodera-se com a possibilidade de divulgar e perpetuar informações, as quais, em geral, ele concorda, e, por isso, faz questão de divulgar.

A sensação de empoderamento experimentada pelos usuários quando percebem que podem ser uma fonte relevante de informação e que, conseqüentemente, podem adquirir algum prestígio social em função disso, leva todos a tentarem se mostrar “informados”, sabendo da “última” notícia e divulgando, “em primeira mão”, para os seus familiares, amigos e conhecidos do mundo virtual. Nesse sentido, os usuários pensam estar colaborando com a disseminação de informação socialmente relevante e não com a desinformação estritamente orientada para certos fins, mais frequentemente, fins políticos. Lidar com essa boa-fé das pessoas é tarefa para experts. Os textos devem ser encarados, então, de uma forma geral, como construtos que resultam de trabalho sobre recursos linguísticos, textuais e discursivos específicos. (BENTES, 2018).

Segundo Bentes, é importante observarmos os recursos textuais, linguísticos e discursivos das notícias, especialmente das notícias falsas que na maioria das vezes são produzidas intencionalmente. Esse aspecto “intencional” das *fake news* também é observado nas definições dicionarizadas da expressão. De acordo com o *Merriam-Webster*, *fake news* são “notícias que são intencionalmente falsas ou enganosas”⁹, para o dicionário Collins a definição é “informações falsas, muitas vezes sensacionalistas, disseminadas sob o disfarce de reportagens”¹⁰.

A partir dessas definições, podemos concluir que as *fake news* podem ser traduzidas como informações falsas, porém, apenas essa definição é simplista, tendo em vista todo o aparato social e cognitivo que a expressão envolve. É importante dizer também que apesar do termo parecer novo, especialmente depois de ser tão repetido no ano de 2016 nas eleições norte-americanas e eleita a palavra do ano de 2017 pelo dicionário Collins, de acordo com o site “Merriam-Webster”, a expressão existe desde o final do século XIX e é utilizada frequentemente para descrever uma história política.

⁹ Original em inglês: “News reports that are intentionally false or misleading”.

¹⁰ Original em inglês: “false, often sensational, information disseminated under the guise of news reporting”.

Recentemente, em 2019, a Associação Brasileira de Linguística (Abralin) promoveu o evento “14º Abralin em Cena: *Fake News* e Linguagem”, em que diversos pesquisadores puderam se reunir e discutir sobre a expressão, sua ancoragem no mundo e seus efeitos. Neste evento, Morato abordou questões relativas à construção textual das *fake news* e a relação entre mentira, *fake news* e confabulação. De acordo com a autora,

Todos esses três fenômenos – mentira, fakenews e confabulação - envolvem a relação entre linguagem e exterior discursivo, são performáticos e *relacionais* - se produzem em relação a alguém e na relação com alguém. Enquanto práticas de linguagem instituem-se a partir de uma certa ordem discursiva que disciplina e coloca em disputa questões ético-filosóficas e socioculturais, como a noção de verdade, e regula as práticas da vida em sociedade. **Chamam a atenção para um traço característico da cognição humana, que é cooperar e reconhecer e compartilhar intenções, sobretudo intenções coletivizadas** (TOMASELLO, 2014). Envolvem, além disso, um tipo de reflexividade construída em meio à expansão de estruturas e tecnologias de comunicação, à exposição aos outros e à relativização de práticas socioculturais mais estabilizadas (ADAMS, 2006). (MORATO, 2019b, grifos nossos).

Diante das perspectivas teóricas apresentadas sobre a cognição social, os *frames*, o gênero notícia e as *fake news*, podemos concluir que as relações sociais colaboram com as criações de *frames* e estes por sua vez auxiliam no entendimento do mundo. Sendo assim, as *fake news* são uma construção feita a partir do gênero notícia, pois possuem uma estrutura semelhante, porém, não são fiéis ao conceito de verdade e, na maioria das vezes, são produzidas de forma intencional. Além disso, podemos dizer que elas são promovidas virtualmente por leitores que empoderam-se da informação e a disseminam sem a responsabilidade do contexto jornalístico de verificar a veracidade dos fatos.

Portanto, temos que *fake news* são notícias de conteúdo falso, veiculados em diferentes esferas da internet, tais como sites e aplicativos de comunicação. Embora sua criação seja, na maioria das vezes, feita intencionalmente, nem sempre a disseminação é feita da mesma forma, pois o leitor ao estar munido da informação não a verifica. Ainda assim, pela possibilidade de serem criadas intencionalmente, a disseminação também pode ser feita por *bots* e a fabricação de *fake news* transformou-se numa indústria.

Munidos dessas reflexões teóricas sobre como as *fake news* constituem um *frame* e sobre como isso evidencia nossa cognição social, seguimos agora para as concepções de *fake news* dadas por professores e educadores participantes do curso online de curta duração “Cidadania digital e leitura Crítica: como analisar informações falsas”.

2 Apresentação do *corpus* e análises

Os dados a serem analisados nesta seção são provenientes, como já foi dito, do curso online “Cidadania digital e leitura crítica: como analisar informações falsas” disponível no portal TEC Sala de Aula. Ele é composto por quinze aulas, sendo que cada uma delas possui pelo menos quatro unidades. Nosso recorte foi feito na quarta aula intitulada “O que são *Fake News*”, na segunda unidade chamada de “Aquecimento”. Nesta unidade é apresentado um comentário do professor Renato Oliveira em que ele diz: “É importante estarmos sempre atentos às singularidades que a internet e a contemporaneidade trouxeram para os boatos, eles sempre existiram, mas a ideia de *Fake News* surge como um lugar novo, o modo novo em que esses boatos se apresentam”. Logo abaixo desse comentário, há o campo “Para comentar” em que é solicitado que os cursistas respondam às seguintes perguntas: “1. De acordo com seu comentário, qual a definição da expressão ‘*fake news*’ para Renato?” e “2. E para você? Tente definir o que são ‘*fake news*’ com suas palavras.”. A partir das respostas dadas pelos cursistas, especialmente para a segunda questão, construímos o nosso *corpus* de análise que conta com quarenta comentários ao todo.

É relevante dizer que o curso é realizado integralmente online e de maneira assíncrona, isto é, cada cursista pode participar da aula em qualquer momento e os comentários deixados em cada aula nem sempre são respondidos em tempo real. Outro fator que merece destaque é que para a composição do *corpus* recorreremos à seção de comentários da mesma aula, porém feita em diferentes turmas. Ou seja, o compilado que será apresentado a seguir é referente ao mesmo curso, porém são comentários resultantes de quatro turmas que o realizaram entre o segundo semestre de 2018 e o primeiro semestre de 2020.

Para constituir nosso *corpus*, observamos as construções textuais que continham definições para *fake news*, a partir disso, organizamos os 40 comentários em 16 categorias,

apresentamos a seguir cada categoria e entre parênteses o número de comentários que pertencem a ela. “notícia falsa” (12); “boato” (8); “informação falsa” (4); “mentira” (2); “formas não verdadeiras de se falar sobre algo” (2); “forma pensada de espalhar boato” (2); “mais do que boato” (1); “novo mundo para boatos” (1); “fato inverídico” (1); “algo mais perverso” (1); “mensagem instigante” (1); “informação tendenciosa” (1); “publicidade de mentira” (1); “criação deliberada” (1); “coisa que sempre existiu” (1); “novo formato para fofoca” (1). Estas definições são uma tentativa didática de organizar os comentários dentro de categorias, mas por serem construções discursivas, muitas vezes não se restringem a apenas essas categorias. Entendemos que semanticamente algumas definições que foram apresentadas em categorias diferentes estão relacionadas, como por exemplo, “boato”, “mais que boatos” e “novo mundo para boatos”. Apesar de acreditarmos nessa relação, consideramos como definições diferentes por conta da maneira como foram textualmente construídas.

Por conta do limite de páginas deste trabalho, trouxemos para análise apenas três categorias com mais comentários, ainda assim, nos limitamos a escolher apenas um comentário de cada uma delas.

Vemos a cognição social como o reconhecimento do outro por processos perspectivais, intersubjetivos e de compartilhamento de atenção, dessa forma, para nossas análises consideramos o que Tomasello diz sobre a comunicação linguística.

A comunicação linguística convencional é perspectival como um todo. Palavras incorporam perspectivas sobre as coisas. Este animal na minha frente pode ser um cachorro, um animal, um animal de estimação ou uma praga, dependendo de como eu decido construí-lo para meu ouvinte no contexto atual. Esta ação diante de mim pode ser correr, fugir, perseguir ou caçar, novamente dependendo de como eu decido construí-la no contexto comunicativo. As construções gramaticais também são uma perspectiva. (TOMASELLO, 2019, p. 66, tradução nossa)¹¹.

¹¹ Original em inglês: “Conventional linguistic communication is perspective all the way down. Words embody perspectives on things. This animal in front of me may be a *dog*, an *animal*, a *pet*, or *pest*, depending on how I choose to build it for my listener in the current context. This action in front of me may be *running*, *fleeing*, *chasing*, or *hunting*, again depending on how I choose to build it in the communicative context. Grammatical constructions are also perspective”.

Portanto, fundamentados nessa concepção de perspectivação, observamos as construções textuais dos comentários com vistas a mostrar como as conceptualizações acerca da expressão “*fake news*” são vistas pelos cursistas, evidenciando aspectos da cognição social.

Notícias falsas

“Fake News, ou seja, notícias falsas, notícias que não apresentam fatos verídicos e íntegros ao ocorrido, uma lorota.”

A definição de *fake news* pela expressão “notícias falsas” já era esperada por ser a tradução livre do termo. Como dito anteriormente os *frames* são construídos por meio da linguagem e a partir da experiência social do falante, isto é, eles manifestam aspectos da cognição social. Nesse sentido, é esperado que traduções literais possam ser incorporadas pelos usuários da língua.

Esse comentário nos chama atenção por dois motivos, o primeiro deles é o da argumentatividade do cursista de deixar claro que as *fake news* “não apresentam fatos verídicos e íntegros ao ocorrido”, isto é, elas rompem com o *frame* de notícia. O outro aspecto que merece destaque neste dado é que a expressão *fake news* é recategorizada como “lorota”, que de acordo com o dicionário online Michaelis corresponde a “conversa fiada”, “história mal contada” e “qualquer dito com intuito de enganar; lorotagem”. Sendo assim, poderíamos dizer que para este cursista o *frame* de *fake news* é associado a fatos não verdadeiros e a intenção de enganar.

Boato

“Para Renato, autor do post acima, a definição da expressão ‘fake news’ é BOATO. Para mim, fake news, são boatos, assim como o autor do post, criados com um objetivo específico e com um agravante de estar assentada numa ferramenta que é como uma metralhadora que pode atingir a todos que dela façam parte. Quem cria, usa do conhecimento do estudo das redes para criar influenciadores (nós) e fazer um boato viralizar em questão de minutos.”

A definição dada no comentário acima também era esperada em grande quantidade, pois, como foi dito anteriormente, na instrução da aula foi apresentado aos cursistas um

comentário do professor Renato que chamava as *fake news* de boatos, portanto, era esperado que os cursistas se espelhassem nessa definição.

De acordo com o dicionário Michaelis o verbete “boato” possui duas definições a de “notícia anônima, geralmente maledicente, que se divulga a respeito de alguém ou de algum acontecimento, sem confirmação” e a de “notícia ou acontecimento muito divulgado”, nota-se que nas duas definições aparecem o termo “notícia”, por um lado associada a “sem confirmação” e por outro à divulgação. A respeito disso, esse comentário do cursista evidencia o modo de viralização das *fake news* pela internet, fazendo uma comparação com “uma metralhadora que pode atingir a todos que dela façam parte”, ou seja, a internet pode atingir muitos alvos e provocar grandes danos quando veicula notícias falsas, tal como vimos em Bentes (2018) e Barros (2018).

O próximo *frame* ativado sobre as *fake news* também está ancorado na discussão teórica que apresentamos anteriormente, visto que trata *fake news* como “informação falsa”.

Informação Falsa

“Renato apresenta a definição de fake news como um lugar novo no universo dos boatos, que sempre existiram, mas que agora ganham outros significados com a internet e a contemporaneidade. Já para mim, as fake news são informações intencionalmente falsas, compartilhadas como se fossem verdadeiras, com rápida circulação e potencial viral, sobretudo por meio das redes sociais.”

Conforme vimos, o *frame* de informação também pode aparecer ancorado na discussão sobre *fake news*. Nesse comentário em específico, o autor mostra que essas informações são “compartilhadas como se fossem verdadeiras”, ou seja, o *frame* de informação neste caso está ligado à noção de verdade. Além disso, o comentário dá ênfase para o fato de *fake news* serem “intencionalmente falsas”, o que também remete à discussão feita por Bentes (2018). Por fim, o comentário está alinhado com a autora quando explicita a característica de “rápida circulação e potencial viral, sobretudo por meio das redes sociais”, ou seja, assim como um vírus que pode provocar danos severos a uma população inteira ou mesmo a um sistema (se considerarmos um vírus computacional), as *fake news* possuem um caráter maléfico que pode causar sérios prejuízos, especialmente quando o indivíduo

empodera-se da informação criada intencionalmente por um outro e a repassa sem checar a veracidade.

Diante dos três comentários acima, podemos perceber que o que é definidor na percepção dos cursistas sobre a expressão *fake news* é de que ela é uma notícia que contém informações intencionalmente falsas que possuem um caráter de disseminação muito alto que pode provocar diversos danos. Acreditamos que essa definição está ancorada no que Tomasello (2019) fala sobre a cognição social dos humanos.

E assim temos o mais básico enquadramento estrutural da cognição exclusivamente humana: **realidades socialmente compartilhadas e a capacidade de manipular e coordenar com flexibilidade diferentes perspectivas sobre aspectos dessas realidades compartilhadas (coordenação mental)**. [...] Isso cria a possibilidade de novos tipos de conceitos — incluindo aqueles que dependem de uma perspectiva objetiva — para compreender não apenas coisas sociais como crenças falsas e aspecto linguístico, mas também coisas não sociais como as relações entre diferentes conceitos em uma hierarquia (TOMASELLO, 2019, p. 90, tradução e grifos nossos)¹².

Dessa forma, entendemos que a cognição social é construída tanto pelo aparato fisiológico dos humanos, quanto pelas perspectivações feitas dentro da comunidade social. Isto significa dizer que a nossa construção de conceitos depende da nossa cognição social que nos faz coordenar diferentes perspectivas, além de ser constituída por uma estrutura sensório-motora e também por relações estabelecidas no convívio social, tal como postula Tomasello (2019) ao propor uma teoria “neo-vigostkiana” para compreender a ontogenia da espécie humana.

¹² Original em inglês: “And so we have the most basic structural framework of uniquely human cognition: socially shared realities and the ability to flexibly manipulate and coordinate different perspectives on aspects of those shared realities (mental coordination). [...] This creates the possibility of new kinds of concepts — including those that depend on an objective perspective — for understanding not only such social things as false beliefs and linguistic aspectuality, but also such nonsocial things as the relations between different concepts in a hierarchy”.

Conclusão

O percurso que fizemos foi uma tentativa de mostrar como os nossos dados corroboram para a construção do *frame* de *fake news* evidenciando aspectos cognitivos, mais especificamente a cognição social que Tomasello discute na obra de 2019. Assim, vimos que a cognição, tal como Salomão (2010) comenta é um “oceano de motivações”, de acordo com Morato (2019a) essa metáfora quer dizer “que são muitos os fatores e processos que ‘constituem a cognição (inclusive a cognição linguística): a evolução biológica, o conjunto de processos cognitivos, a cultura, a cooperação social, a nossa capacidade de reconhecer e compartilhar intenções’” (p. 45). Dentro desses fatores, elencamos os *frames* como ferramenta de análise da expressão “*fake news*” e como elemento indicador da cognição social, pois acreditamos que eles nos auxiliam na compreensão de conceitos criados por uma comunidade de falantes. De acordo com Barros:

Estes [os *frames*] seriam responsáveis por permitir ao indivíduo, com base em sua experiência de mundo, criar sentidos a partir das cenas que conceptualiza. A mente, assim, trabalharia de maneira a associar diferentes sistemas de conceitos para que, inter-relacionados, eles possam vir a colaborar para a compreensão das diversas situações discursivas em que o sujeito conceptualizador se encontra (BARROS, 2018, p. 34).

Sendo assim, os *frames* construídos para *fake news* foram importantes para verificarmos como os cursistas atribuem sentido à expressão baseados em suas experiências de mundo e a sua relação com o outro. No caso do nosso *corpus* é válido lembrar que os cursistas são professores e educadores e por ocuparem essa função a opinião deles possui certo prestígio social e contribuem com a formação de outras pessoas.

Os resultados que obtivemos da construção do *frame* de *fake news* evidenciam o caráter relacional e cognitivo que esse modelo possui, pois pudemos ver como o conceito foi criado com base nas experiências de cada cursista, mas também a partir da definição dada por outro professor e da relação entre os cursistas no espaço de comentários, ou seja, por meio da cooperação e perspectivação. Além disso, percebemos que as definições dadas também estão postas em relação com outros conceitos e conhecimentos já incorporados pelos participantes, ou seja, pela cognição individual que se torna social, pois à medida que

nos envolvemos no pensamento cooperativo, nosso pensamento individual se torna socializado ou inculturado. Assim, “Envolver-se com outras pessoas em atos de comunicação cooperativa com o objetivo de alinhar perspectivas leva as crianças a criarem representações cognitivas em perspectiva. Também os leva a começar a se envolver em inferências recursivas e reflexivas” (TOMASELLO, 2019, p. 132, tradução nossa)¹³.

O que pudemos observar a partir de nossas análises é que o *frame* de *fake news* construído com base na interação dos cursistas envolve a estrutura do gênero notícia por conter informações, mas é acompanhado da falta de verdade, da mentira, do boato e é disseminado pelos leitores por meio da internet, especialmente por redes sociais. Além disso, a quantidade de comentários separados nas dezesseis categorias nos mostra o quanto a construção do conceito pode ser descrita com palavras distintas, mas com um sentido muito próximo. Nesse sentido, na tentativa de criar um *frame* de *fake news* com base nas definições dadas pelos cursistas, poderíamos definir como uma notícia que intencionalmente carrega informações de caráter falso, disseminada através da internet.

Acreditamos que o trabalho tenha cumprido o objetivo proposto, tal como afirma Marcuschi,

o essencial é que se tenha presente, sempre, os objetivos da investigação e que em todos os casos se ande bem calçado por uma teoria de base. O perigo maior não está propriamente na metodologia adotada e sim na falta de uma perspectiva teórica definida (MARCUSCHI 2001, p. 19).

Sendo assim, podemos dizer que o aparato teórico escolhido acerca da cognição e dos *frames* da Linguística Cognitiva e da cognição social dentro da psicologia foram pertinentes para sustentar nossa análise e compreender a maneira como os cursistas conceptualizam a expressão “*fake news*” construindo um *frame*.

Referências

BARROS, Letícia Martins Monteiro de. *Notícias vs. Notícias falsas: a perspectiva da linguística cognitiva*. 2018. 128f. Dissertação (Mestrado em Estudos de Linguagem) - Universidade Federal Fluminense, Niterói.

¹³ Original no inglês: “Engaging with others in acts of cooperative communication with the goal of aligning perspectives leads young children to create perspectival cognitive representations. It also leads them to begin engaging in recursive and reflective inferences”.

BENTES, Anna Christina. *O texto além do texto*. In: Revista do Instituto Humanitas Unisinos. ed. 520, abr. de 2018. Disponível em: <http://www.ihuonline.unisinos.br/artigo/7249-o-texto-alem-do-texto>. Acesso em: 06 jul 2020.

Dicionário Michaelis. Disponível em: <https://michaelis.uol.com.br/moderno-portugues/busca/portugues-brasileiro/>. Acesso em 01 jul 2021.

Dicionário Merriam-Webster. *The Real Story of 'Fake News': The term seems to have emerged around the end of the 19th century*. Disponível em: <https://www.merriam-webster.com/words-at-play/the-real-story-of-fake-news>>. Acesso em 29 jun. 2021.

Dicionário Merriam-Webster. Disponível em: <https://www.merriam-webster.com/words-at-play/political-scandal-words/fake-news>. Acesso em 29 jun. 2021.

Dicionário Collins. Disponível em: <https://www.collinsdictionary.com/pt/dictionary/english/fake-news>. Acesso em 29 jun. 2021.

FERRARI, Natália Luísa. *A conceptualização da corrupção no discurso político: construção referencial e mobilização de frames nos debates presidenciais brasileiros de 2014*. Tese de Doutorado em Linguística. IEL/Unicamp. Campinas/SP: 2018.

FILLMORE, Charles J. *Frame Semantics*. In: Linguistic in the Morning Calm, Linguistic Society of Korea (ed.). Seoul: Hanshin Publishing Company, 1982, p. 111-137.

FILLMORE, Charles J. *The need for a frame semantics within linguistics*. SMIL: Statistical Methods in Linguistics, Stockholm, v.12, p.5-29, 1976.

FrameNet Brasil. Disponível em: <http://webtool.framenetbr.ufjf.br/index.php/webtool/report/frame/main>. Acesso em 29 jun. 2020.

FURTADO, Paula Rodrigues. CRUZ, Rafaely Carolina da. *Cidadania Digital e Leitura Crítica: como analisar informações falsas*. Disponível em: <https://tecsaladeaula.com.br/>. Acesso em: 12 jun. 2021.

GABARDO, Patricia. QUEVEDO, Silvia. ULBRICHT, Vânia Ribas. *Estudo comparativo das plataformas de ensino aprendizagem*. Encontros Bibli, v. 10, p. 65-84, 2010.

GALLESE, Vittorio. LAKOFF, George. *The Brain's concepts: the role of the Sensorymotor system in conceptual knowledge*. Cognitive Neuropsychology, 2005.

KOCH, Ingedore Grünfeld Villaça Koch. *Desvendando os segredos do texto*. 8. ed. São Paulo: Cortez, 2015.

LAKOFF, George. *Women, Fire, and Dangerous Things: what categories reveal about the mind*. Chicago: The University of Chicago Press, 1987.

LAKOFF, George. *Don't Think of an Elephant!: know your values and frame the debate*. Vermont: Chelsea Green Publishing, 2004.

MARCUSCHI, Luiz Antônio. *Aspectos da questão metodológica na análise verbal: o continuum qualitativo-quantitativo*. Revista Latinoamericana de Estudios del Discurso, Caracas, v. 01, n.1, p. 23-42, 2001.

MARCUSCHI, Luiz Antônio. *Produção textual, análise de gêneros e compreensão*. São Paulo: Parábola. 2008.

MORATO, Edwiges Maria. *A noção de frame no contexto neurolinguístico: o que ela é capaz de explicar?* Cadernos de Letras da UFF, v. 41, p. 93-113, 2010.

MORATO, Edwiges Maria. *A cognição como objeto da linguística: perspectivas contemporâneas e desafios interdisciplinares*. Linguagem e Cognição. Sandra Cavalcante e Josiane Militão (Orgs.). Campinas: Mercado de Letras, 2019a.

MORATO, Edwiges Maria. *A construção textual das Fake News: faltar à verdade equivale mentir?* In: 14º Abralim Em Cena: Fake News e Linguagem. Campinas, 2019b.

MORATO, Edwiges Maria. BENTES, Anna Christina. *Frames em jogo na construção discursiva e interativa da referência*. Cadernos de Estudos Linguísticos (UNICAMP), v. 55, p. 125-137, 2013.

SALOMÃO, Maria Margarida Martins. Entrevista com Margarida Salomão. In: LEITE, J. E. R. e FALCONE, Karina. (orgs.) *Revista investigações*, vol. 23, nº2, p.193-203.

VEREZA, Solange Coelho. *Cognição e sociedade: um olhar sob a óptica da linguística cognitiva*. Linguagem em (Dis)curso – LemD, Tubarão, SC, v. 16, n. 3, p. 561-573, set./dez. 2016.

PARINTINS-LIMA, Rafahel J. *A construção textual e sociocognitiva do racismo nos (des)alinhamentos à hashtag #SomosTodosMacacos*. Tese de doutorado em Linguística. IEL/Unicamp. Campinas: 2019.

TOMASELLO, Michael. *Origens culturais da aquisição do conhecimento humano*. São Paulo: Martins Fontes, 2003 (original de 1999).

TOMASELLO. *Becoming Human: a theory of ontogeny*. Harvard University Press.

ⁱ Doutoranda em Linguística pelo Instituto de Estudos da Linguagem IEL – UNICAMP.

E-mail: cruz.rafaely@gmail.com

Lattes ID: <http://lattes.cnpq.br/3621490215559611>

ORCID: <http://0000-0002-4786-803X>

TRANSGRESSÕES CARNAVALESCAS: UMA ANÁLISE DISCURSIVA DO BLOCO DE CARNAVAL “AS MUQUIRANAS”

CARNIVAL TRANSGRESSIONS: A DISCURSIVE ANALYSIS OF THE “AS MUQUIRANAS” CARNIVAL BLOCK

Luísa Gabrielli de Limaⁱ
Dantielli Assumpção Garciaⁱⁱ

Resumo: Neste trabalho, buscamos analisar o bloco de Carnaval "As Muquiranas". As temáticas escolhidas pelo bloco ao longo dos anos podem ter diferentes significados e interpretações, dependendo do contexto cultural, social e histórico em que são apresentadas. Por um lado, essas referências a mulheres icônicas da cultura popular e da história podem ser uma forma de celebrar e homenagear a presença e contribuição das mulheres na sociedade, dando destaque a personagens femininas. Por outro lado, é importante lembrar que as mulheres, muitas vezes, foram historicamente subordinadas e oprimidas, e que essas temáticas podem reforçar imaginários e ideias limitadas sobre o papel das mulheres na sociedade. Este trabalho está ancorado teórica e metodologicamente na teoria da Análise de Discurso francesa, tendo como principais autores Michel Pêcheux e Eni Puccinelli Orlandi. Observam-se, então, que os atos de violência transcorrem pela ação do homem, este trabalho se justifica pela relevância social de analisar discursivamente a atuação dos participantes heterossexuais do bloco "As Muquiranas", bem como as violências¹ praticadas contra mulheres, homossexuais e travestis. Portanto, o *corpus* desta pesquisa é formado por uma seleção de Sequências Discursivas retiradas de postagens do Instagram voltadas ao bloco de carnaval "As Muquiranas".

Palavras-chave: Carnaval. Violência. Sequência Discursiva. As Muquiranas.

Abstract: In this study, we aim to analyze the "As Muquiranas" Carnival block. The themes chosen by the block over the years can have different meanings and interpretations depending on the cultural, social, and historical context in which they are presented. On one hand, these references to iconic women from popular culture and history can be a way to celebrate and honor the presence and contribution of women in society, highlighting female characters. On the other hand, it is important to remember that women have often been historically subordinated and oppressed, and these themes can reinforce limited imaginaries and ideas about the role of women in society. This work is theoretically and methodologically grounded in the theory of French Discourse Analysis, with Michel Pêcheux and Eni Puccinelli Orlandi as its main authors. It is observed, therefore, that acts of violence are carried out by men, and this work is justified by the social relevance of discursively analyzing the actions of heterosexual participants in the "As Muquiranas" block, as well as the violence committed against women, homosexuals, and transvestites. Therefore, the corpus of this research consists of a selection of Discursive Sequences taken from Instagram posts related to the carnival block "As Muquiranas".

Keywords: Carnival. Violence. Discursive Sequence. As Muquiranas.

Introdução

O Carnaval é uma festa popular que acontece em todo o Brasil, são os quarenta dias antes do Domingo de Ramos, que é o dia que marca o início da Semana Santa, celebrado no domingo que antecede a Páscoa. O Carnaval é uma celebração marcada pela música, dança,

¹ Moraes, físicas e verbais (doravante).

alegria, fantasias coloridas e muita animação. O Carnaval é um evento cultural muito importante para o Brasil, pois representa a diversidade e a riqueza da cultura popular do país. As festas são realizadas em diferentes regiões do Brasil, cada uma com suas próprias tradições e características únicas.

Constituidor da identidade nacional, o carnaval é visto por muitos como uma festa popular em que todos os indivíduos passam a conviver harmoniosamente nos quatro dias de folia. Apagam-se imaginariamente as diferenças cruciais entre classes e foliões de modo a instalar o efeito de que a circulação dos sentidos de violência estaria contida, bem como adormecidos estariam o conflito entre classe e foliões de modo a instalar o efeito de que a circulação dos sentidos de violência estaria contida, bem como adormecidos estariam o conflito entre classes e os abusos de poder (GARCIA; SOUSA, 2015, p. 89).

O bloco de Carnaval "As Muquiranas" é uma das mais populares agremiações carnavalescas da cidade de Salvador, Bahia. Com mais de 50 anos de história, o bloco se destaca por sua irreverência, pelo humor característico de suas fantasias e desfiles.

Tomamos conhecimento do bloco de Carnaval "As Muquiranas" no ano de 2023. O bloco realizou seu desfile em Salvador no dia 21 de fevereiro de 2023, durante o período festivo do Carnaval. No entanto, houve uma grande repercussão midiática envolvendo o bloco devido a denúncias de agressões praticadas por seus integrantes.

Como objetivo geral, pretende-se, neste trabalho, analisar discursivamente, isto é, tomando como base a Análise de Discurso Pecheuxtiana (AD), as possíveis violências praticadas pelos componentes (heterossexuais) do bloco "As Muquiranas", através de comentários em um Instagram de mídia alternativa².

No referido dia 21, uma foliã foi agredida por membros do bloco enquanto transitava pelas imediações. O incidente foi capturado em vídeo e prontamente repercutiu nos jornais,

² A mídia alternativa é um conjunto de meios de comunicação que buscam oferecer uma perspectiva diferente daquela apresentada pelos grandes meios de comunicação tradicionais. A mídia alternativa busca abordar temas que não costumam ser cobertos pela mídia tradicional, como questões sociais, culturais, ambientais e políticas que afetam a população em geral, mas que não têm espaço nos grandes meios de comunicação. Além disso, a mídia alternativa pode ser considerada uma forma de resistência e contrapoder, uma vez que questiona e desafia a narrativa dominante dos grandes meios de comunicação, que, muitas vezes, refletem os interesses das elites políticas e econômicas.

perfis de Instagram e movimentos que exigiram que o bloco tomasse providências em relação a essa situação de assédio.

As informações divulgadas geraram um debate intenso sobre a conduta do bloco "As Muquiranas", chamando a atenção para a necessidade de medidas corretivas para prevenir atos de agressão e promover um ambiente seguro durante as festividades carnavalescas.

"As Muquiranas" foi criado em 1965, sendo o primeiro bloco de travestidos. Desde o ano de 2002, o bloco começou a ter temáticas para seu desfile de Carnaval, tais temáticas, que sempre são referenciadas à mulher, foram elas:

- 2023 - 57 anos – Barbie As Doutoradas da Alegria
- 2022 - 56 anos - Barbie As Doutoradas da Alegria - cancelado
- 2021 - 56 anos - Barbie Fashion - Mundo Fashion - cancelado
- 2020 - 55 anos - As Muquiranas no País das Maravilhas
- 2019 - 54 anos - Cabaré - O Cabaré das Muquiranas
- 2018 - 53 anos - Carmem Miranda - O que as Muquiranas têm?
- 2017 - 52 anos - Gladiadora - Nossa Avera é a Avenida
- 2016 - 51 anos - Space Girls - Viaje nessa Aventura
- 2015 - 50 anos - As Baianas - Orquenho de ser Baiana
- 2014 - 49 anos - As Mosqueteiras - Os Mosqueteiros da Alegria
- 2013 - 48 anos - Afrodite - A Deusa do Amor
- 2012 - 47 anos - Cleópatra - A Fonte do Desejo
- 2011 - 46 anos - Gueixa - A Arte de Seduzir
- 2010 - 45 anos - No Mundo do Circo - O Espetáculo vai Começar
- 2009 - 44 anos - She-Ha - As Piriguetes
- 2008 - 43 anos - Barbie
- 2007 - 42 anos - Mulher-Gato
- 2006 - 41 anos - Mulher Maravilha, os Miseres
- 2005 - 40 anos - Minnie
- 2004 - 39 anos - Branca de Neve
- 2003 - 38 anos - Chapeuzinho Vermelho

2002 - 37 anos - Emília - Sítio do Pica-Pau Amarelo

As temáticas escolhidas pelo bloco de Carnaval "As Muquiranas" ao longo dos anos podem ter diferentes significados e interpretações, dependendo do contexto cultural, social e histórico em que são apresentadas. Por um lado, essas referências a mulheres icônicas da cultura popular e da história podem ser uma forma de celebrar e homenagear a presença e contribuição das mulheres na sociedade, dando destaque a personagens femininas fortes e inspiradoras.

Por outro lado, é importante lembrar que as mulheres, muitas vezes, foram historicamente subordinadas e oprimidas, e que essas temáticas podem reforçar imaginários e ideias limitadas sobre o papel das mulheres na sociedade. Por exemplo, algumas das temáticas, como "As Piriguetes" ou "A Arte de Seduzir", perpetuam a ideia de que a mulher é um objeto de desejo sexual masculino e que sua principal função é agradar aos homens.

Músicas, fantasias, purpurina, danças são itens que permeiam o Carnaval. Entretanto, o Carnaval não é só alegria, principalmente para as mulheres, que sofrem com a violação de seus corpos, com insistências indesejadas, e agressões, sejam elas físicas ou verbais. Segundo Garcia e Souza (2015, p. 90) "Na época da folia, apagam-se os casos de violência, a criminalidade, as opressões. Nos quatro dias, o imaginário que se constitui à sociedade é o da alegria, da diversão. Contudo, a violência silenciosa permeia essa festa".

Há foliões que consideram uma época permissiva para determinados comportamentos, homens que, na tentativa de satisfazer sua libido, ultrapassam a barreira do respeito, do limite, do "não é não".

O bloco carrega consigo uma trajetória de assédios, de violência contra as mulheres, os homossexuais e as travestis. Esses sujeitos são colocados como um objeto de diversão, de entretenimento, são corpos que, em virtude de concepções machistas, estão a suas disposições. Abordaremos mais sobre este assunto nos capítulos a seguir.

Discorrer sobre violência contra mulher, homossexuais e travestis não é uma tarefa fácil, devido à delicadeza do assunto, mas falar de assédio se faz necessário. Quem violenta não vê aquele sujeito como um igual (violentador e violentado), o vê com indiferença, são sujeitos inferiores, "Com efeito, paira sobre a cabeça de todas as mulheres a ameaça de

agressões masculinas, funcionando isto como um mecanismo de sujeição aos homens, inscrito nas relações de gênero” (SAFFIOTI, 2015, p. 80). Uma das características dessa interação é a sujeição da mulher ao homem, o que já configura violência, pois ela estará atada a ele e terá poucos direitos para reivindicar, observa-se que a violência pode ser tratada como “ruptura de qualquer forma de integridade da vítima: integridade física, integridade psíquica, integridade sexual, integridade moral” (SAFFIOTI, 2015, p. 18).

Observam-se, então, que os atos de violência transcorrem pela ação do homem, este trabalho se justifica pela relevância social de analisar discursivamente a atuação dos participantes heterossexuais do bloco "As Muquiranas", bem como as violências praticadas contra mulheres, homossexuais e travestis. Portanto, o *corpus* desta pesquisa consiste em analisar uma seleção de Sequências Discursivas (SDs) retiradas de postagens do Instagram voltadas ao bloco de Carnaval 'As Muquiranas'.

As SDs foram retiradas do Instagram Mídia Ninja. Mídia Ninja é um perfil de jornalismo independente. Mídia Ninja repostou uma reportagem da jornalista Jessica Senra na qual abordava uma ocorrência de agressão envolvendo o bloco, com a seguinte legenda: 'Sobre As Muquiranas e os relatos de assédio e violência... O que você acha? Você mulher já passou por alguma situação com o bloqueio? Deixe seu relatório aqui! O que vocês acham sobre isso'. Retiramos dos comentários alguns relatos pertinentes à nossa pesquisa. Portanto, o nosso material de análise gira em torno de depoimentos de mulheres que passaram por alguma situação de assédio com o bloco.

As violências cometidas durante o período de Carnaval, muitas vezes, são naturalizadas e banalizadas pela sociedade. O assédio sexual, por exemplo, é visto como uma "brincadeira" ou uma "forma de paquera", quando, na verdade, é uma forma de violência e desrespeito. A análise da violência sofrida por mulheres, homossexuais e travestis no Carnaval pode ajudar a identificar padrões e fatores de risco que contribuem para a ocorrência dessas violências.

Este trabalho está ancorado teórica e metodologicamente na teoria da Análise de Discurso francesa, tendo como principais autores Michel Pêcheux e Eni Puccinelli Orlandi. Para contribuir com as análises, utilizaremos as autoras Heleieth Safiotti e Judith Butler de modo a colaborar com as questões relacionadas a gênero, patriarcado e violência.

1 As Muquiranas: os travestidos

Ao longo dos anos, o Carnaval evoluiu e se tornou uma celebração que reflete a diversidade e a riqueza da cultura brasileira. Para muitas pessoas no Brasil, o Carnaval é um momento de celebração, alegria e união. Na época da folia, apagam-se os casos de violência, a criminalidade, as opressões. Esse apagamento, em questão, pode ser visto como uma forma de construção de uma narrativa social sobre o Carnaval. Através dela, é criada uma imagem de um período de festa e descontração em que os sujeitos se libertam das amarras sociais e culturais, e as questões sociais problemáticas, como a violência, a criminalidade e as opressões, são temporariamente esquecidas. Além disso, o Carnaval também pode ser um momento em que as opressões são reforçadas, como o machismo, o racismo e a homofobia, as quais, muitas vezes, são reproduzidas em fantasias e comportamentos durante a festa.

Adentraremos agora, no nosso material de estudo, o bloco de Carnaval "As Muquiranas".

"As Muquiranas" é um bloco carnavalesco de rua, exclusivo para homens travestidos, ou seja, homens que se fantasiam de mulher. O bloco arrasta milhares de foliões todos os anos pelas ruas de Salvador, Bahia.

Um dos conceitos fundamentais para o desenvolvimento deste trabalho é o conceito de Sequência Discursiva (SD), o qual é considerado um dos elementos importantes para se compreender o funcionamento do discurso. Através dela, é possível perceber as conexões entre os enunciados, os sentidos que são construídos e a organização dos diferentes discursos. De acordo com Pêcheux (1975), uma sequência discursiva é uma unidade de análise que se refere a um conjunto de enunciados que estão articulados por relações de continuidade ou de descontinuidade. Ele afirma que "a noção de sequência é necessária para compreender a dimensão temporal da produção do sentido, ou seja, para apreender como os diferentes enunciados se sucedem e se conectam uns aos outros" (PÊCHEUX, 1975, p. 105).

Outro conceito de grande importância para a análise das sequências discursivas que compõem o *corpus* desta pesquisa é o conceito de efeitos de sentidos. Todo discurso produzirá múltiplos efeitos de sentidos. O conceito de efeitos de sentido é fundamental na AD, ele se refere aos sentidos produzidos pelo discurso em um dado contexto social,

histórico e cultural, e que são influenciados pelas relações de poder e ideologia presentes nesse contexto.

Os efeitos de sentido são produzidos a partir da articulação entre a materialidade linguística do discurso e as condições de produção que o cercam. Eles não são fixos ou determinados a priori, mas são construídos discursivamente em um processo contínuo de negociação e disputa de sentidos. "Os efeitos de sentido são produzidos pela posição discursiva do sujeito, que é construída e reconstruída continuamente pelas práticas discursivas. Eles são o resultado da interação entre a linguagem e as relações sociais e culturais" (PÊCHEUX, 1975, p. 48).

SD1:

Sabendo como é o bloco...sinceramente
mulher nenhuma deveria pisar nele.



170 curtidas Responder Ver tradução

Fonte: Instagram (Autoria do relato preservada).

A afirmação denota uma atitude negativa em relação ao bloco e sugere que o bloco em si é problemático ou perigoso para as mulheres. Os efeitos de sentido gerados por essa afirmação podem incluir a criação de uma imagem de um ambiente hostil, onde mulheres podem enfrentar situações desfavoráveis ou até mesmo enfrentar riscos em termos de segurança, assédio ou discriminação. O uso do termo "Sabendo como é o bloco" sugere que o autor possui informações ou experiências anteriores que justificam sua afirmação. Isso implica que o bloco possui um histórico de comportamentos problemáticos em relação às mulheres, o que motiva a recomendação de evitar a participação delas.

Essa afirmação implica uma percepção negativa do bloco e dos comportamentos associados a ele. Os efeitos de sentido transmitidos podem envolver a construção de imaginários, presumindo que o bloco é um espaço onde a dignidade, a segurança e o respeito às mulheres não são garantidos.

Na AD, os efeitos de sentido são entendidos como efeitos ideológicos, ou seja, como produções de sentidos que refletem e sustentam as relações de poder e as estruturas sociais

dominantes. Eles podem ser utilizados para legitimar ou subverter essas estruturas, dependendo da posição dos sujeitos envolvidos e das estratégias discursivas utilizadas.

A culpabilização da vítima pelo assédio sexual pode ser vista como uma forma de discurso que produz efeitos de sentido específicos. Esses efeitos de sentido podem incluir a normalização da violência sexual, a desvalorização da experiência da vítima e a minimização da responsabilidade do agressor.

Em muitos casos, a culpabilização da vítima é baseada em imaginários de gênero, nos quais as mulheres são consideradas responsáveis por evitar o assédio sexual ao controlar sua aparência e comportamento. Esse tipo de discurso pode levar à vitimização secundária, na qual a vítima é submetida a mais estresse e trauma devido à falta de apoio social e à falta de reconhecimento de sua experiência.

SD2:

Praticamente todas as minhas amigas que já saíram algum ano no Carnaval, já passaram por alguma situação de desrespeito com algum integrante deste bloco. Desde molhar partes íntimas, tentar agarrar a força, xingar e molhar o rosto quando escuta um não. Mesmo fora do "desfile" do bloco deles.

645 curtidas Responder Ver tradução

Fonte: Instagram (Autoria do relato preservada).

A SD2 apresenta relatos de situações de desrespeito que mulheres sofreram durante o carnaval, especificamente com integrantes do bloco "As Muquiranas". A partir da AD, podemos entender que esses relatos são construções discursivas que se relacionam com questões de poder, gênero e dominação.

De acordo com Michel Pêcheux (1975), o discurso é uma forma de manifestação da ideologia e da luta de classes. Nesse sentido, podemos entender que os relatos das mulheres sobre o desrespeito sofrido durante o Carnaval são reflexos das relações de poder e das hierarquias sociais que permeiam a sociedade.

Segundo Pêcheux, a ideologia se manifesta no discurso de diversas maneiras, como nas palavras que são escolhidas, nas formas de expressão utilizadas e nas estruturas

gramaticais empregadas. Em seu livro, ele afirma que "a ideologia se inscreve no discurso como o sentido que o discurso constrói e que serve de base para a interpretação da realidade" (PÊCHEUX, 1975, p. 145). Dessa forma, podemos entender que os relatos das mulheres sobre o desrespeito no Carnaval são construções discursivas que refletem as ideologias presentes na sociedade em relação ao gênero. Por exemplo, quando as mulheres relatam situações em que são molhadas nas partes íntimas, tentam ser agarradas à força ou são xingadas e molhadas no rosto por terem dito "não", isso reflete as formas de opressão e de violência que as mulheres sofrem no cotidiano, sobretudo em relação à sua sexualidade e autonomia.

Além disso, podemos observar que esses relatos também estão relacionados com a construção social de gênero. Como afirma Orlandi (2007), a linguagem é um campo de batalha ideológica em que as relações de gênero se manifestam. Nesse sentido, os relatos das mulheres sobre o desrespeito no Carnaval podem ser compreendidos como uma denúncia das formas de violência e opressão que as mulheres enfrentam em situações de lazer e diversão.

Podemos ainda destacar que a forma como os relatos são apresentados e as escolhas linguísticas realizadas pelos sujeitos que narram essas situações podem reforçar ou desafiar as relações de poder existentes. Conforme Pêcheux (1975), o sujeito é construído pelo discurso, mas também constrói o discurso. Portanto, os relatos das mulheres podem ser vistos como uma tentativa de resistência e de denúncia das opressões que sofrem no carnaval e em outros espaços sociais.

SD3:  Todas as mulheres que curtem carnaval em Salvador e tiveram o desprazer de está na avenida no momento que as muquiranas passam tem uma história pra contar, eu tenho pavor a eles, não vou pra rua quando eles estão, foi a forma que achei de me preservar, são altamente desrespeitosos com mulheres

11 curtidas Responder Ver tradução

Fonte: Instagram (Autoria do relato preservada).

A SD apresenta um relato de uma mulher que evita passar perto do bloco durante o dia de desfile, devido ao seu medo e experiências negativas com o grupo. A frase sugere que as muquiranas são responsáveis por atos de violência e assédio contra mulheres durante o carnaval, e que essas práticas são tão comuns que muitas mulheres têm histórias negativas para contar.

No caso específico das Muquiranas, a sequência discursiva sugere que esses grupos são responsáveis por práticas violentas e opressoras contra mulheres, que têm como objetivo subordiná-las e inferiorizá-las. A fala da mulher que evita o evento é uma forma de autopreservação, diante da ameaça de violência e opressão a que está sujeita. Isso indica que as práticas de violência patriarcal de gênero são uma forma de controle social sobre as mulheres, que buscam impedi-las de exercer sua liberdade e autonomia, segundo Butler,

A violência de gênero é sempre um ato de poder e de dominação, e sua força consiste em perpetuar e consolidar a sujeição feminina. Por meio de sua repetição, a violência estabelece um regime de terror e faz com que a subordinação feminina pareça natural e inevitável (BUTLER, 2006, p. 23).

Butler argumenta que a violência de gênero é um mecanismo utilizado para manter a subordinação feminina e perpetuar as relações de poder assimétricas entre homens e mulheres. Ela destaca que essa violência não é um fenômeno isolado, mas está profundamente enraizada em estruturas sociais que naturalizam a desigualdade de gênero e a subordinação feminina.

A SD apresentada aponta para um silêncio que é percebido pela ausência de denúncias por parte das mulheres que são vítimas de assédio durante o Carnaval em Salvador. Esse silêncio pode ser analisado a partir dos estudos de Orlandi (1996) sobre o silenciamento, que destaca como o que não é dito pode ser tão significativo quanto o que é dito. Nesse sentido, o silêncio não é visto como um mero vazio ou ausência de sentido, mas sim como uma forma de expressão e de resistência que pode revelar as tensões e contradições presentes nas práticas discursivas e nas relações de poder.

Nesse contexto, podemos inferir que o silêncio das mulheres que não denunciam o assédio sofrido durante o Carnaval é uma estratégia discursiva que tem como objetivo manter a naturalização do assédio e a hierarquia social existente entre homens e mulheres. Como

afirma Orlandi (1996, p. 22), "o silêncio pode ser usado como uma forma de manter a ordem social e política, mantendo uma determinada ordem das coisas". Esse silêncio pode ser interpretado como uma forma de autodefesa e autopreservação das mulheres diante da violência a que são expostas, o que evidencia a naturalização da violência de gênero na sociedade. A fala sugere que a violência é tão presente que as mulheres são obrigadas a se silenciar e a se esconder para se proteger, como se essa fosse a única forma de sobrevivência em um ambiente hostil.

Dessa forma, a presença de silêncio na sequência discursiva reforça a necessidade de se problematizar e enfrentar a violência de gênero no contexto do carnaval, de modo a garantir o direito das mulheres de participarem das festividades sem serem expostas a situações de risco e violência.

SD4:

Desde quando se fantasiar de mulher é algo engraçado?! Sempre achei ridículo! Mas as pessoas dizem "ai eu acho legal, eles querem se libertar". Sabe o que liberta? Conhecimento. Quer se fantasiar não brinque com alguém que existe de verdade e morre por ser isso que você usa como fantasia.



92 curtidas Responder Ver tradução

— Ver mais 1 resposta

Fonte: Instagram (Autoria do relato preservada).

A SD4 em questão, pode ser interpretada como uma crítica à cultura patriarcal que objetifica e desvaloriza as mulheres, utilizando suas características como objeto de humor e fantasia.

Em primeiro lugar, há a afirmação de que se fantasiar de mulher não é algo engraçado, o que sugere uma crítica às práticas que utilizam a figura feminina de maneira estereotipada e caricatural. Essa crítica pode ser entendida como uma forma de questionar as formações discursivas que naturalizam e perpetuam a ideia de que as mulheres são objetos de riso e de caricatura.

Além disso, o texto aponta para a violência simbólica que está presente na utilização de determinadas fantasias. Ao afirmar que não se deve brincar com alguém que existe de

verdade e que morre por ser aquilo que é utilizado como fantasia, o autor aponta para a dimensão ideológica do discurso, que pode naturalizar e justificar formas de violência simbólica e material contra grupos minoritários.

Podemos também verificar a identidade de gênero nessa sequência discursiva. Ao afirmar que não se deve brincar com alguém que existe de verdade, o autor sugere que a identidade de gênero é algo que deve ser respeitado e que não deve ser utilizado como motivo de chacota ou de brincadeira. Isso está relacionado à ideia de que a identidade de gênero é uma construção social e discursiva, e que, portanto, não pode ser reduzida a uma mera fantasia ou brincadeira.

Além disso, a frase sugere que se deve ter respeito pela identidade de gênero das pessoas, uma vez que o uso da fantasia de forma inadequada pode ser considerado uma forma de violência simbólica, que impõe normas e padrões sobre o que é ser homem ou mulher. Como afirma Judith Butler, "a noção de gênero não é algo que cada um de nós escolhe; é algo que é imposto a nós e que regulamenta e controla nossas vidas" (BUTLER, 1990, p. 15).

2 O silêncio e o(s) seu(s) sentido(s)

De acordo com Orlandi (2013), há múltiplos silêncios que podem ser identificados e analisados em diferentes esferas da vida humana. Esses silêncios vão além da mera ausência de palavras e representam diferentes formas de expressão e experiência humana. "Há múltiplos silêncios: o silêncio das emoções, o místico, o da contemplação, o da introspecção, o da revolta, o da resistência, o da disciplina, o do exercício do poder, o da revolta da vontade etc" (ORLANDI, 2013, p. 42). Um dos silêncios mencionados é o silêncio das emoções. Em certos momentos, as emoções podem se tornar tão intensas e complexas que é difícil colocá-las em palavras. Nesses casos, o silêncio pode ser uma forma de expressar essas emoções, permitindo que elas sejam sentidas e processadas internamente.

SD4:

Estava indo trabalhar e o local onde trabalhava era próximo ao circuito, então o ônibus que eu peguei estava lotado de gente indo pro carnaval, quando fui descer do ônibus, passando por eles um deles decidiu me molhar toda com aquele e ainda espremeu minha roupa pra conferir, eu não tive reação e sorrir, desci do ônibus e passei o dia todo molhada no trabalho

1 curtida Responder Ver tradução

Fonte: Instagram (Autoria do relato preservada).

No relato, uma mulher narra sua experiência ao ir trabalhar em um dia em que ocorria o desfile do bloco de Carnaval "As Muquiranas". Ela descreve como o ônibus em que estava, estava lotado de pessoas indo para o evento. Ao descer do ônibus, um dos participantes do bloco decide molhá-la com uma substância não especificada e, ainda por cima, aperta sua roupa para verificar o resultado. É importante considerar a questão de gênero, uma vez que a vítima é uma mulher e o agressor é um homem. Isso ressalta as desigualdades de poder existentes na sociedade e a necessidade de se refletir sobre as normas e valores que perpetuam o assédio e a violência contra as mulheres.

No caso do assédio contra as mulheres durante o Carnaval, podemos identificar uma memória discursiva que reforça a desigualdade de poder entre homens e mulheres e perpetua normas e valores que justificam ou minimizam a violência contra as mulheres. Essa memória discursiva está enraizada em imaginários de gênero, na objetificação das mulheres e na noção de que os corpos femininos estão disponíveis para serem invadidos e desrespeitados.

A memória discursiva funciona como uma espécie de retomada de discursos já utilizados em outros acontecimentos anteriores. A memória serve como uma forma de sustentação das forças ideológicas que apresentam como propósito a retomada dos pré-construídos (PÉCHEUX, 2010, p. 53).

A memória discursiva desempenha um papel importante na manutenção das forças ideológicas e na sustentação dos discursos dominantes. Ela permite a continuidade de

valores, representações e normas que são reproduzidos ao longo do tempo, contribuindo para a manutenção das estruturas de poder e das relações sociais existentes.

No contexto do assédio durante o Carnaval, a memória discursiva influencia na forma como as mulheres são tratadas e percebidas. Ela reafirma padrões de comportamento e de hierarquia de gênero, normalizando a violência e o desrespeito contra as mulheres. A retomada de discursos anteriores, que justificam ou minimizam o assédio, reforça a subordinação das mulheres e dificulta a transformação das relações de poder desiguais.

Primeiramente, é relevante observar a presença do silêncio no depoimento. A mulher relata que não teve reação diante do assédio sofrido, optando por sorrir em vez de confrontar a situação. Esse silêncio pode ser interpretado como uma forma de submissão ou falta de empoderamento diante do agressor, “(...) o silêncio não fala. O silêncio é. Ele significa. Ou melhor: no silêncio, o sentido é” (ORLANDI, 2007, p. 31). A autora enfatiza que o silêncio não é vazio, mas sim carregado de significado. Enquanto as palavras têm a função de expressar e transmitir informações, o silêncio possui seu próprio poder comunicativo. O fato de ela não ter reagido pode ser resultado de uma série de fatores, como o choque do momento, o medo de represálias ou a internalização de normas sociais que desencorajam as mulheres de se defenderem em situações de assédio. O silêncio da revolta pode ser entendido como uma forma de protesto ou resistência. É quando uma pessoa decide se calar diante de uma situação injusta ou opressiva como forma de expressar sua indignação ou descontentamento.

A mulher relata que, ao descer do ônibus, um dos participantes do bloco de Carnaval, identificado como um membro do grupo "As Muquiranas", decidiu molhá-la completamente com uma substância não especificada. Essa ação pode ser interpretada como uma forma de assédio, pois envolveu um contato físico indesejado e invasivo. No entanto, o elemento-chave a ser analisado aqui é a reação da mulher à situação. Ela menciona que não teve reação e sorriu. O silêncio é um conceito importante na análise de discurso, pois, muitas vezes, o que não é dito ou expresso explicitamente revela aspectos significativos da experiência e do poder.

A análise também deve considerar a questão de gênero. O fato de a vítima ser uma mulher e o agressor ser um homem é relevante para entender o poder desigual que está em

jogo. O ato de molhar e apertar a roupa da mulher pode ser interpretado como uma tentativa de desvalorização e humilhação, exercendo uma forma de poder e controle sobre seu corpo. O silêncio da vítima diante dessa situação pode refletir a falta de apoio ou de uma cultura que encoraje mulheres a denunciarem casos de assédio.

O fato de ela ter passado o dia todo molhada no trabalho evidencia as consequências do assédio em sua rotina e bem-estar, “[...] a humilhação, ou outro sentimento, é um discurso, portanto é uma prática em que se confrontam o simbólico com o político” (ORLANDI, 2012a, p. 219). Isso significa que esses sentimentos não são meramente emoções individuais, mas sim práticas discursivas que envolvem a interação entre o simbólico e o político. A humilhação vivenciada pela mulher não é apenas uma sensação subjetiva, mas uma expressão discursiva que reflete a imbricação do poder simbólico e das relações políticas. Portanto, o evento do assédio e as consequências emocionais experimentadas pela mulher são parte de uma dinâmica discursiva em que se confrontam elementos simbólicos e políticos, evidenciando a complexidade das relações de poder presentes nesse contexto.

No caso desse depoimento, o silêncio da mulher pode ser interpretado como uma estratégia de enfrentamento, uma tentativa de minimizar o impacto do incidente ou mesmo de evitar conflitos adicionais.

A mulher relata que, ao ser assediada durante o desfile do bloco de carnaval, ela não teve outra reação além de sorrir. Essa reação pode ser compreendida a partir de diversos fatores e dinâmicas sociais complexas. Uma possível interpretação é que o sorriso pode ter sido uma resposta automática e socialmente esperada, uma forma de tentar minimizar o desconforto da situação e evitar conflitos adicionais.

O medo de possíveis retaliações por parte dos homens do bloco também pode ter influenciado na reação da mulher. Em muitos casos de assédio, as vítimas podem sentir receio de denunciar ou confrontar seus agressores devido às ameaças implícitas ou explícitas que podem sofrer. O sentido que se revela no silêncio diz respeito a um contexto. Esse medo está relacionado ao poder desigual existente entre homens e mulheres na sociedade, onde o assediador muitas vezes se sente autorizado a agir de maneira abusiva, enquanto a vítima se vê em uma posição vulnerável.

Além disso, a mulher pode ter internalizado normas sociais que desencorajam as mulheres a denunciarem casos de assédio ou a se defenderem de forma mais assertiva. Infelizmente, existe uma cultura que muitas vezes culpabiliza as vítimas e minimiza a gravidade do assédio, o que pode fazer com que as mulheres se caleem e aceitem o comportamento abusivo como algo normalizado.

SD5:

Todas as mulheres que curtem carnaval em Salvador e tiveram o desprazer de está na avenida no momento que as nuquiranas passam tem uma história pra contar, eu tenho pavor a eles, não vou pra rua quando eles estão, foi a forma que achei de me preservar, são altamente desrespeitosos com mulheres

11 curtidas Responder Ver tradução

Fonte: Instagram (Autoria do relato preservada).

A decisão de se preservar e evitar estar presente em locais onde ocorrem assédios é compreensível e mostra a busca por proteção e segurança. No entanto, é importante ressaltar que essa responsabilidade não deveria recair sobre as vítimas, mas sim sobre a sociedade como um todo. As mulheres têm o direito de desfrutar do Carnaval e de qualquer evento festivo sem serem alvo de assédio.

A necessidade de as mulheres se protegerem do assédio durante o Carnaval é uma triste realidade e uma demonstração das desigualdades de gênero presentes em nossa sociedade. O relato de evitar sair às ruas quando os blocos como as Muquiranas estão presentes evidencia a existência de comportamentos altamente desrespeitosos direcionados às mulheres nesse contexto específico.

Essas mulheres vivenciam uma série de emoções diante dessa situação de violência, tais como medo, raiva, culpa, humilhação, insegurança, ansiedade, arrependimento, entre outras. “São sentidos produzidos por uma prática ideológica, ou melhor, por uma ideologia que é uma prática” (ORLANDI, 2012, p. 219). Ou seja, eles não são simplesmente emoções individuais, mas sim construções sociais influenciadas por uma ideologia específica. A ideologia, nesse contexto, pode ser entendida como um conjunto de crenças, valores e

normas que permeiam uma determinada sociedade e que moldam as percepções e experiências das pessoas.

No caso específico das Muquiranas, a SD sugere que esses grupos são responsáveis por práticas violentas e opressoras contra mulheres, que têm como objetivo subordiná-las e inferiorizá-las. A fala da mulher que evita o evento é uma forma de autopreservação, diante da ameaça de violência e opressão a que está sujeita. Isso indica que as práticas de violência patriarcal de gênero são uma forma de controle social sobre as mulheres, que buscam impedi-las de exercer sua liberdade e autonomia, segundo Butler,

A violência de gênero é sempre um ato de poder e de dominação, e sua força consiste em perpetuar e consolidar a sujeição feminina. Por meio de sua repetição, a violência estabelece um regime de terror e faz com que a subordinação feminina pareça natural e inevitável (BUTLER, 2006, p. 23).

Butler argumenta que a violência de gênero é um mecanismo utilizado para manter a subordinação feminina e perpetuar as relações de poder assimétricas entre homens e mulheres. Ela destaca que essa violência não é um fenômeno isolado, mas está profundamente enraizada em estruturas sociais que naturalizam a desigualdade de gênero e a subordinação feminina.

A SD apresentada sustenta um silêncio que é percebido pela ausência de denúncias por parte das mulheres que são vítimas de assédio durante o Carnaval em Salvador. Esse silêncio pode ser analisado a partir dos estudos de Orlandi (1996) sobre o silenciamento, que destaca como o que não é dito pode ser tão significativo quanto o que é dito. Nesse sentido, o silêncio não é visto como um mero vazio ou ausência de sentido, mas sim como uma forma de expressão e de resistência que pode revelar as tensões e contradições presentes nas práticas discursivas e nas relações de poder.

Nesse contexto, podemos inferir que o silêncio das mulheres que não denunciam o assédio sofrido durante o Carnaval é uma estratégia discursiva que tem como objetivo manter, de modo inconsciente, a naturalização do assédio e a hierarquia social existente entre homens e mulheres. Como afirma Orlandi (1996, p. 22), "o silêncio pode ser usado como uma forma de manter a ordem social e política, mantendo uma determinada ordem das coisas". Esse silêncio pode ser interpretado como uma forma de autodefesa e

autopreservação das mulheres diante da violência a que são expostas, o que evidencia a naturalização da violência de gênero na sociedade.

Conclusão

Este trabalho teve como propósito apresentar uma análise discursiva das sequências discursivas presentes nas postagens do Instagram voltadas ao bloco de Carnaval "As Muquiranas", é possível identificar e compreender as violências praticadas pelos participantes heterossexuais do bloco contra mulheres, homossexuais e travestis.

No contexto do Carnaval, as violências muitas vezes são naturalizadas e banalizadas pela sociedade. O assédio sexual, por exemplo, é visto como uma "brincadeira" ou uma "forma de paquera", quando na verdade é uma forma de violência e desrespeito. Essas violências são reflexo de desigualdades de poder entre homens e mulheres, assim como de concepções machistas que objetificam os corpos femininos.

A memória discursiva desempenha um papel importante na perpetuação dessas violências, pois reforça padrões de comportamento e hierarquia de gênero que normalizam a violência e o desrespeito contra as mulheres. A retomada de discursos anteriores, que justificam ou minimizam o assédio, reforça a subordinação das mulheres e dificulta a transformação das relações de poder desiguais.

Um aspecto relevante observado nas SDs é o silêncio das vítimas diante das violências sofridas. O silêncio pode ser interpretado como uma forma de submissão, falta de empoderamento ou mesmo como uma expressão de protesto ou resistência. É importante destacar que o silêncio também possui significado e comunica sua própria mensagem.

É fundamental analisar e problematizar as violências cometidas durante o Carnaval, dando voz às vítimas e promovendo a conscientização sobre a importância do respeito e da igualdade de gênero. A análise discursiva permite identificar os discursos que sustentam essas violências e contribui para o enfrentamento e transformação desse cenário. É essencial reconhecer que o assédio durante eventos festivos, como o Carnaval, é uma manifestação da desigualdade de gênero que exige uma abordagem crítica e ação para promover a igualdade e a segurança das mulheres.

Referências

BUTLER, J. *Gender trouble: Feminism and the subversion of identity*. New York: Routledge, 1990.

BUTLER, J. *Vida Precária - Os Poderes do Luto e da Violência*. Belo Horizonte: Autêntica Editora, 2006.

GARCIA, D. A. SOUSA, L. M. A. “*No carnaval a fantasia é minha. O corpo é meu*”: memória e rupturas feministas na folia. In: RUA [online]. n 21. Volume 1, p. 87-107-ISSN 1413-2109. 2015. Consultada no Portal Labeurb – Revista do Laboratório de Estudos Urbanos do Núcleo de Desenvolvimento da Criatividade. <http://www.labeurb.unicamp.br/rua/> Acessado em: 13 de abril de 2023.

ORLANDI, E. *Análise de Discurso: Princípios e Procedimentos*. São Paulo: Pontes Editores, 2007.

ORLANDI, E. P. *Discurso e silenciamento: sobre o que não se fala*. Campinas: Editora da Unicamp, 1996.

ORLANDI, E. P. *Discurso e Texto: formulação e circulação dos sentidos*. São Paulo: Cortez Editora, 2012.

PÊCHEUX, M. (1975). *Semântica e discurso: uma crítica à afirmação do óbvio*. Campinas: Editora da UNICAMP, 1988.

PÊCHEUX, M. O papel da memória. In: ACHARD, P. et al. *O papel da memória*. Tradução de José Horta Nunes. 3 ed. Campinas: Pontes, 2010.

SAFFIOTI, H. *Gênero, patriarcado e violência*. 2 ed. São Paulo: Editora Fundação Perseu Abramo, 2015.

ⁱ Mestranda no Programa de Pós-Graduação em Letras da Universidade Estadual do Oeste do Paraná (UNIOESTE)

E-mail: luisa12gabrielli@gmail.com

Lattes ID: <http://lattes.cnpq.br/1183897909972151>

ORCID: <http://0009-0006-9056-5823>

ⁱⁱ Docente do curso de graduação e pós-graduação da Universidade Estadual do Oeste do Paraná (UNIOESTE)

E-mail: dantielligarcia@gmail.com

Lattes ID: <http://lattes.cnpq.br/4595437339696603>

ORCID: <http://orcid.org/0000-0002-8834-2253>

O PRECONCEITO CORINTIANO EVIDENCIADO NOS DISCURSOS TELEVISIVOS

THE CORINTHIAN PREJUDICE EVIDENT IN TELEVISION SPEECHES

Lucas Andrey Rodriguesⁱ
Rafaela Tristão Schulzⁱⁱ

Resumo: Esta pesquisa tem por objetivo analisar o funcionamento discursivo a partir do que é posto em circulação em dois programas televisivos, a fim de evidenciar os efeitos de sentido acerca do estereótipo corintiano regularizado pelas/nas sequências discursivas dispostas nesta pesquisa. A pesquisa tem como *corpus* recortes de duas matérias televisivas que tratam sobre acontecimentos desportivos voltados ao Sport Club Corinthians Paulista, sendo a primeira matéria focada na questão esportiva do clube e a segunda voltada ao jornalismo expositivo, construída e veiculada a partir da exposição de um ato criminoso na *Neo Química Arena* (estádio do clube), a qual, conduzida pelo apresentador, é referenciada como ato originado por torcedores adeptos ao clube. Para isso, nos atemos ao aporte teórico da Análise de Discurso de linha francesa, fundada por Michel Pêcheux. Para teoria pecheutiana, o discurso jornalístico, como qualquer outro, não se enquadra apenas como um transmissor de informação menos desinteressado, ou seja, os discursos jornalísticos são, também, atravessados pela Ideologia e têm seus sentidos já estabelecidos ideologicamente, afinal são (re)produzidos por sujeitos. Portanto, a partir das sequências discursivas selecionadas e organizadas durante este artigo, analisamos o funcionamento discursivo a fim de evidenciar a regularidade discursiva que rege e cristaliza uma memória social que fere direitos básicos dos adeptos ao Corinthians, colocando em evidência efeitos preconceituosos de uma formação discursiva determinada.

Palavras-chave: Funcionamento discursivo. Discurso jornalístico. Estereótipo Corintiano.

Abstract: This research aims to analyze the discursive functioning based on what circulates in two television programs, in order to highlight the meaning effects concerning the stereotypical representation of Corinthians regularized by/in the discursive sequences presented in this study. The research corpus consists of excerpts from two television reports dealing with sports events related to Sport Club Corinthians Paulista. The first report focuses on the sports aspect of the club, while the second is oriented towards expositional journalism, constructed and broadcasted based on the exposure of a criminal act at the Neo Química Arena (the club's stadium). This act, referred to by the presenter as originating from fans affiliated with the club, is discussed. To achieve this, we adhere to the theoretical framework of French Discourse Analysis, founded by Michel Pêcheux. According to Pêcheux's theory, journalistic discourse, like any other, is not merely a transmitter of information with less disinterest. In other words, journalistic discourses are also traversed by ideology and have their meanings already ideologically established since they are (re)produced by individuals. Therefore, based on the selected and organized discursive sequences in this article, we analyze the discursive functioning to highlight the discursive regularity that governs and crystallizes a social memory that violates basic rights of Corinthians supporters, bringing to light prejudiced effects of a specific discursive formation.

Keywords: Discursive functioning. Journalistic discourse. Corinthians stereotype.

Introdução

A torcida Corintiana é, sem hesitar, uma das mais apaixonadas pelo clube no âmbito esportivo nacional, quiçá, internacionalmente. A identificação entre torcida e clube é um

acontecimento histórico, não se trata apenas de amar o esporte ou amar quem veste a camisa, mas, sim, a camisa que eles vestem: a alvinegra.

Os números apresentados pelo IBGE (2023), apontam ser a segunda maior torcida do país, somando mais de 30 milhões de adeptos ao clube. Notoriamente, a identificação da torcida com a camisa alvinegra fora evidenciada em 2012 a nível mundial, quando o Sport Clube Corinthians Paulista foi ao Japão para participar da Copa do Mundo FIFA de Clubes e teve, em uma das partidas, 30 mil torcedores corinthianos, como aponta o site oficial da FIFA¹.

Essa identificação numerosa e popular para com o clube é reflexo do processo de surgimento do mesmo. Conforme o site oficial do clube², um grupo de cinco operários fundaram o Sport Clube Corinthians Paulista: Anselmo Corrêa, Antônio Pereira, Carlos Silva, Joaquim Ambrósio e Raphael Perrone foram responsáveis pela criação e por determinar que o clube seria do povo. Relatam isso, pois naquele momento, o futebol era uma atividade restrita à alta sociedade, predominando em clubes como o Paulistano e o Mackenzie.

Desde o processo de criação, ao processo de identificação, o clube passou a ser visto como uma instituição construída e mantida pela esfera social popular, conhecida, contemporaneamente, como pobre. A massa, óbvio, é homogênea, mas as suas raízes são de operários, pobres, que residiam em favelas e se opuseram contra a burguesia em nome do clube.

Inegavelmente, por suas raízes serem populares, os dizeres acerca dos sujeitos que constituem a torcida, são, corriqueiramente, preconceituosos. Nota-se a formação do pré-construído que para torcer para o Corinthians, necessariamente, é preciso ser pobre, preto, ladrão, entre outros inúmeros já-ditos pejorativos acerca desses dizeres.

Todos os discursos que cercam sujeitos que são incluídos neste imaginário podem ser considerados pertencentes a uma memória cristalizada que sonda os torcedores do clube; é um discurso de longa duração e tem como mantenedor o preconceito. Este imaginário é construído e mantido, principalmente, após o clube ter o seu estádio construído na Zona

¹ Disponível em: <https://www.fifa.com/fifaplus/pt/articles/mundial-clubes-2012-invasao-corintiana-japao>. Acesso em: 09 dez. 2023.

² Disponível em: <https://www.corinthians.com.br/clube/historia>. Acesso em: 09 dez. 2023.

Leste, em Itaquera, região periférica de São Paulo. A construção não foi desinteressada, os discursos da presidência à época objetivaram construir o estádio próximo a quem é adepto ao clube: *o povo*.

Conhecido, então, como o Time do Povo, a história do clube não está sustentada em apenas os torcedores pobres dominarem as arquibancadas e os escudo posto no peito, trata-se de uma característica histórica e fundadora para que esses discursos, hoje, sejam cristalizados. Quando fundado, o clube foi assujeitado a uma declaração que hoje, inclusive, trata-se de um mandamento: “Corinthians vai ser o time do povo e o povo é quem vai fazer o time”, é por isso que o clube leva consigo esse legado.

Possenti (2017, p. 145), levanta a hipótese de esses dizeres serem caracterizados como discurso transversal, ou seja, ao invés dessa cristalização dos sentidos estar relacionada diretamente a uma classe, “se trata de uma relação entre condição (ou causa) e consequência”, ou seja, ser pobre, preto e morador da periferia é o que leva a ser corintiano.

A fim de nos contrapormos ao estereótipo definido ideologicamente sobre a massa Corintiana, temos como *corpus* desta pesquisa um vídeo público da apresentadora Renata Fan, a qual é atualmente apresentadora do programa *Jogo Aberto*, na rede Bandeirantes de televisão, bem como uma entrevista dela publicada pela Rede Globo em 1999. Ademais, temos, ainda, um discurso do apresentador José Roberto Burnier proferido durante um programa jornalístico. Sobre o funcionamento deste *corpus*, trataremos na seção seguinte à abordagem teórica mobilizada para o andar desta pesquisa.

Para isso, buscamos analisar discursivamente, pautando-nos no referencial teórico e metodológico da Análise do Discurso desenvolvida por Michel Pêcheux na França e continuada no Brasil por Eni P. Orlandi. Dessa forma, a partir do batimento teórico e analítico, como ressalta Petri (2013), o objetivo é compreender, a partir dos efeitos de sentido produzidos pelos discursos veiculados, a evidência dos efeitos de sentido preconceituosos em formações discursivas determinadas, além da regularização por meio desses dizeres que circulam. A partir de sequências discursivas, então, buscamos evidenciar os sentidos que estão ditos e não ditos nos enunciados proferidos e analisados no decorrer da pesquisa.

1 Gestos de análise

É sabido, a partir da teoria da Análise do Discurso, que a inquietação do analista pode partir do objeto de pesquisa para a teoria, ou, também, da teoria para o objeto de pesquisa. Nesta perspectiva, conforme Petri (2013, p. 42), “não há uma predeterminação que estabeleça onde tem início o movimento pendular que o analista de discurso realiza em seu trabalho, ele pode ou não ter início na teoria”.

Neste caso, a partir da nossa inquietação frente ao objeto de pesquisa, ascendeu a necessidade de abordar determinados conceitos teóricos dessa linha de pesquisa para que conseguíssemos, discursivamente, analisar alguns dizeres que circulam sobre a estereotipia colada ao que se refere ao torcedor corintiano.

Dessa forma, a partir da regularização dos sentidos acerca desses sujeitos, “os movimentos de ir e vir (da teoria para a análise e/ou vice-versa)” (PETRI, 2013, p. 42), foi oportunizado o trabalho com os conceitos de Formações Discursivas, Ideológicas e efeitos de sentido, uma vez que são eles importantes face ao papel determinante que ocupam na produção dos efeitos de sentido produzidos pelos discursos. Assim, a partir da materialidade discursiva selecionada, construiremos, pautados em tais conceitos, movimentos analíticos acerca do discurso que impetra trajetos de regularidade.

Pêcheux (2014), a partir do que foi proposto por Michel Foucault em *A Arqueologia do Saber*, ressignificou o conceito de Formação Discursiva. Na perspectiva do filósofo francês, a partir do viés Marxista, temos a ideologia com a luta de classes em funcionamento no discurso. Dessa forma, para Pêcheux (2014), a formação discursiva é tida como

aquilo que, numa *formação ideológica* dada, isto é, a partir de uma posição dada numa conjuntura dada, determinada pelo estado da luta de classes, determina o que pode e deve ser dito (articulado sob a forma de uma arenga de um sermão, de um panfleto, de uma exposição, de um programa, etc) (PÊCHEUX, 2014, p. 147).

Logo, entendemos a formação discursiva como um espaço de articulação do funcionamento discursivo, o qual é determinado por uma formação ideológica. Segundo o autor,

as formações ideológicas têm um caráter regional que elas se referem às mesmas “coisas” de modo diferente (Liberdade, Deus, a Justiça, etc.), e é porque as formações ideológicas têm um caráter de classe que elas se referem simultaneamente às mesmas “coisas” (PÊCHEUX, 1990, p. 259).

Acerca deste funcionamento, sob a articulação discursiva e ideológica, a formação discursiva evidencia o processo de produção dos efeitos de sentido, visto que as palavras, nesta perspectiva teórica, não estão coladas a somente um sentido, mas mudam/adaptam-se a partir da formação discursiva na qual o sujeito enunciador está inserido.

A fim de observar tal funcionamento, traçaremos aqui, tomando a forma do movimento pendular ponderado por Petri (2013), o batimento entre o *corpus* e a teoria que aqui abordamos.

Imagem 1: quem avisa, amigo é...



Fonte: Youtube/Rede Bandeirantes³

Nesta imagem (1), temos, vestida com uma blusa regata preta e saia longa na cor vermelha, a apresentadora que conduz o programa Jogo Aberto, como dito anteriormente, conhecida como Renata Fan. Neste momento, traçaram-se comentários acerca de um colega de bancada que, segundo o próprio, é torcedor declarado do Sport Club Corinthians Paulista

³ Acesso disponível em: <https://www.youtube.com/watch?v=AoqTofC1JKw>

(Corinthians). Dito isso, a apresentadora, em tom de deboche, (re)produziu o comentário que tomaremos aqui como Sequência Discursiva:

SD1: *Quem avisa, amigo é... Para, Chico, você não combina, Chico, você não é maloqueiro, cê é um cara estudado, cê é um cara multifunções, Chico, aí você foi querer ser corintiano para agradar a esposa...* (REDE BANDEIRANTES, 2023).

Analisando essa SD, encontramos um pré-construído, ou seja, discursos que circulam anteriormente ao que é proferido e regula o funcionamento que determina e conduz a produção de sentidos. Dessa forma, podemos observar o posicionamento da apresentadora em relação ao estereótipo social construído sobre todo e qualquer adepto ao time referido.

Ao dizer que *Chico não é maloqueiro, estudado e multifunções*, a apresentadora evidencia em seu discurso a formação discursiva a qual ela está inserida, uma FD preconceituosa. Deste modo, ela caracteriza todo e qualquer adepto, seja torcedor, jogador ou simpatizante do clube a serem, então, *maloqueiros*, sem estudos, sem capacidade de desenvolver funções sociais. Podemos compreender, então, que para você torcer para o clube Corinthians, é preciso ser e estar assujeitado a tais posições inferiores citadas pela apresentadora.

É interessante abordar, neste momento, o papel do sujeito na perspectiva da AD francesa, pois temos, para a teoria, um sujeito interpelado ideologicamente. Entretanto, para compreender essa concepção, é necessário evidenciar que nenhuma pessoa passa do *natural* para o *social* sem ser submetido ao que já está previsto pela Ideologia, pois, segundo Pêcheux (2014), é da Ideologia que parte o efeito de evidência a qual todo mundo sabe o que determinada expressão significa, como, por exemplo, *todos sabem* o que significa bombeiro, policial, mercado, entre outras expressões.

A ideologia dita como as coisas são e serão, mas formações ideológicas transitam e afetam o sujeito, a língua e a história no seu momento mesmo de materialização. É preciso considerar o efeito de deslize, de movência e de suspensão do sentido, pois ele nunca é um já-lá, ainda que seja determinado e condicionado ideológica e historicamente.

Dessa forma, por se tratar de sujeitos interpelados pela ideologia, conhecemos, a partir da teoria pecheutiana, que os sujeitos serão sempre assujeitados à ideologia, visto que

não há nada fora do campo ideológico (PÊCHEUX, 1997). Assim, a ideologia conduz esse sujeito às interpelações as quais estão postas a partir de sua posição social, neste caso: apresentadora de programa televisivo de renome, branca, loira, graduada, financeiramente estável, ocupa uma posição privilegiada, entre outras inúmeras características que cercam a condição de produção que ela (re)produz seus discursos.

Nesse ponto, é importante considerar o que Pêcheux tece sobre os *esquecimentos* (PÊCHEUX, 2014, p. 161-162), pois, de certa forma, é o que dá, ao sujeito, as possibilidades ilusórias de não ser assujeitado e ser dono do que diz, constituindo o efeito-sujeito, o qual apaga o fato de o sujeito ser o que é, por ser resultado de um processo (MARIANI, 2000, p. 2). A fim de compreender o funcionamento dos *esquecimentos* no discurso, a SD1 demonstra como o discurso da apresentadora retoma e impõe o estereótipo do que é ser um torcedor Corinthiano. Há, aí, um efeito ilusório que busca transmitir, a partir do que ela diz, o que precisa ter/ser para ser um adepto ao clube: ser maloqueiro, não ter estudos, ser da periferia, entre outros atributos. Portanto, a apresentadora busca apagar o que constitui o discurso (*esquecimento 1*) e busca manipular a escolha das palavras para dizer de uma forma e não de outra (*esquecimento 2*), evidenciando a sua inscrição em uma formação discursiva determinada.

É a ideologia que fornece as evidências pelas quais ‘todo mundo sabe’ o que é um soldado, um operário, um patrão, uma fábrica, uma greve etc., evidências que fazem com que uma palavra ou enunciado *queiram dizer o que realmente dizem* e que mascaram, assim, sob a *transparência da linguagem*, aquilo que chamaremos o caráter material do sentido das palavras e dos enunciados (PÊCHEUX, 2014, p. 146, *itálicos do autor, negritos meus*).

Assim, compreendemos que o sujeito do discurso não é considerado a fonte de seus dizeres, pois tudo já foi dito, contudo, sob outras circunstâncias de enunciação. Logo, a condição de produção determinará, a partir do assujeitamento, em um processo inconsciente, quais serão os efeitos de sentido que os dizeres proferidos receberão a partir do ato enunciativo.

É o que acontece a partir da posição da apresentadora-sujeito, a qual afirma, por diversas características, o preconceito internalizado e “esquecido” enquanto parte do processo de interpelação ideológica a qual é assujeitada, ou seja, o discurso torna-se o lugar

que proporciona observar a relação entre língua e ideologia. Desse modo, entendemos a Formação Discursiva como sendo o lugar de articulação do discurso, o qual é determinado por uma Formação Ideológica. A partir da articulação do discurso e da ideologia, a formação discursiva permite a produção dos efeitos de sentido, portanto, de acordo com Orlandi (2015, p. 40),

as palavras mudam de sentido segundo as posições daqueles que as empregam”, ou seja, as palavras não carregam consigo um sentido único, mas mudam a partir do lugar ocupado pelo sujeito. Isso significa que o sentido depende das condições de produção e da Formação Discursiva em que o sujeito está inserido e que funciona “em referência às formações ideológicas PÊCHEUX, 2014, p. 147).

Para entendermos a regularização responsável por cristalizar tais efeitos de sentido sobre a massa adepta ao clube, observaremos, a seguir, a sequência discursiva:

Imagem 2: os criminosos estão roubando o próprio time



Fonte: YouTube/GloboNews⁴

SD2: *A polícia já tem alguma pista dos criminosos? Estão roubando o próprio time agora, é isso? (GloboNews, 2018)*

⁴ Acesso disponível em: <https://www.youtube.com/shorts/eIGy2BjBYdQ>.

A destarte, a cobertura da reportagem, como podemos ver na legenda disposta pelo jornal, era sobre um assalto com reféns que ocorreu dentro da *Neo Química Arena*, estádio do Sport Clube Corinthians Paulista. Dessa forma, na condução da reportagem, o apresentador José Roberto Burnier insinua que a própria torcida estaria cometendo o crime em questão.

Ao perguntar se *estão roubando o próprio time*, o discurso ressoa a discursos já existentes, os quais mantém, então, a regularização citada anteriormente. Podemos notar no fio do discurso disposto nessa sequência discursiva, um deslizamento de *criminosos* evidenciado no questionamento preconceituoso proferido pelo sujeito-repórter. Dessa forma, o intradiscorso da SD2 oportuniza um caminho de análise de formação discursiva que rege e fundamenta a discursividade em tela.

Ao ponderarmos a condição de produção desse jornalista, observamos que se trata da evidenciação da formação discursiva na qual o sujeito em questão insere-se, reproduzindo efeitos de sentido presentes na FD preconceituosa da SD1, que, por sua vez, mobiliza efeitos de localização do sujeito segundo a marca de um preconceito e de estereótipos.

A condição de produção nos conduz a observar fatores sociais que permeiam tais discursos: jornalistas, brancos, classe alta, posição de alta visibilidade a partir da colocação profissional, entre outros adjetivos que caracterizam e façam com que tais discursos sejam evidenciados. Dizemos que isso traz implicações ao processo da evidenciação dos atravessamentos ideológicos de ambos, visto que, por meio dos *deslizes*, seus efeitos são materializados. Afinal, este é um dos pontos que regem o funcionamento das análises discursivas pautadas nas contribuições pecheutianas.

Indursky (2011) diz que o regime de *repetibilidade* não é somente a partir da repetição de palavra por palavra, pois o sujeito quando produz um discurso, o faz sobre este regime de repetibilidade, ou seja, o sujeito enuncia o que enuncia por meio da repetição de discursos que já estão lá, funcionando a partir dos *esquecimentos*. Assim, ao percebermos que há uma regularidade entre as sequências discursivas dispostas neste artigo, compreendemos uma linearidade cristalizada de efeitos de sentido acerca dos discursos preconceituosos que cercam os adeptos. Se há, então, esse processo de regularização, não

podemos ignorar o processo constitutivo refletido pela memória discursiva, a qual determina e regulariza os dizeres dentro de uma formação discursiva (INDURSKY, 2011).

Este processo se dá também a partir de deslocamentos, mas que ressoa, ainda, a um discurso pré-construído. Pensando no funcionamento discursivo a partir das SDs selecionadas, o fator deslocamento não se enquadra, visto que tal variável se constrói a partir de uma linearidade discursiva já existente em uma memória coletiva, ou seja, há uma retomada de dizeres já-ditos e que pertencem a mesma formação discursiva. Entretanto, trata-se de um discurso com palavras diferentes que constitui o processo de repetibilidade, pois transbordam em si os mesmos efeitos de sentido, os quais remetem a um seio de preconceito execrável e anacrônico, construído a partir da aversão à classe minoritária que compõe, em massa, a torcida do clube, bem como seus princípios fundadores.

Torna-se ainda mais interessante ao analisarmos as justificativas pós-polêmica de ambos os jornalistas, pois os discursos cercam-se e reafirmam a força (ou pelo menos buscam reafirmar) da interpelação ideológica que imputa aos agentes sociais a posição de sujeitos histórico-discursivos. O clássico *não foi isso que eu quis dizer* ou *foi apenas uma piada* evidenciam os atravessamentos ideológicos que “permitem” aquele sujeito dizer o que ele diz.

Podemos assim mencionar que a manipulação das palavras é um fator que marca a busca pela invisibilidade ideológica e tenta inserir-se em outra formação discursiva que seja positivamente aceita pela sociedade. Porém, para nós analistas, são tais deslizos que regem a nossa prática, pois é a partir do deslizos discursivo que o sujeito transpassa a retomada de discursos cristalizados sob a forma de outras palavras.

Com efeito explicativo sobre as possibilidades de movência do sujeito sobre as formações discursivas, observamos, ainda, a apresentadora Renata Fan, que há anos declarava seu amor pelo clube em questão. Em 1999, quando ganhou o Miss Brasil, foi entrevistada pela Rede Globo devida a sua paixão por esportes. A partir dessa entrevista, proferiu o seguinte discurso:

Imagem 3: bonita, culta e inteligente



Fonte: YouTube⁵

120

SD3: Eu torço para o Corinthians, porque o Corinthians é *o time do povo*. (...) Tem que ser uma mulher *bonita, culta e inteligente* (REDE GLOBO, 1999).

Isso reforça, ademais, a maleabilidade que os sujeitos acreditam ter em seus posicionamentos, os quais são evidenciados em seus discursos, como visto anteriormente.

Por exemplo, quando convém, como visto na SD3, a apresentadora em questão estaria, segundo ela, tomando uma posição de “não maloqueira”, a efeito comparativo com o que está materializado na SD1. Dizer-se “culta e inteligente”, também é posto em contradição quando se dirige, na SD1, ao colega de trabalho dizendo que não poderia ser corintiano, pois era “estudado”.

A todo modo, é nosso papel colocar em xeque discursos inquietantes como os vistos nas seqüências discursivas selecionadas, por isso levantamos o *interesse* da apresentadora

⁵ Disponível em: <https://eotimedopovo.com.br/2022/11/video-de-renata-fan-se-declarando-corinthiana-aos-21-anos-viraliza.html>

em pertencer a uma formação discursiva como fator determinante para ecoar tais efeitos de sentidos. Por isso, tais dizeres nos instigam, à luz da teoria pecheutiana, evidenciar a regularidade discursiva disposta a partir dos discursos direcionados aos torcedores do Sport Clube Corinthians Paulista.

Conclusão

O texto apresenta uma análise discursiva sobre a forma como o sujeito-torcedor corinthiano é representado e estereotipado na mídia, especificamente por meio de discursos proferidos por jornalistas/apresentadores de televisão. Nós destacamos a repetição de discursos preconceituosos que categorizam os torcedores do Corinthians como "maloqueiros", "sem estudos" e "criminosos". Esses estereótipos são analisados à luz da teoria da Análise do Discurso de Michel Pêcheux. A partir do aporte teórico, conseguimos observar como a condição de produção dos jornalistas influencia a maneira como eles reproduzem esses estereótipos a partir da interpelação ideológica que recebem.

A ideologia desempenha um papel fundamental na produção e reprodução desses estereótipos, pois influencia a maneira como as palavras são usadas e interpretadas. Além disso, o texto destaca a maleabilidade dos discursos dos apresentadores, que podem se contradizer ao longo do tempo, como no caso da apresentadora Renata Fan, que declarou ser torcedora do Corinthians em 1999, mas posteriormente fez comentários preconceituosos sobre os torcedores do mesmo clube. Sendo possível apontar, no caso, uma motivação direcionada por interesses midiáticos ou de visibilidade.

Em suma, o texto evidencia a importância da análise discursiva para desvelar os estereótipos e preconceitos presentes na representação da torcida do Corinthians na sociedade, bem como, a partir do processo de descrição e interpretação, analisar o funcionamento discursivo e evidenciar a inserção de tais discursos em formações discursivas determinadas.

Referências

INDURSKY, Freda. A Memória na cena do Discurso. *In*: INDURSKY, Freda.; MITTMANN, Solange.; FERREIRA, Maria Cristina Leandro Ferreira. (Org.). *Memória e História na/da Análise do Discurso*. 1ed. Campinas, SP: Mercado de Letras, 2011, p. 67-89.

ORLANDI, Eni Puccinelli. *Análise de Discurso: princípios & procedimentos*. 12. ed. Campinas: Pontes, 2015.

PÊCHEUX, Michel. *Semântica e discurso: Uma crítica à afirmação do óbvio*. Tradução de Eni Puccinelli Orlandi et al. 5 ed. Campinas, SP: UNICAMP, 2014.

PÊCHEUX, Michel.; FUCHS, C. “A propósito da Análise Automática do Discurso: atualização e perspectivas”. *In*: GADET, F.; HAK, T. (org). *Por uma análise automática do discurso*. 3. ed. Campinas: Editora da Unicamp, 1997, p.163-252.

PÊCHEUX, Michel. Delimitações inversões, deslocamentos. *In: Cadernos de Estudos lingüísticos*, n. 19. Campinas, IEL, Unicamp, 1990. Disponível em: <https://periodicos.sbu.unicamp.br/ojs/index.php/cel/article/view/8636823>. Acesso em: 14 jan. de 2023.

PETRI, Verli. O funcionamento do movimento pendular próprio às análises discursivas na construção do “dispositivo experimental” da Análise de Discurso. *In*: PETRI, V.; DIAS, C. (Orgs.). *Análise do discurso em perspectiva: teoria, método e análise*. Santa Maria: Ed. UFSM, 2013. p. 39-48.

POSSENTI, Sírio. Discurso transversal em piadas de corintiano. *In: Bakhtiniana, Rev. Estud. Discurso*. 2017. Vol. 12(2):144-155. DOI: 10.1590/2176-457331292.

ⁱ Filiação institucional: Mestrando vinculado ao Programa de Pós-Graduação em Letras da Universidade Estadual do Oeste do Paraná (UNIOESTE). Cascavel (PR), Brasil.

E-mail: lucasandrey02@gmail.com

Lattes ID: <http://lattes.cnpq.br/5033745785557167>

ORCID: <http://orcid.org/0009-0007-3603-229X>

ⁱⁱ Filiação institucional: Mestranda vinculada ao Programa de Pós-Graduação em Letras da Universidade Estadual do Oeste do Paraná (UNIOESTE). Cascavel (PR), Brasil.

E-mail: rafatrastaotrx@gmail.com

Lattes ID: <http://lattes.cnpq.br/3912188274396504>

ORCID: <http://orcid.org/0009-0002-0335-216X>

CENOGRAFIA, ETHOS E ARGUMENTAÇÃO DE UNHOLY, DE SAM SMITH E KIM PETRAS

SCENOGRAPHY, ETHOS AND ARGUMENTATION OF UNHOLY, BY SAM SMITH AND KIM PETRAS

Carlos Eduardo do Vale Ortizⁱ

Sorhaya Chediakⁱⁱ

Resumo: Este artigo analisa o videoclipe da música Unholy, lançado em 2023 pelos artistas Sam Smith e Kim Petras. O objetivo é compreender como a cenografia e o ethos discursivo são manifestados no vídeo e como os argumentos são construídos para persuadir o público. A pesquisa documental de abordagem qualitativa foi utilizada como recurso metodológico. Os estudos de Dominique Maingueneau (2008) sobre ethos e a Teoria da Argumentação de Perelman e Olbrechts Tyteca (2014) foram utilizados como base teórica. Os resultados apontam que o videoclipe "Unholy" reproduz um discurso colonizador que subjuga pessoas do público LGBTQIAPN+ e demais grupos sociais marginalizados. O ethos discursivo dos artistas é construído a partir de imagens estereotipadas que reforçam a ideia de que pessoas LGBTQIAPN+ são pecadoras e depravadas. O artigo conclui que o videoclipe "Unholy" é um exemplo de como o discurso colonizador pode ser perpetuado por meio de produtos culturais populares. O vídeo reforça estereótipos e preconceitos que prejudicam a luta por direitos e igualdade para pessoas LGBTQIAPN+ e demais grupos sociais marginalizados.

Palavras-chave: Ethos. Cenografia. Argumento.

Abstract: This article analyzes the music video for the song Unholy, released in 2023 by artists Sam Smith and Kim Petras. The objective is to understand how the scenography and discursive ethos are manifested in the video and how arguments are constructed to persuade the public. Documentary research with a qualitative approach was used as a methodological resource. Dominique Maingueneau (2008) studies on ethos and Perelman and Olbrechts Tyteca's Theory of Argumentation (2014) were used as a theoretical basis. The results indicate that the music video "Unholy" reproduces a colonizing discourse that subjugates people from the LGBTQIAPN+ public and other marginalized social groups. The artists' discursive ethos is constructed from stereotypical images that reinforce the idea that LGBTQIAPN+ people are sinful and depraved. The article concludes that the "Unholy" music video is an example of how colonizing discourse can be perpetuated through popular cultural products. The video reinforces stereotypes and prejudices that harm the fight for rights and equality for LGBTQIAPN+ people and other marginalized social groups.

Keywords: Ethos. Scenography, Argument.

Introdução

Ao considerarmos o mercado fonográfico nas últimas décadas, podemos perceber que a indústria tem investido cada vez mais em suas produções de videoclipes. Podemos observar diferentes modalidades presentes no dia a dia por meio das redes sociais como GIF (*Graphics Interchange Format*), TikTok, que tem como principal característica a mistura de

elementos textuais e audiovisuais. Desse modo, temos uma infinidade de materiais que possibilitam análises sobre a dinamicidade da linguagem.

Khalil (2022, p. 3) menciona que “[...] o ato de enunciar, independentemente do campo discursivo ou do gênero textual, é inseparável da produção de uma imagem para o enunciador.” Isso ocorre também com o videoclipe que visa passar uma imagem e uma mensagem para o auditório (público). Dessa maneira, o cenário, o figurino, a maquiagem, os gestos, as cores e demais elementos buscam atingir a persuasão.

Nesse sentido, um analista do discurso, conforme Neves (2022), pode empregar várias dimensões para descrever o funcionamento de um discurso como a intertextualidade, o vocabulário, os temas abordados, o papel do emissor e do receptor, a dêixis enunciativa, o modo de enunciação e o de coesão. Essas dimensões têm relevância na análise do discurso em diversas áreas, não apenas ao campo artístico-musical.

Diante dessas considerações, estabelecemos, como objetivo deste artigo, compreender como a cenografia e o ethos discursivo se manifestam no videoclipe Unholy e de que modo os argumentos são construídos para persuadir o auditório (interlocutor/público).

De maneira a cumprir tais objetivos, propomo-nos a responder às seguintes perguntas: 1) Como a cenografia e o ethos são manifestados na música de Sam Smith? 2) Quais são as técnicas argumentativas empregadas na argumentação? Para responder essas perguntas, discutimos o conceito de discurso a partir de Orlandi (2012), o princípio teórico de cenografia e ethos discursivo com base nos estudos de Amossy (2008), Maingueneau (2001), Khalil (2002) e sobre as técnicas argumentativas propostas por Perelman e Olbrechts Tyteca (2020).

Tendo em vista o escopo do artigo, nós o organizamos em três seções, além destas pontuações e das considerações finais: na primeira seção, discutimos os princípios teóricos que permitem o entendimento sobre cenografia e ethos discursivo; na segunda, abordamos as técnicas argumentativas; na terceira, analisamos a música e discutimos as interfaces discursivas que contribuem com a interpretação proposta.

Nossa hipótese é que o ethos do clipe e a cenografia empregada sugerem que indivíduos pertencentes à chamada “família tradicional” ocasionalmente se envolvem em práticas clandestinas consideradas contrárias aos valores morais que eles defendem.

1 Cenografia e Ethos Discursivo

Consideramos o conceito pontuado por Orlandi (2012) de que a análise do discurso não se limita à língua ou à gramática, mas concentra-se no próprio discurso, entendido como a palavra em movimento, uma prática de linguagem. Ao estudar o discurso, analisamos como as pessoas se expressam verbalmente, considerando a conotação, o trajeto e o movimento.

Nesse mesmo sentido, Amossy (2008) menciona que há uma relação entre a construção da imagem do sujeito e o ato de tomar a palavra. Segundo a autora, essa imagem é fundamental no processo de formação discursiva, pois o sujeito se baseia em um conjunto de conceitos e conhecimentos prévios, bem como em recursos linguísticos disponíveis.

Assim, podemos inferir que analisar um discurso envolve avaliar como as pessoas se expressam por meio da linguagem. Nesse processo, não se considera apenas o indivíduo, mas sim a posição social que ele ocupa, determinada pela comunidade a que pertence. Esse grupo, de acordo com Khalil (2022), impõe limites sobre o que pode ser dito e como deve ser dito na produção da fala. Essa imagem que é construída é chamada de ethos.

Em consonância com Amossy (2008), Dominique Maingueneau (2001) afirma que o ethos não é dito de maneira expressa, mas é efetivamente mostrado quando o orador demonstra e revela o que pretende ser, não apenas por meio de palavras, mas também na sua maneira de se expressar. O ethos está diretamente ligado ao uso da linguagem e ao papel que o discurso desempenha, não se restringindo ao indivíduo "real" fora de seu desempenho oratório. É o sujeito da enunciação, no momento em que se expressa, que está em questão. Sob o mesmo ponto de vista, temos que:

Falar é, ao mesmo tempo, falar ao outro, falar de si e falar do mundo. Mais exatamente, é falar de si através do outro, ao falar do mundo. Não há, pois, ato de linguagem que não passe pela construção de uma imagem de si. Desde o instante em que se fala, aparece, transparece, emerge de si, uma parte do que se é através do que se diz (CHARAUDEAU, 2012, p. 72).

Nesse sentido, revelamos uma parte de nós mesmos ao falarmos sobre o mundo. Desse modo, toda expressão linguística envolve a construção de uma imagem de si, visto que, ao comunicar, manifestamos um pouco sobre quem somos. Desde o momento em que nos expressamos verbalmente, uma parte de nossa identidade se manifesta por meio do que dizemos. De acordo com Silva (2021), a essência da pessoa é formada por meio da observação, da interpretação do mundo exterior e da influência de elementos sociais e ideológicos.

A noção de ethos, de acordo com Khalil (2017), não é recente, visto que sua gênese está nos estudos retóricos de Aristóteles. De acordo com Reboul (2004), os argumentos têm por objetivo a persuasão e podem ser de três tipos: ethos, pathos e logos. O ethos é o papel que o orador desempenha para conquistar a confiança do público/auditório, sendo fundamental para o sucesso de seus argumentos.

O pathos abrange as emoções e sentimentos que o orador procura despertar no público por meio de seu discurso. Quando o orador desperta a paixão no público/auditório, recorre a um recurso eficaz, pois as emoções alteram o julgamento. Enquanto o ethos está ligado ao orador e o pathos ao público, o logos refere-se à argumentação propriamente dita do discurso.

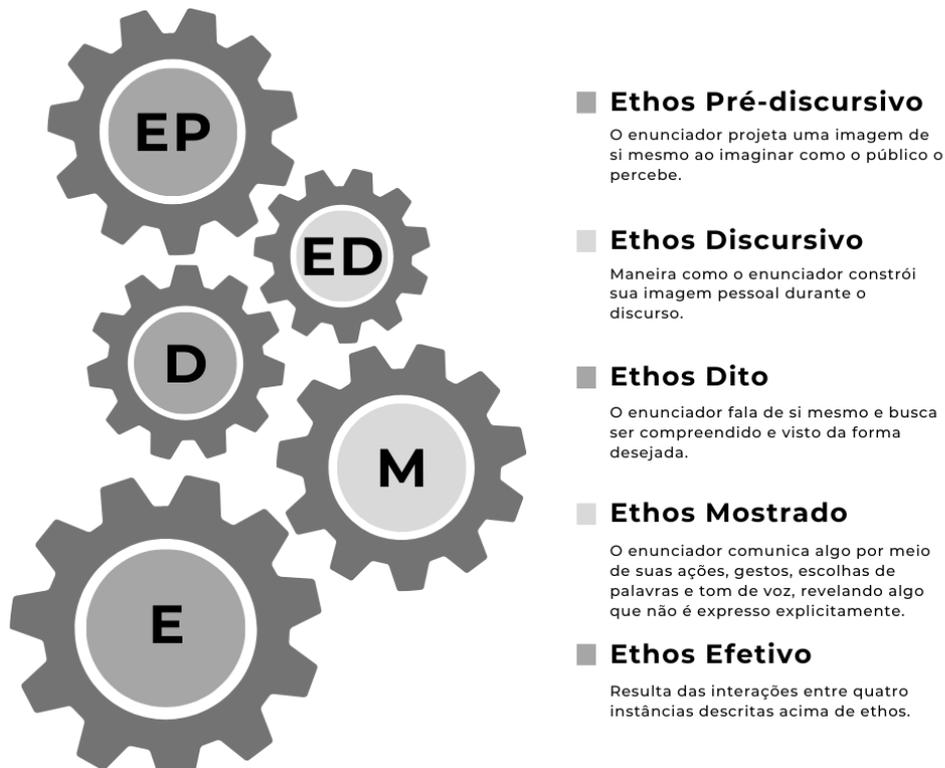
No entanto, Maingueneau (1997) propõe mudanças conceituais importantes na compreensão do ethos na Análise do Discurso. Ele rejeita abordagens psicológicas ou voluntaristas, argumentando que o ethos não deve ser entendido apenas em termos de aspectos psicológicos individuais ou vontade pessoal, mas sim como resultado de construções discursivas e sociais.

Nesse sentido, o ethos é entendido como uma construção ligada à posição do enunciador em relação aos valores e normas da comunidade, requerendo uma análise abrangente e contextualizada. Além disso, envolve estratégias discursivas, escolhas linguísticas, argumentação e estilos de comunicação, que impactam a credibilidade e a capacidade persuasiva do enunciador.

O discurso construído dentro de um contexto específico cria uma imagem discursiva para o público-alvo ou para os co-enunciadores envolvidos. Dessa forma, o ethos se

estabelece por meio de delimitações claras, representadas pelas cenas de enunciação. A partir da imagem 1 apresentamos os tipos de ethos propostos por Maingueneau (2008b).

Imagem 1: Tipos de Ethos propostos por Maingueneau (2008b)



Fonte: Imagem elaborada pelos autores (2023) com base em MAINGUENEAU (2008b).

O ethos efetivo é alcançado quando o enunciador legitima seu discurso a partir de uma determinada posição; no entanto, há certas etapas que devem ser consideradas antes de se chegar ao "ethos efetivo" ao abordarmos o processo de análise. Pode-se observar as etapas, que são os tipos de ethos, na imagem acima. O discurso pode ser visto como o local onde a forma como falamos e nos expressamos é criada e desenvolvida.

Por meio do ethos, que é a maneira como nos apresentamos linguisticamente, procuramos transmitir sinais sobre nossa imagem pessoal. Durante o processo de fala, é necessário observar que a ideia do ethos no mundo exterior revela uma voz que se expressa por meio de uma corporalidade, revelando um indivíduo que se expõe. Pois, ao se expressar, o enunciador passa a ser também o fiador do discurso (SILVA, 2021).

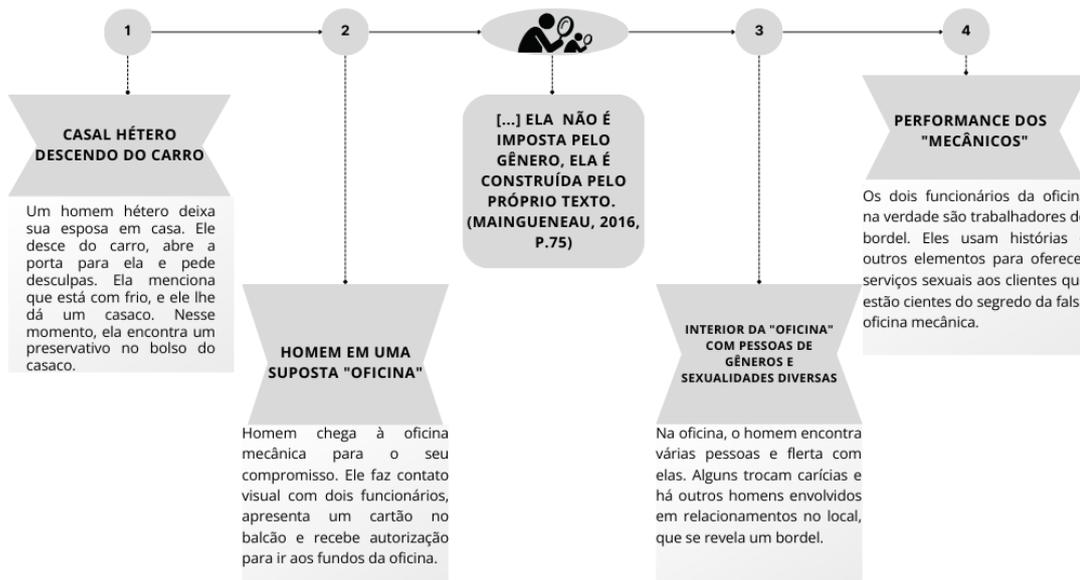
Maingueneau explora a relação entre a imagem do falante e a situação de enunciação em seus estudos sobre ethos discursivo. Ele identifica três cenas principais nessa situação: a cena englobante, relacionada ao tipo de discurso e à esfera de atividade; a cena genérica, ligada às normas de um gênero específico; e a cenografia. Essas cenas formam o "quadro cênico" do texto, uma parte estável da enunciação. (KHALIL, 2022).

Considerando o posicionamento de Maingueneau (2008c), a cenografia não é apenas um cenário ou ambiente onde o discurso acontece como algo separado e independente. Ela é, na verdade, o próprio dispositivo que o discurso vai construindo ao longo do tempo, à medida que é enunciado.

De acordo com Silva (2021), o ethos desempenha uma função fundamental, na qual os indivíduos assumem um papel teatral durante a cena da enunciação, sendo necessário adotar um gênero específico de discurso para alcançar o efeito desejado na comunicação. Na elaboração da cenografia, podemos identificar sinais do discurso que permeiam qualquer cena existente, uma vez que o enunciador se adapta à enunciação, e é por meio das práticas dos sujeitos envolvidos na comunicação que se constituem os elementos da cenografia discursiva.

A cenografia, juntamente com o contexto em que está inserida - ethos - envolve um processo de conexão. Desde o seu surgimento, a linguagem carrega consigo um conjunto de valores que, de fato, são gradualmente confirmados através da própria expressão verbal. A cenografia é, portanto, tanto a origem do discurso quanto aquilo que o discurso cria: ela valida uma declaração que, por sua vez, também deve validá-la, estabelecendo que o cenário no qual a palavra emerge é exatamente o cenário necessário para se expressar nessas circunstâncias. São os conteúdos desenvolvidos pelo discurso que permitem especificar e confirmar os valores éticos, assim como a cenografia, através dos quais esses conteúdos se manifestam (MAINGUENEAU, 2008b.). Ao considerarmos a abordagem de Maingueneau (2008b) sobre a cenografia no videoclipe, construímos a imagem 2.

Imagem 2: Cenografia em *Unholy*.



Fonte: Imagem elaborada pelos autores (2023)

A cenografia do videoclipe é confirmada pela própria enunciação e por interferência dos elementos apresentados que reforçam a ideia de uma “casa de prostituição”. Contudo, o ambiente é somente para aqueles indivíduos que não têm a intenção de expor seus casos extraconjugais, seja para manterem as aparências ou para não serem enquadrados em grupos sociais que são encarados como “tabus”. O espaço discursivo do *corpus* foi delimitado no *pop* internacional. A cena englobante foi definida no âmbito artístico-musical e a cena genérica se limita ao gênero videoclipe.

2 As técnicas argumentativas

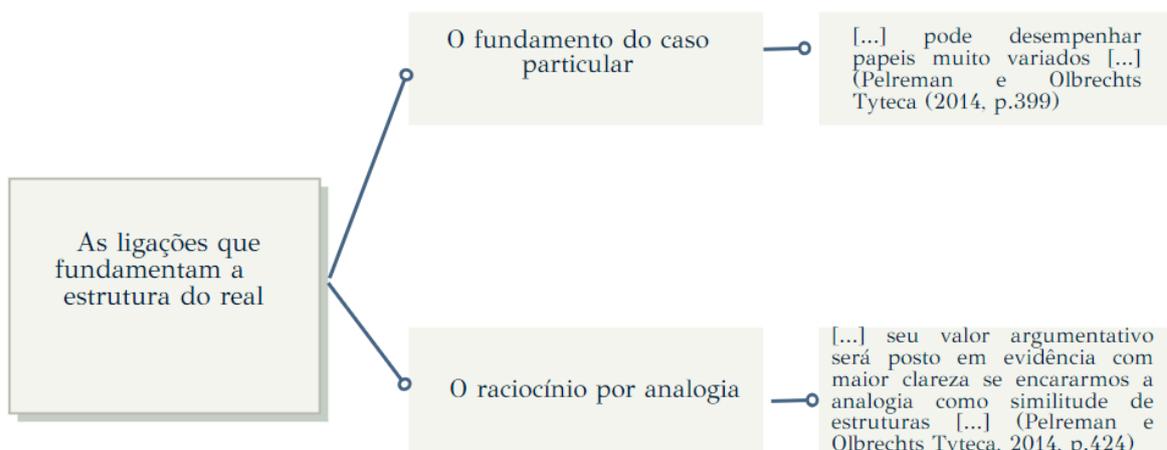
De acordo com Perelman e Olbrechts-Tyteca (2014, p. 136) toda “argumentação supõe, portanto, uma escolha, que consiste não só na seleção dos elementos que são utilizados, mas também na técnica da apresentação”. Nesse sentido, as técnicas argumentativas, propostas por Perelman e Olbrechts-Tyteca (2014) enfatizam a importância de uma abordagem eficaz na construção de argumentos convincentes. Os estudiosos

apontam que a persuasão não se limita apenas à lógica formal, mas inclui também elementos da realidade observável e dos princípios velados que sustentam as conclusões.

Além disso, Perelman e Olbrechts-Tyteca (2014) destacam a necessidade de adequar o discurso ao público-alvo, tendo em conta os valores, crenças e emoções do auditório, uma vez que a argumentação precisa ser clara, relevante, coerente e capaz de aguçar a adesão e a confiança do auditório. Por isso, a argumentação é uma técnica importante na comunicação, visto que compreende a introdução de fundamentos e explicações para convencer o auditório (público ou interlocutor), a fim de estabelecer uma relação de persuasão, por meio de argumentos que influenciam o ponto de vista e as decisões das pessoas.

As técnicas propostas pelos especialistas incluem a utilização de **argumentos quase lógicos**, que apelam à analogia e à indução; **argumentos baseados na estrutura do real**, que estabelecem conexões entre os fatos observáveis e a conclusão; e **ligações que fundamentam a estrutura do real**, que destacam os princípios fundamentais que sustentam a posição defendida. Essas técnicas objetivam construir uma argumentação eficaz, que considere tanto a lógica quanto a relação com a realidade, a fim de influenciar e persuadir o auditório. Para que possamos abordar o tipo de argumento observado no videoclipe, elaboramos a imagem 3.

Imagem 3: Técnicas argumentativas



Fonte: Imagem elaborada pelos autores (2023)

Os argumentos de ligações que fundamentam a estrutura do real se apoiam nos elementos do mundo real, como fatos, eventos e exemplos concretos, para fundamentar uma afirmação ou tese de maneira convincente. Esse argumento se divide em argumento fundamentado pelo caso particular e pelo raciocínio por analogia. Segundo Perelman e Olbrechts-Tyteca (2014), essas estratégias argumentativas buscam estabelecer uma relação entre o caso particular e uma regra geral, ou entre situações semelhantes.

No caso particular, a argumentação respalda em exemplos específicos que ilustram o argumento. Já o raciocínio por analogia consiste em comparar situações semelhantes para inferir uma conclusão válida e, conforme Perelman e Olbrechts Tyteca (2014, p.424) “[...] seu valor argumentativo será posto em evidência com maior clareza se encarmos a analogia como similitude de estruturas”. Assim, essas técnicas procuram estabelecer uma ligação entre a situação específica e um princípio mais amplo, com o objetivo de fortalecer a argumentação.

3 Análise do corpus

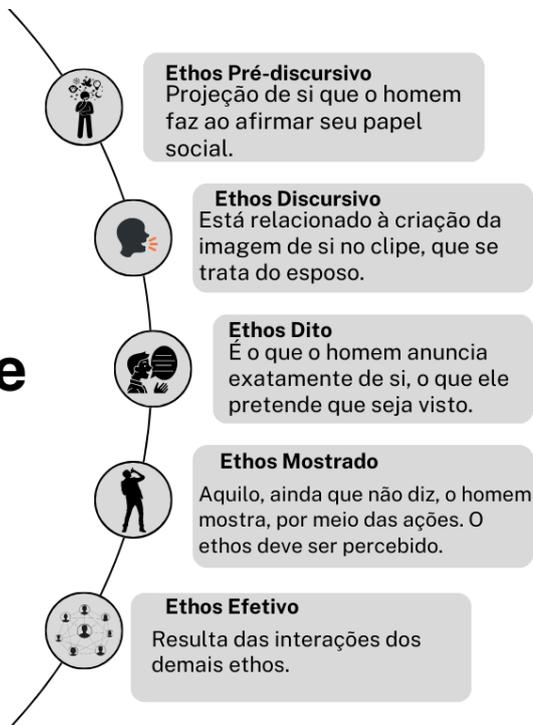
O corpus constitui-se do videoclipe com a letra da música Unholy, de Sam Smith e Kim Petras¹, que venceram o Grammy Awards² 2023 com a categoria de melhor performance Pop Duo/Grupo. A música trata de um relacionamento em que o marido trai a esposa. O ato de trair é retratado como algo profano, porque a esposa não sabe. Para Amossy (2010), a pessoa que fala apresenta no discurso uma variedade de imagens de si, e isso está relacionado ao ethos. Nesse sentido, ao analisarmos o corpus, observamos as categorias de ethos pontuadas por Maingueneau (2008b). A partir da imagem 4, discutimos os tipos de ethos relacionados no videoclipe.

¹ Kim Petras se tornou a primeira mulher trans a ganhar um Grammy.

² Um Prêmio Grammy é qualquer um de uma série de prêmios concedidos anualmente nos Estados Unidos pela Academia Nacional de Artes e Ciências da Gravação ou pela Academia Latina de Artes e Ciências da Gravação. Os Grammys, como são comumente conhecidos, têm como objetivo reconhecer trabalhos espetaculares na indústria musical. (Disponível em: <https://www.britannica.com/art/Grammy-Award>. Acesso ago. de 2023).

Imagem 4: Ethos no videoclipe Unholy

Ethos no videoclipe "Unholy"



Fonte: Elaborado pelos autores (2023).

Em sequência, podemos perceber que a cenografia passa uma mensagem de “cavalheirismo, proteção e cuidado” por parte da imagem do homem com a sua esposa.

Imagem 05: Cuidado



Imagem 06: Atencioso



Fonte: recorte do videoclipe *Unholy* de Sam Smith (2023)

A imagem que o homem constrói de si ao afirmar o seu papel na construção social a do esposo heteronormativo. Um homem que se apresenta como protetor e cuidador da sua

esposa e filhos, assumindo a responsabilidade de garantir a sua segurança e bem-estar. De acordo com Souza Júnior (2021, p. 63) “a influência deste “pensamento fundamentalista e (neo)conservador” é, na verdade, o conjunto de teorias que versam sobre a questão da ideologia de gênero³.

Para o estudioso, o machismo é um conjunto de atitudes e comportamentos que se baseiam na ideia de superioridade masculina. Essa mentalidade patriarcal sustenta a crença de que as mulheres são inferiores aos homens, privando-as dos mesmos direitos e restringindo seu papel ao espaço doméstico, enquanto os homens ocupam o espaço público. Este pensamento conservador coloca a mulher em uma posição secundária, porque historicamente a dominação masculina tem influência nos principais ambientes sociais que as pessoas frequentam diariamente, como a igreja, a família e a escola.

Nas imagens 5 e 6, podemos observar uma representação sutil do cavalheirismo, que reflete a crença de que os homens devem se comportar como superiores e fortes e enxergarem as mulheres como mais frágeis e indefesas. Outro aspecto que podemos abordar está na cena enunciativa a seguir:

Imagem 07: Prazeres



Imagem 08: Lugar Secreto



Fonte: recorte do videoclipe *Unholy* de Sam Smith (2023)

No videoclipe, o homem deixa sua esposa em casa e vai para uma oficina chamada *Body Shop*, que se revela ser um bordel. O que chama a atenção nas cenas é que a maioria

³ Conceito criado pela Igreja Católica e aceito pelas Igrejas Pentecostais no Brasil de acordo com Souza e Júnior (2021).

das pessoas que trabalham e oferecem serviços sexuais aos clientes da oficina/bordel são do público LGBTQIAPN⁴. Além disso, podemos perceber diferenças nas cores utilizadas nas cenas das imagens 05 e 06 em comparação com as imagens 07 e 08. Essas tonalidades criam uma dualidade entre as situações, representando o certo e o errado, o limpo e o sujo, o que é visível para todos e o que deve ser mantido em segredo, o moral e o imoral, entre outras relações.

Segundo Peixoto (2018), a associação da homossexualidade a doenças ou crime foi amplamente debatida até o início do século XX, tanto na medicina europeia quanto no Brasil. Para compreender os fenômenos sociais atuais e futuros, é necessário entender claramente a transição entre o passado e o presente. É fundamental compreender como a colonialidade ainda afeta o pensamento das pessoas e como ainda vivemos em uma esfera de dominação sistêmica, a fim de desenvolver estratégias que garantam os mesmos direitos para todos.

Maldonado (2007) explica que o "Colonialismo" ocorre quando um povo é dominado por outro, formando um império, como foi o caso do Brasil como colônia de Portugal. Já a "Colonialidade" é um padrão de poder que surge do colonialismo e afeta o trabalho, o conhecimento, a autoridade e as relações interpessoais no mercado global. Mesmo após o fim do colonialismo, a colonialidade persiste em vários aspectos da vida moderna, como textos educacionais, critérios acadêmicos, cultura e autoimagem dos povos. Portanto, estamos constantemente expostos à colonialidade em nosso dia a dia.

Podemos ver nos recortes acima, representações de uma situação em que a colonialidade ainda persiste no imaginário de várias comunidades. Ao analisarmos o processo de formação social e histórica do Brasil, de acordo com a perspectiva de Miskolci (2012), fica evidente que minorias como negros, mulheres e homossexuais foram consideradas ameaças à ordem e associadas à anormalidade, desvio e até mesmo doença mental. Essa percepção resultou em intervenções estatais de controle e disciplina, principalmente por meio de intervenções médicas e legais.

Portanto, os desejos e práticas homossexuais eram reprimidos em nome de Deus. Essa crença foi produzida e legitimada em várias instâncias, levando à ideia de que o público

⁴ Conforme Adolfo (2022) a sigla LGBTQIAPN+ significa: "Lésbicas, Gays, Bissexuais, Transexuais, Queer, Intersexo, Assexuais, Panssexuais e pessoas Não-binárias".

LGBTQIAPN+ é imoral e suas práticas são consideradas profanas do ponto de vista religioso. No videoclipe e nos cenários apresentados, podemos inferir que o homem sente prazer ao estar em meio ao público que se encontra em um bordel. No entanto, ele precisa manter suas práticas em segredo para preservar sua reputação como homem e pai de família, a fim de não manchar sua moral, sua comunidade e os valores que refletem um padrão heteronormativo, conservador e colonial.

Conforme Bhabha (1998, p.15) o objetivo do discurso colonial é retratar o colonizado como uma população inferior e pervertida. Apesar das complexidades dentro desse discurso colonial, como questões de classe, gênero, ideologia e diferentes sistemas de colonização, a maneira como ele pode dominar a vida das pessoas é cristalizada por meio de práticas sociais e determinadas pela História.

Um outro aspecto que podemos considerar na análise do videoclipe está pautado nos seguintes recortes:

Imagem 09: Sexualização



Imagem 10: Profanos



Fonte: recorte do videoclipe *Unholy* de Sam Smith (2023)

As imagens no videoclipe estão relacionadas ao refrão da música que diz: *"Mummy don't know daddy's getting hot/ At the body shop/ Doing something unholy [...]."* Uma tradução possível para o refrão seria: *"Mãe não sabe que papai está ficando quente/ Na oficina/ Fazendo algo profano [...]."* Ao analisarmos a cenografia, a narrativa do videoclipe e as abordagens mencionadas anteriormente, podemos inferir que esse segredo em que a

esposa do homem não sabe está fundamentado não apenas nas noções de fidelidade entre marido e mulher no casamento, mas também em crenças relacionadas à colonialidade.

Mesmo após 400 anos, ainda existem preconceitos contra a homossexualidade no Brasil, mas as razões são diferentes agora. Atualmente, um grupo de elites políticas, econômicas, religiosas e midiáticas controla o país, formando um poder de dominação unificado. (PEIXOTO, 2018).

Ao olharmos para o Brasil colonial, Peixoto (2018) afirma que no século XVI, com a implementação do Santo Ofício (conjunto de regras estabelecidas pela Igreja e pela coroa), foram impostas punições inquisitoriais para vários crimes, como feitiçaria, blasfêmia, traição, judaísmo, bigamia e outros. No entanto, a sodomia⁵ era considerada o crime mais grave e diretamente associado à influência demoníaca. Na imagem 09 do videoclipe, podemos observar o cantor Sam Smith, que inicialmente aparece como mecânico e depois como um dos membros do bordel, usando um chapéu com chifres, simbolizando o demônio dentro desse espaço com práticas "libertinas" e "profanas".

Conclusão

Este artigo, intitulado "Cenografia, ethos e argumentação em Unholy de Sam Smith e Kim Petras", teve como objetivo central analisar como a cenografia e o ethos discursivo são usados para construir argumentos persuasivos destinados ao público.

Para embasar nossas análises, utilizamos estudos de Maingueneau (2008) sobre o conceito de ethos, a Teoria da Argumentação de Perelman e Olbrechts Tyteca (2014), bem como trabalhos de outros autores, como Peixoto (2018), que nos ajudou a compreender as premissas sociohistóricas que sustentam o discurso de dominação/legitimação em relação à comunidade LGBTQIAPN+ em um contexto mais amplo.

Além disso, incorporamos as contribuições de Bhabha (1998) para entender o conceito de discurso colonizador, juntamente com as definições de colonialismo e

⁵ Peixoto (2018) declara que o sodomita era aquele que rejeitava a moral cristã e corrompia sua alma e corpo através de ações sexuais. Por isso, eles eram punidos com castigos severos, como o exílio, açoitamento e até mesmo a morte por enforcamento ou na fogueira.

colonialidade de Maldonado (2007) e outros autores dos estudos discursivos, argumentativos e pós-coloniais que forneceram suporte teórico para nossa análise.

Ao analisar detalhadamente os elementos visuais recortados do videoclipe usando as técnicas argumentativas e considerando os conceitos de ethos e cenografia, ficou claro que a cenografia, ao retratar uma casa de prostituição, mostra o público presente como um grupo associado à profanação, o que está em consonância com o título do clipe, "Unholy" (tradução livre para "profano"). Essa conjectura expõe um conjunto de crenças e estereótipos enraizados no colonialismo e na colonialidade, presentes em uma sociedade que perpetua a objetificação de negros, mulheres, indígenas, pessoas LGBTQIAPN+ e outros grupos marginalizados.

Referências

ADOLFO, Kalel. *LGBTQIAPN+*: entenda a sigla e sua importância para a representatividade. 2022. Disponível em: <https://claudia.abril.com.br/sociedade/lgbtqiapn-entenda-a-sigla/>. Acesso em: 28 abr. 2023.

AMOSSY, Ruth (Org.). *Imagens de si no discurso: a construção do ethos*. São Paulo: Editora Contexto, 2008.

ARISTÓTELES. *Ética a Nicômaco*. Trad. e notas Luciano Ferreira de Souza. São Paulo: Martin Claret, 2016.

BHABHA, Homi. *O local da cultura*. Belo Horizonte: Editora da UFMG, 1998.

CHARAUDEAU, Patrick. *Linguagem e discurso: modos de organização*. São Paulo: Editora Contexto, 2012.

FERREIRA, Luiz Antonio. *Leitura e Persuasão*. São Paulo: Contexto, 2017.

KHALIL, Lucas Martins Gama. *Ethos de empreendedor e cenografia de coaching em uma peça publicitária*. Signótica, v. 34, 2022.

KHALIL, Lucas Martins Gama; CAMANHO, Marcia Regina de Souza. *Ethos discursivo e cena de enunciação na propaganda "Compromisso com a Floresta #ValepelaAmazônia"*. Afluente: Revista de Letras e Linguística, São Luís, v. 7, n. 21, p. 183–203, 2022.

KHALIL, Lucas Martins Gama. *Ethos, cenografia e voz "demoníacos": o funcionamento discursivo do Death Metal*. 2017. 252 f. Tese (Doutorado) - Curso de Programa de Pós-

Graduação em Estudos Linguísticos, Universidade Federal de Uberlândia, Uberlândia, 2017.

MALDONADO-TORRES, Nelson. *Sobre la colonialidad del ser: contribuciones al desarrollo de un concepto. El giro decolonial. Reflexiones para una diversidad epistémica más allá del capitalismo global*, p. 127-167, 2007.

MAINGUENEAU, Dominique. *A propósito do ethos. Ethos discursivo*. São Paulo: Contexto, p. 11-29, 2008a.

MAINGUENEAU, Dominique. *Cenas da enunciação*. São Paulo: Parábola Editorial, 2008b.

MAINGUENEAU, Dominique; *Cenas da enunciação*. Organização de Sírio Possenti e Maria Cecília Pérez de Souza-E-Silva. *Cenas da enunciação*, 2008c.

MAINGUENEAU, Dominique. *O contexto da obra literária: enunciação, escritor, sociedade*. Martins Fontes, 2001.

MAINGUENEAU, Dominique. *Doze conceitos em análise do discurso*. São Paulo: Parábola, 2010.

MAINGUENEAU, Dominique. *Novas tendências em Análise do Discurso*. 3 ed. Campinas- São Paulo: Pontes, 1997.

MAINGUENEAU, Dominique. *Variações sobre o ethos*. Trad. Marcos Marcionilo. 1 ed. São Paulo: Parábola, 2020

MAINGUENEAU, Dominique. Ethos, cenografia, incorporação. In: AMOSSY, Ruth (Org.) *Imagens de si no discurso: a construção do ethos*. São Paulo: Contexto, 2016.

MISKOLCI, Richard. *O desejo da nação: masculinidade e branquitude no Brasil de fins do XIX*. Fapesp, 2012.

NEVES, Letícia Ferreira das. *Cena de Enunciação e o ethos discursivo no videoclipe Bluesman: um possível deslocamento em relação a estereótipos no rap brasileiro*. RE-UNIR-Revista do Centro de Estudos da Linguagem da Fundação Universidade Federal de Rondônia, v. 9, n. 2, p. 103-124, 2022.

ORLANDI, Eni Puccinelli. *Análise de discurso: princípios & procedimentos*. Pontes, 2012.

PERERELMAN, Chaim; TYTECA, Lucie Olbrechts. *Tratado da Argumentação*. Tradução Maria Ermantina de Almeida Prado Galvão; revisão da tradução de Eduardo Brandão. 3 ed. São Paulo: Editora WMF Martins Fontes, 2014.

PEIXOTO, Valdenizia Bento. *Violência contra LGBTs no Brasil: Premissas históricas da violação no Brasil*. Revista Periódicus, v. 1, n. 10, p. 7-23, 2018.

RIBEIRO, Débora. *Significado de Profano*. 2021. Disponível em: <https://www.dicio.com.br/profano/>. Acesso em: 29 jun. 2023.

REBOUL, Olivier. *Introdução à Retórica*. São Paulo: Martins Fontes, 2004.

SAM Smith, Kim Petras - *Unholy*. Reino Unido: Capitol Records Uk, 2022. P&B. Disponível em: <https://www.youtube.com/watch?v=Uq9gPaIzbe8>. Acesso em: 23 jun. 2023.

SILVA, Kátia Regina Gomes da. *Cenografia e a constituição do ethos discursivo: uma análise em práticas discursivas de técnicos e docentes, na Universidade Federal da Paraíba*. 2021. 114 f. Dissertação (Mestrado) - Curso de Programa de Pós-Graduação em Linguística e Ensino – Mple, Universidade Federal da Paraíba, João Pessoa, 2021.

SOUZA JUNIOR, Paulo Roberto de. *A Cultura Machista e os Prejuízos aos dissidentes ou divergentes das Questões Sexuais e de Gênero*. Revista de Gênero, Sexualidade e Direito, Salvador, v. 7, n. 2, p. 62-76, 16 dez. 2021. Disponível em: <https://periodicos.ufba.br/index.php/revdirsex>. Acesso em: 23 jun. 2023.

ⁱ Filiação institucional: Mestre em Letras pela Universidade Federal de Rondônia (UNIR)

E-mail: carlooseduardodovaleortiz5@gmail.com

Lattes ID: <http://lattes.cnpq.br/8541823756169672>

ORCID: <http://orcid.org/0000-0002-0296-0131>

ⁱⁱ Filiação institucional: Doutora em Língua Portuguesa pela Pontifícia Universidade Católica de São Paulo (PUC-SP)

E-mail: chediaksorhaya@gmail.com

Lattes ID: <http://lattes.cnpq.br/9099439257724211>

ORCID: <http://orcid.org/0000-0001-7238-5315>

MULTICONTEXTOS E COGNIÇÃO: AS INFLUÊNCIAS DOS DIFERENTES CONTEXTOS PARA O DESENVOLVIMENTO COGNITIVO

MULTICONTENTS AND COGNITION: THE INFLUENCES OF DIFFERENT CONTEXTS ON COGNITIVE DEVELOPMENT

Nádson de Oliveira de Sousaⁱ

Resumo: Esta pesquisa tem por objetivo compreender as influências dos multicontextos no processo de desenvolvimento cognitivo de indivíduos. A mesma tem uma abordagem qualitativa e configura-se como pesquisa de campo. A coleta de dados ocorreu através de entrevistas informais, conversas e observações, vendo que os sujeitos pesquisados foram crianças de diferentes multicontextos. Autores como Bourdieu (2007), Lahire (1997), Piaget (1999) e Vygotsky (2007) embasam as discussões e ideias aqui expostas. O conceito de multicontextos aqui apresentado se refere aos contextos de vida nas esferas social, financeira, cultural e familiar, que implicam em questões do desenvolvimento cognitivo, como a fala e a capacidade de construir discursos, bem como o raciocínio, a memória, a atenção e o vocabulário, que melhora a linguagem. O desenvolvimento cognitivo está relacionado a diversos aspectos, desde questões neurobiológicas e hereditárias até o ambiente externo. Evidenciou-se, com a análise de dados, que os multicontextos da vida do indivíduo influenciam diretamente em aspectos do desenvolvimento cognitivo e até do desenvolvimento global. Também se viu que fatores multicontextuais podem afetar no desenvolvimento cognitivo, como fatores familiares, financeiros, sociais, culturais e emocionais. Percebeu-se que os sujeitos com contextos favoráveis demonstraram aspectos cognitivos mais desenvolvidos se comparados com os sujeitos de contextos desfavoráveis.

Palavras-chave: Multicontextos. Desenvolvimento. Plasticidade. Indivíduos.

Abstract: This research aims to understand the influences of multi-contexts on the process of cognitive development of individuals. It has a qualitative approach and is configured as field research. Data collection took place through informal interviews, conversations and observations, seeing that the subjects researched were children from different multi-contexts. Authors such as Bourdieu (2007), Lahire (1997), Piaget (1999) and Vygotsky (2007) support the discussions and ideas presented here. The concept of multicontexts presented here refers to life contexts in the social, financial, cultural and family spheres, which involve issues of cognitive development, such as speech and the ability to construct discourses, as well as reasoning, memory, attention and vocabulary, which improves language. Cognitive development is related to several aspects, from neurobiological and hereditary issues to the external environment. Data analysis showed that the multi-contexts of an individual's life directly influence aspects of cognitive development and even global development. It was also seen that multi-contextual factors can affect cognitive development, such as family, financial, social, cultural and emotional factors. It was noticed that subjects with favorable contexts demonstrated more developed cognitive aspects compared to subjects from unfavorable contexts.

Keywords: Multicontexts. Development. Plasticity. Individuals.

Introdução

A vida de um sujeito é composta por diversos campos diferentes que, juntos, formam seu modo de vida. Esse modo de vida é referente a diversas questões e situações nas quais esse sujeito está inserido e pode ser destrinchado em questões sociais, financeiras, culturais

e familiares ou, como aqui definido, seus multicontextos de vida. Por sua vez, esses multicontextos interferem de maneira direta e indireta no processo de desenvolvimento desse indivíduo.

A escolha pela temática aqui apresentada surge de uma proximidade pessoal do pesquisador com a mesma, tendo em vista sua formação pessoal ter ocorrido em contextos desfavoráveis social, financeira e culturalmente falando, sendo colocada, em uma outra perspectiva, como temática da pesquisa de sua graduação e pós-graduação.

É importante salientar que o conceito de multicontextos trazido por este trabalho¹ se refere aos contextos de vida de um indivíduo em suas esferas social, financeira, cultural e familiar, cada uma exercendo influências de cunho moral, ético, educativo, no desenvolvimento cognitivo, bem como nas oportunidades e possibilidades culturais e de aprendizagem do sujeito. Portanto, a expressão multicontextos será sempre referente a essas quatro esferas contextuais do indivíduo: social, financeira, cultural e familiar.

O desenvolvimento cognitivo de um indivíduo está relacionado a diversos aspectos, desde questões neurobiológicas e hereditárias até questões do ambiente externo em que o mesmo vive (GLEITMAN, REISBERG E GROSS, 2009). Neste trabalho, o foco volta-se às questões externas ao indivíduo, colocadas aqui como os multicontextos em que o mesmo vive e como isso pode influenciar em seu desenvolvimento cognitivo. Assim, este trabalho tem como problema de pesquisa o seguinte questionamento: quais influências os multicontextos (social, financeiro, cultural e familiar) do indivíduo têm no seu processo de desenvolvimento cognitivo?

Para melhor compreensão desta temática, se faz necessário entender que o processo de desenvolvimento cognitivo de um indivíduo está diretamente ligado com sua aprendizagem, que de maneira geral pode ser definida, segundo Gleitman, Reisberg e Gross (2009), como a aquisição de um novo conhecimento ou habilidade através das experiências vividas. O desenvolvimento cognitivo, por sua vez, ainda segundo os autores, pode ser considerado como o aprimoramento das habilidades adquiridas através da aprendizagem, e

¹ Artigo apresentado como Trabalho de Conclusão de Curso – TCC, do curso de pós-graduação ofertado pelo Centro Universitário FAVENI (UNIFAVENI), como requisito parcial para a obtenção do grau de especialista em Neuropsicopedagogia.

que esse aprimoramento, ocorrendo de maneira constante, permite ao indivíduo uma vida mais autônoma.

Assim, este trabalho tem como objetivo geral compreender quais as influências que os multicontextos do indivíduo têm no seu processo de desenvolvimento cognitivo. E como objetivos específicos, busca entender de que maneira aspectos sociais, financeiros, culturais e familiares influenciam em aspectos do desenvolvimento cognitivo do indivíduo; analisar qual a relação entre plasticidade e o desenvolvimento cognitivo de sujeitos; e investigar que aspectos multicontextuais podem interferir no desenvolvimento cognitivo de uma pessoa.

Pesquisar a relação entre o desenvolvimento cognitivo e os multicontextos de um indivíduo torna-se importante e até necessário, para que se construa um maior conhecimento acerca desta temática que surge como relevante em diferentes campos das ciências, como a educação, a psicologia e psicopedagogia, a neurologia, entre outras. Ao compreender como esses dois campos da vida do sujeito se relacionam e até interferem um no outro, torna-se possível perceber questões que podem contribuir, por exemplo, em um contexto educacional, com a elaboração da estratégia mais adequada para que o aluno aprenda e se desenvolva, ou mesmo, em um contexto clínico, para um melhor diagnóstico ou intervenção profissional.

Esta pesquisa tem uma abordagem qualitativa, pois trabalha com questões que não podem ser meramente quantificadas, mas que devem ser analisadas e exploradas de maneira integral. A mesma configura-se como uma pesquisa de campo que, segundo Gil (2002, p.53), “[...] procura muito mais o aprofundamento das questões propostas do que a distribuição das características da população segundo determinadas variáveis.”

Este artigo está dividido em três partes principais, a contar desta introdução, onde é feita a apresentação da temática e dos objetivos desta pesquisa e se inicia a discussão, de maneira introdutória, dos assuntos aqui abordados; o desenvolvimento, organizado em subseções temáticas voltadas aos principais conceitos aqui discutidos, bem como os aspectos metodológicos e a coleta e análise dos dados da pesquisa; e, por fim, fazemos o fechamento das ideias apresentadas na parte construída com efeitos de conclusão.

1 Reflexões teóricas e análise dos dados

O processo de desenvolvimento humano inclui diversas áreas da vida de um sujeito, como o desenvolvimento físico, maturacional, emocional, social e cognitivo, por exemplo. Portanto, cada ser humano se desenvolve de maneira e em tempo diferente, e isso está intimamente ligado com fatores internos e externos da vida desse indivíduo, que influenciam em todos os campos do seu desenvolvimento (SOUSA, 2022).

1.1 Desenvolvimento humano e desenvolvimento cognitivo

O desenvolvimento humano, segundo Piaget (1999), pode ser definido como um estado de equilíbrio progressiva, uma constante passagem de um estado de menor equilíbrio para um estado de equilíbrio superior. Piaget (1999) divide ainda o desenvolvimento humano em quatro estágios, sendo estes: 1) sensório-motor, que vai de zero a dois anos de idade e é o momento em que o bebê aprende sobre si e sobre o mundo que o cerca por meio das percepções sensoriais e motoras; 2) pré-operatório, que vai dos dois aos sete anos. Nesse estágio, a criança ainda carrega questões do estágio anterior, mas já iniciando, ainda que de maneira “bagunçada”, a construção de ideias lógicas, porém, ainda muito voltadas para o concreto; 3) operatório-concreto, que vai dos sete até 11 ou 12 anos. É nesse estágio que se inicia a possibilidade de pensamentos abstratos, usando operações mentais para a resolução de problemas reais; e, 4) operatório-formal, que vai dos 11 ou 12 anos até o final da vida e é marcado pela conquista da consciência do pensamento e pela capacidade de deduzir conclusões não mais voltadas somente para o real, mas também de questões puramente hipotéticas (PIAGET, 1999).

Bock, Furtado e Teixeira (1999), baseados nos pensamentos de Piaget, apontam quatro campos principais que influenciam no desenvolvimento humano, sendo esses: hereditariedade, dizendo que a criança, ao nascer, traz uma carga genética de seus pais que indicam seu potencial de desenvolvimento que pode ou não se desenvolver de acordo os estímulos recebidos; crescimento orgânico, que aponta para o corpo físico do indivíduo, possibilitando-o, ao desenvolvê-lo, um maior domínio do mundo que o cerca; maturação

neurofisiológica, tornando o indivíduo capaz de determinados padrões comportamentais necessários à certas ações; e, meio ambiente, considerado como os estímulos advindos do meio em que o sujeito vive. Portanto, o desenvolvimento humano envolve questões amplas e de caráter interno e externo ao indivíduo.

Um importante ponto dentro do processo de desenvolvimento humano é a aprendizagem que, para Vygotsky (2007, p.100), “[...] pressupõe uma natureza social específica e um processo através do qual as crianças penetram na vida intelectual daqueles que as cercam”. Para Gleitman, Reisberg e Gross (2009), é definida, de maneira geral, como a aquisição de novos conhecimentos ou habilidade por meio da relação entre indivíduo e meio. Porém, segundo Bock, Furtado e Teixeira (1999), para a psicologia, a aprendizagem vai além desta definição, pois há diversas possibilidades de apresentarmos novos comportamentos ou habilidades, como o crescimento físico, as descobertas, as tentativas e erros, o ensino e etc.

Têm-se, ainda, o desenvolvimento cognitivo, que é uma parte importante do desenvolvimento global do sujeito e está voltado unicamente para suas capacidades mentais, como memória, atenção, percepção, pensamento, imaginação, criatividade, desenvolvimento da linguagem e capacidade oratória, entre outras. Ainda assim, por fazer parte do desenvolvimento humano, o desenvolvimento cognitivo é influenciado por fatores externos, como os estímulos recebidos do meio que podem potencializá-lo.

Sternberg (2008) aponta que há uma unidade funcional fundamental na cognição humana que, segundo o autor, é expressa pelo conceito de inteligência humana. Assim,

O conceito de inteligência pode ser visto como um guarda-chuva por meio do qual se pode entender a natureza adaptativa da cognição humana. Através desse conceito simples, a sociedade, bem como a ciência psicológica, reconhece que, por mais diversificada que possa ser, a cognição se une para nos proporcionar uma maneira funcionalmente unificada de entendermos e nos adaptarmos ao ambiente. (STERNBERG, 2008, p.14).

Assim, o desenvolvimento cognitivo e, portanto, a inteligência de um sujeito, está intimamente ligada às suas capacidades mentais, como aprendizagem, raciocínio, memória, atenção e outros aspectos, bem como, também, abrange suas capacidades adaptativas ao

meio e a situações. Assim, “[...] a cognição humana forma o núcleo da inteligência, sendo um constructo que ajuda a unificar todos os diferentes aspectos da cognição [...]” (STERNBERG, 2008, p.476). Portanto, mais desenvolvido cognitivamente, mais inteligente é o indivíduo, se melhor ele consegue se adaptar e usufruir de suas capacidades mentais durante sua vida diária.

Assim, vê-se que questões externas ao indivíduo detém grande contribuição em seu processo de desenvolvimento global e influenciam, também, por meio de estímulos às suas capacidades mentais, no seu desenvolvimento cognitivo. O meio enquanto agente importante nessa interação traz modificações, inclusive, na composição do sistema nervoso (SN), observando-se o conceito de plasticidade.

1.2 A plasticidade do sistema nervoso

A plasticidade é a capacidade do SN, em especial o cérebro, de se modificar frente à relação entre o meio ambiente e o indivíduo, gerando, assim, mecanismos adaptativos que permitem realizar funções integradoras entre os mesmos (SAVASSINI et al, 2019). Essa capacidade é importante para diversas ações do indivíduo, incluindo, especialmente, a aprendizagem.

A primeira vez que o conceito de plasticidade foi usado, foi nos estudos do psicólogo soviético Alexander Luria (1902-1977), trazido especialmente dos estudos realizados com pacientes da Segunda Guerra Mundial que haviam se lesionado neurologicamente. Luria (1981) aponta o cérebro como um sistema em constante interação com o meio físico e social em que o sujeito está inserido. Surge aí o conceito de plasticidade, ou seja, a ideia de que as funções mentais superiores humanas, se constituem ao longo da evolução e da história social do homem e do desenvolvimento individual do sujeito (LURIA, 1981).

O autor, assim como seus antecessores, via que o cérebro apresentava áreas para funcionamentos específicos, mas contribui com a ideia de que, por meio de uma relação complexa, o mesmo seria capaz de agir unindo suas diferentes áreas ao mesmo tempo. Essa ideia de união das capacidades específicas do cérebro e de sua interatividade, que permite

uma relação mútua entre as áreas cerebrais, trouxe uma grande contribuição para os conceitos de aprendizagem e de plasticidade cerebral que se tem hoje. (ROTTA *et al.*, 2016).

Relvas (2012) apresenta que a neuroplasticidade permite que haja transformações neuroquímicas quando se recebe novas informações. Em consonância, Guerra (2008) diz que a plasticidade cerebral:

é a propriedade que as células nervosas possuem de transformar, de modo permanente ou pelo menos prolongado, a sua função e sua forma, em resposta à ação do ambiente externo. É a propriedade de reorganização do SNC, que é a base dos processos de aprendizagem e memória e das estratégias de reabilitação em casos de perda estrutural e/ou funcional por lesão (GUERRA, 2008, p.28).

A plasticidade, segundo Lent (2013), divide-se em duas etapas, baseadas na fase da vida em que o sujeito se encontra. Essas etapas são denominadas de plasticidade ontogenética, que ocorre durante o desenvolvimento embrionário e pós-natal, marcando o período de maior capacidade adaptativa do SN, que se encontra ainda imaturo, por estar altamente suscetível às influências recebidas do meio ambiente; e, plasticidade adulta, marcada pelo fim do período de plasticidade ontogenética e que está mais voltada às sinapses. Tanto a plasticidade ontogenética como a adulta, manifestam-se de maneira morfológica, funcional e comportamental, (LENT, 2013).

A plasticidade vista, ainda, de maneira mais específica, se divide, segundo Costa, Silva e Jacóbsen (2019), em: plasticidade cerebral, que se refere ao cérebro e sua capacidade de modificação ao longo da vida e trata especificamente do sistema nervoso central (SNC); plasticidade neural, definida como uma mudança adaptativa na estrutura e nas funções de todo o SN, formado tanto pelo SNC quanto pelo sistema nervoso periférico (SNP); plasticidade neuronal, referente aos neurônios; e, plasticidade sináptica, referente às sinapses e que, a longo prazo, é o conjunto de mudanças na eficácia sináptica que permanecem por mais de meia hora e, a curto prazo, as que duram menos que meia hora (COSTA, SILVA E JACÓBSEN, 2019).

Portanto, plasticidade pode ser entendida como um termo amplo que envolve todo o processo de modificação e adaptação do SN, dividindo-se, de acordo com a área onde ocorre a modificação, em “subgrupos”, denominados de plasticidade cerebral, neural, neuronal e

sináptica, cada um com características e atuações diferentes, mas que contribuem de maneira conjunta para o desenvolvimento cognitivo do indivíduo em seus multicontextos de vida.

1.3 Os multicontextos da vida de um sujeito

Quando falamos de multicontextos, tratamos dos diferentes espaços, situações e oportunidades da vida de uma pessoa. Contudo, é importante a ciência de que esses multicontextos estão relacionados e têm influências um nos outros. Como por exemplo, os contextos social e familiar, interferem diretamente nas condições financeiras e culturais de um sujeito e, portanto, nos seus contextos financeiro e cultural. Assim como, também, os contextos cultural e financeiro inicial - fruto das possibilidades familiares e do meio - e posterior - o caminho que o indivíduo seguirá após tomada de consciência do mundo - da vida do sujeito, dirá, de maneira geral, como sua vida social e familiar se constituirá (SOUSA, 2022).

Quando falamos de contexto social, nos referimos aqui a aspectos sociais, como as relações com o outro, as possibilidades e as oportunidades de desenvolvimento que interferem no modo de vida de uma pessoa. Logo, qualquer pessoa inserida em um determinado ambiente, que vive em uma determinada cidade e se relaciona com outros, está inserida num contexto social (CONCEITOS, 2014).

Esse contexto social, por sua vez, está diretamente ligado com a noção de contexto cultural, que aqui é compreendido como as possibilidades de inserção em ambientes e oportunidades de acesso à cultura. É importante, contudo, a compreensão do que aqui se trata como cultura. O termo cultura aqui está relacionado àquela que é socialmente valorizada, denominada, segundo Marques (2015), como cultura erudita, e que está associada à cultura livresca, produtora do conhecimento científico, associada às classes detentoras do poder e ignorando as manifestações populares. Cultura essa que se difere do que é entendido como cultura popular, que está vinculada ao conhecimento obtido e praticado pelo povo, com suas práticas formadas sem um embasamento científico, surgidas das experiências e atividades vivenciadas pela própria população. (MARQUES, 2015).

Não há aqui um juízo de valor em relação às questões culturais que são ou não importantes, ou mesmo que tem mais importância do que outra. Mas aqui é definido o termo cultura baseado na cultura erudita, por ser essa a “exigida” e valorizada na sociedade de maneira geral e em espaços comuns e de desenvolvimento da vida de um sujeito, como a escola, por exemplo.

Outro aspecto importante da vida de um indivíduo é seu contexto familiar. Bourdieu (2007) diz que a família transmite para o sujeito, mesmo que de maneira inconsciente, certo capital cultural e um sistema de valores implícitos, que acabam se internalizando e tornando-se parte do mesmo. Por isso, segundo o autor, “[...] os indivíduos que têm um nível de instrução mais elevado têm as maiores chances de ter crescido num meio culto [...]” (BOURDIEU, 2007, p.60).

Um exemplo de como a família influencia na concepção de vida de um sujeito é apresentado por Lahire (1997), quando o autor aponta que, para o sujeito ainda criança, ao “[...] ver os pais lendo jornais, revistas ou livros pode dar a esses atos um aspecto “natural” para a criança, cuja identidade social poderá construir-se sobretudo através deles (ser adulto como seu pai ou sua mãe significa, naturalmente, ler livros...) [...]” (LAHIRE, 1997, p.20, grifo do autor).

Vê-se aí a ligação existente entre o contexto familiar e cultural de um sujeito, onde a cultura consumida inicialmente por este, será aquela que sua família dispõe e lhe oferece. Da mesma forma acontece com a questão financeira. Um indivíduo, até tomar consciência do mundo e ter oportunidades de ir em busca de sua própria manutenção (financeira e cultural), é altamente dependente de sua família, por estar vinculado a ela a sua oportunidade para ter acesso a determinadas coisas (materiais ou imateriais), lugares e situações.

Assim, os multicontextos da vida de um sujeito estão intimamente relacionados e interferem diretamente um no outro. Os contextos social e familiar dizem respeito àqueles contextos iniciais do sujeito, dos quais até tomar consciência do mundo e ter possibilidades de ir em busca por si próprio, o indivíduo estará condicionado ao modo de vida oferecido pelo seu meio e por sua família, ditando, inclusive, seu contexto cultural e financeiro inicialmente. Esses, por sua vez, podem ser alterados à medida que o sujeito pode, por sua conta, frequentar espaços e ambientes, e participar de situações que sua família não lhe

oferecia. Assim, alterará também, por influência dessa mudança buscada pelo próprio sujeito, seu próprio contexto familiar, ao construir um novo núcleo familiar, e social, ao mudar de cidade, por exemplo.

1.4 Aspectos metodológicos

Esta pesquisa tem uma abordagem qualitativa, pois, busca compreender, e não quantificar a situação pesquisada, trazendo uma objetivação do fenômeno e uma hierarquização das ações de descrever, compreender e explicar a precisão das relações entre os aspectos macros e micros deste fenômeno (GERHARDT E SILVEIRA, 2009). A mesma configura-se como uma pesquisa de campo que, para Gil (2002), neste tipo de pesquisa, é necessária a ida ao local de pesquisa e aos sujeitos, bem como uma aproximação do pesquisador com o campo, tendo ele mesmo uma experiência com a situação pesquisada, lhe possibilitando emergir na realidade, nas regras e convenções do grupo estudado.

A coleta de dados ocorreu por meio de entrevistas informais, momentos de conversas e observações, tendo em vista que os sujeitos pesquisados foram crianças entre nove e 12 anos de idade que vivem em diferentes multicontextos. Assim, se supôs que, por serem crianças, responderiam melhor aos questionamentos se esses ocorressem de maneira mais espontânea, por meio de conversas, e ficariam mais à vontade se observados à distância, sem a pressão de estarem sendo conduzidas.

Para a coleta de dados foram realizadas conversas com os sujeitos da pesquisa, além de observações dos mesmos, usando a metodologia acima citada. Os encontros ocorreram nos espaços escolares dos sujeitos - que estudam na mesma instituição - e extraescolares de dois deles, com o conhecimento e autorização dos pais dos mesmos, sendo assinado, inclusive, um Termo de Consentimento Livre e Esclarecido (TCLE).² No primeiro momento, foi realizada uma coleta de informações mais pessoais de cada sujeito, como nome, idade, local onde mora, com quem mora, dentre outras. No segundo momento, buscou-se a coleta de informações mais voltadas às questões cognitivas, como memória, capacidade de leitura

² A Resolução CNS nº 466 de 2012 define o Termo de Consentimento Livre e Esclarecido - TCLE como o “documento no qual é explicitado o consentimento livre e esclarecido do participante e/ou de seu responsável legal, de forma escrita, [...] para o mais completo esclarecimento sobre a pesquisa a qual irá participar.”

e escrita, cálculos matemáticos, capacidade argumentativa, perceptiva e de oratória, capacidade motora, dentre outras.

Além desses momentos, também aconteceram observações de como esses indivíduos se comportavam e agiam nas suas relações com o meio e com o outro, sendo esses seus pares ou adultos, além da avaliação de suas capacidades cognitivas para o uso da linguagem, expressão, resolução de problemas e socialização.

Por se tratarem de crianças, não faremos distinção dos sujeitos pesquisados a fim de resguardar o máximo possível suas identidades. Portanto, as informações apresentadas abaixo são um compilado dos dados colhidos de maneira geral, não apontando nome, sexo, idade, ordem dos momentos de conversas e observações e nem qualquer outra informação que possibilite a identificação dos mesmos.

1.5 Resultados e discussões: observação e análise do desenvolvimento cognitivo e comportamental de sujeitos de diferentes multicontextos

O primeiro ponto a ser abordado nos momentos de conversas e durante as observações foram aspectos da vida pessoal dos sujeitos e de suas famílias, que estão diretamente ligados com seus multicontextos de vida. Por meio da coleta de dados, perceberam-se grandes diferenças entre a vida dos pesquisados, ainda que vivam no mesmo distrito e estudando na mesma escola.

Nos contextos financeiros e familiares foram onde se encontravam as maiores diferenças. Dois dos sujeitos pesquisados demonstraram ter seu contexto familiar bem estruturado. Os outros dois, por questões e em níveis diferentes, nem tanto. Em relação ao contexto financeiro, um dos indivíduos demonstrou viver em uma situação bem abaixo dos demais e outro pesquisado se mostrou com um contexto financeiro mediano, onde não faltava o básico, mas que também não tinha luxo. Os outros dois demonstraram que suas famílias tinham um contexto financeiro favorável.

Os aspectos sociais e culturais, por sua vez, eram advindos mais de questões familiares e financeiras desses indivíduos, do que por outras questões. Dois dos entrevistados demonstraram já ter frequentado espaços valorizados pela cultura erudita, como *shoppings*, cinemas, museus, centro de artes e cultura e outros, mesmo tendo que ir à cidades vizinhas

para ter acesso a eles. Os outros dois pesquisados disseram que não tinham acesso nem mesmo a livros em casa. Um desses últimos até disse ter ido uma vez ao cinema, mas por conta de um passeio de sua escola.

“Ah, tio, eu até queria poder ir pro cinema toda vez que eu quisesse, né, mas aqui nem tem. Lá onde eu morava [Fortaleza] tinha, mas também nunca me levaram. Só fui uma vez, ano passado, por causa do passeio da escola. Foi muito bom, queria ir de novo. Também nunca fui no museu, nem leio muito. Até porque os livros que tem lá em casa são os da escola mesmo, né, de estudar.” (Resposta de um entrevistado).

Feito esse apanhado geral dos multicontextos de vida dos pesquisados, constatou-se que: um dos sujeitos tem um contexto familiar, financeiro, cultural e social estruturado; outro tem um bom contexto familiar e contextos cultural, social e financeiro estáveis; outro tem um contexto financeiro estável, mas tem os demais contextos desfavoráveis; e o último tem seus aspectos sociais, familiares, financeiros e culturais bastante desproporcionais, negativamente falando, aos demais.

Feita esta etapa, o foco das conversas e observações posteriores voltaram-se a aspectos cognitivos da vida desses sujeitos, bem como de sua interação e socialização com o meio e com os outros. Ficou evidente que os sujeitos que tinham seus contextos mais estruturados, demonstraram grandes aptidões cognitivas, tendo maior facilidade na resolução de problemas matemáticos, comunicação, uso da linguagem e construção de discursos, leitura e escrita, rapidez de raciocínio e de aprendizagem, assim como boa socialização. Porém, percebeu-se campos desses indivíduos que merecem atenção: em um deles, seu aspecto físico. O mesmo demonstrou certa dificuldade em sua coordenação motora e na realização de alguns movimentos mais complexos; no outro, sua questão emocional. O mesmo demonstrou ter uma pequena instabilidade emocional, com picos de tristeza e isolamento sem motivo aparente.

Identificou-se, em momentos de conversas com o próprio sujeito e com seu responsável, que o mesmo vivenciou situações difíceis e complexas em sua família por questões de saúde de um dos membros, que acarretou, em determinado momento, em problemas também financeiros que os fizeram mudar de cidade. Essa mudança de realidade e o afastamento de seus amigos, segundo o responsável deste sujeito, o abalaram muito

emocionalmente e o fez ter alterações comportamentais, gerando, inclusive, problemas em sua atenção, concentração e aprendizagem.

“Ela era bem dedicada. Depois do que aconteceu [...], ela ficou assim, mais desatenta, preguiçosa, até meio rebelde, né?! Percebi mesmo que as notas dela tinham caído. Até os dever de casa, que ela sempre fazia, nunca mais vi ela fazendo. Fica só no quarto trancada.” (Responsável pelo sujeito citado acima).

Outro aspecto importante apareceu quando analisado o sujeito que apresentou contexto financeiro estável, mas com lacunas nos demais contextos. O mesmo apresentou boa socialização e excelente desenvolvimento físico e motor, mas um pouco de atraso em sua comunicação, enrolando as palavras de vez em quando e até mesmo gaguejando em determinados momentos, sobretudo quando estava nervoso, apresentando uma defasagem no uso da linguagem oral e na produção de discurso quando necessário fazê-lo. Sua leitura e escrita também se demonstraram defasadas, bem como sua capacidade de resolução de operações matemáticas.

O último sujeito, que apresentou condições desfavoráveis em todos os seus multicontextos, também apresentou grandes atrasos em seu desenvolvimento cognitivo. O mesmo demonstrou bom desenvolvimento físico e motor, mas grande dificuldade de leitura e escrita, estando, ainda que cursando a parte final dos anos iniciais, em um nível escolar de turmas de alfabetização, tendo em vista que não saber ler nem escrever de maneira autônoma, e nem mesmo consegue resolver operações matemáticas básicas sem ajuda. Também apresenta dificuldades de comunicação e de socialização, ficando sempre quieto e isolado, até mesmo quando instigado e solicitado a participar de momentos de interação e expressão, bem como do uso da linguagem oral. Um fato durante uma conversa informal que demonstra a forma retraída e pouca socialização do mesmo, bem como insegurança para o uso da linguagem oral, fica visível no diálogo abaixo:

- “Ah, tio, não quero falar não. Nem sei muito falar.” (entrevistado)
- “A gente tá só conversando.” (entrevistador)
- “Quero não, os meninos vão rir de mim” (entrevistado)
- “Pois vamos sair daqui, tu fala só comigo” (entrevistador)
- “Quero não, tio. Gosto de ficar falando muito não.” (entrevistado)

Um ponto interessante observado fica por conta que aqueles sujeitos com contextos mais favoráveis demonstraram aspectos cognitivos geralmente mais desenvolvidos, mas defasagem em seus aspectos físicos e motores se comparados com os sujeitos de contextos desfavoráveis. Esses, por sua vez, geralmente apresentaram um bom desenvolvimento físico e motor, mas um menor desenvolvimento cognitivo ou dificuldades em suas funções superiores. Nesses, a linguagem e a produção de discurso mostraram-se sempre defasada.

Conclusão

Este trabalho teve como tema as influências dos multicontextos de um indivíduo sobre seu processo de desenvolvimento cognitivo e buscou apresentar questões pertinentes à temática, investigando como os aspectos sociais, financeiros, culturais e familiares influenciam no desenvolvimento cognitivo do indivíduo, a relação deste com a plasticidade do SN e os aspectos multicontextuais que podem interferir no mesmo.

Evidenciou-se, por meio da análise de dados, que os multicontextos presentes na vida de um indivíduo influenciam diretamente em aspectos do seu desenvolvimento cognitivo e global. Viu-se que sujeitos com multicontextos mais favoráveis, tendem a apresentar um desenvolvimento cognitivo maior, com mais facilidade para questões mentais e aprendizagem, bem como para o uso da linguagem e a produção de discurso. Viu-se também, que os meios familiar e social inicial do indivíduo ditam como será seu contexto financeiro e cultural inicialmente, ficando esse condicionado aos ambientes e situações e, por consequência, as possibilidades de desenvolvimento oferecidas por seu meio e por sua família.

Da mesma forma, os indivíduos advindos de multicontextos desfavoráveis ou que apresentam certas instabilidades, tendem a manifestar um desenvolvimento cognitivo mais defasado, com maiores dificuldades para aprender e para trabalhar com questões mentais gerais; têm um menor nível escolar e, geralmente, apresentam problemas de socialização e comunicação, tanto na linguagem oral, como escrita.

Outro ponto central trazido neste trabalho é o conceito de plasticidade. Viu-se que plasticidade é a capacidade do SN de se adaptar e se transformar de acordo com estímulos

do meio. Assim, a plasticidade configura-se como ponto importante no desenvolvimento do indivíduo, por permitir que este se adapte às situações vivenciadas, gerando, por meio de transformações em diversas áreas do SN, uma maior capacidade cognitiva e possibilitando a realização de ações e atividades importantes para o ser humano, como a aprendizagem, a capacidade de oratória e a melhora no vocabulário.

Também se viu que são diversos os fatores multicontextuais que podem afetar no desenvolvimento cognitivo de um indivíduo. Fatores familiares, como ter uma família estruturada ou não, e o incentivo a hábitos e atividades que promovam o desenvolvimento deste sujeito, como a leitura, por exemplo; fatores financeiros, que ditam o modo de vida inicial desse sujeito, como sua vestimenta, moradia, alimentação, e outros; fatores sociais, como os espaços e oportunidade que esse sujeito terá de acordo com o lugar onde vive e com sua condição financeira; fatores culturais, que dizem respeito a que tipo de cultura e hábitos esse sujeito consumirá durante sua vida; fatores emocionais, que estão relacionados com a estabilidade emocional do sujeito, dentre outros. Viu-se também que todos esses fatores estão associados uns aos outros, sempre se influenciando mutuamente.

Referências

- BOCK, A. M. B. FURTADO, O. TEIXEIRA, M. de L. T. *Psicologias: uma introdução ao estudo de psicologia*. 13 ed. São Paulo: Saraiva, 1999.
- BOURDIEU, P. *Escritos de educação*. NOGUEIRA, M. A. CATANI, A. (Org.). 9 ed. Petrópolis, RJ: Vozes, 2007.
- COSTA, A. R.; SILVA, P. L. O.; JACÓBSEN, R. T. Plasticidade cerebral: conceito(s), contribuições ao avanço científico e estudos brasileiros na área de Letras. *Entrepalavras*, Fortaleza, v. 9, n. 3, p. 457-476, set-dez/2019. Disponível em: https://repositorio.ufc.br/bitstream/riufc/50502/1/2019_art_arcostaplosilva.pdf. Acesso em 19 de jul. de 2023.
- GERHARDT, T. E. SILVEIRA, D. T. (Org.). *Métodos de pesquisa*. Porto Alegre: Editora da UFRGS, 2009.
- GIL, A. C. *Como elaborar projetos de pesquisa*. 4 ed. São Paulo: Atlas, 2002.
- GLEITMAN, H.; REISBERG, D.; GROSS, J. *Psicologia*. 7 ed. Porto Alegre: Artmed, 2009.

- GUERRA, L. B. Neurobiologia aplicada à neuropsicologia. In: FUENTES, D. *et al.* *Neuropsicologia: teoria e prática*. Porto Alegre: Artmed, 2008.
- LAHIRE, B. *Sucesso escolar nos meios populares: as razões do improvável*. São Paulo, SP: Ática, 1997.
- LENT, R. Neuroplasticidade. In: LENT, R. *Neurociência da mente e do comportamento*. Rio de Janeiro: Guanabara Koogan, 2013. p. 111-132.
- LURIA, A. R. *Fundamentos de Neuropsicologia*. Rio de Janeiro: Livros Técnicos e Científicos, 1981.
- MARQUES, M. de S. Críticas ao modelo hierarquizado de cultura: por um projeto de democracia cultural para as políticas culturais públicas. *Rev. Estudos Sociais*. nº. 53, jul./set. 2015. p. 43-51. Disponível em: <https://journals.openedition.org/revestudsoc/9240>. Acesso em: 22 de jul. de 2023.
- PIAGET, J. *Seis estudos de psicologia*. 24 ed. Rio de Janeiro: Forense Universitária, 1999.
- RELVAS, M. P. *Neurociência na prática pedagógica*. Rio de Janeiro: Wak, 2012.
- ROTTA, N. T.; BRIDI FILHO, C. A.; BRIDI, F. S. (Orgs.). *Neurologia e aprendizagem: abordagem multidisciplinar*. Porto Alegre: Artmed, 2016.
- SAVASSINI, D. *et al.* Sistema nervoso se regenera? A neuroplasticidade na reabilitação de hemiparesia decorrente de AVE. *Rev. Saberes*, Rolim de Moura, vol. 10, n. 1, jul./ago., 2019. Disponível em: <https://docplayer.com.br/188074073-Revista-saberes-da-faculdade-sao-paulo-fsp-2019-edicao-especial-vi-ciclo-cientifico.html>. Acesso em 19 de jul. de 2023.
- SOUSA, N. de O. *Inter-relações entre social e escolarização na formação dos alunos: uma análise no distrito de Canaan*. Trabalho de conclusão de curso (GRADUAÇÃO) - Universidade Estadual do Ceará, Faculdade de Educação de Itapipoca, Curso de Pedagogia, Itapipoca, 2022. Orientação: Prof. Dr. Sahmaroni Rodrigues de Olinda. 2022.
- STERNBERG, R. J. *Psicologia cognitiva*. Tradução de Roberto Cataldo Costa. 4 ed. Porto Alegre: Artmed, 2008.
- VYGOTSKY, L. S. *A formação social da mente: o desenvolvimento social da mente*. 7 ed. São Paulo: Martins Fontes, 2007.

¹ Filiação institucional: Professor da Rede Pública Municipal de Trairi – CE

E-mail: nadsono115@gmail.com

Lattes ID: <http://lattes.cnpq.br/3357437717168338>

ORCID: <http://orcid.org/0000-0001-7553-1808>

HABERMAS E SUA ÉTICA DO DISCURSO

HABERMAS AND HIS DISCOURSE ETHICS

David de Jesus Costa¹

Resumo: Este artigo propõe-se a discutir a ética na visão de Habermas. Neste trabalho, a proposta é trazer uma reflexão sobre a mudança de foco na discussão da ética dentro da Filosofia Prática, a saber, a passagem da ética do sujeito para a ética do discurso. Nesse sentido, desenvolveremos aqui uma análise bem geral. Trataremos da visão clássica a partir de Aristóteles e, em seguida, da visão moderna de Kant. Aquele compreende que o ser ético é ser virtuoso/feliz. Já este dirá que a ética tem caráter deontológico (de dever). Depois, vamos explicar como Habermas construiu a sua Ética do Discurso a partir de uma reformulação da Imperativo Categórico de Kant. Isso porque, tal como para Kant, Habermas também compreende que as normas morais devem ser passíveis de universalização. No entanto, para o filósofo do pragmatismo, essa universalização não é mais resultado da reflexão monológica do sujeito, mas resultado do discurso.

Palavras-chave: Agir Comunicativo. Ética. Linguagem e Discurso.

Abstract: This article aims to discuss ethics from Habermas's perspective. In this work, the proposal is to bring a reflection on the change of focus in the discussion of ethics within Practical Philosophy, namely, the shift from ethics from the subject to that of discourse. In this sense, we will develop here – relativizing – a very general analysis. We will deal with the classical view from Aristotle and then the modern view from Kant. He understands that being ethical is being virtuous/happy. He will say that ethics has a deontological character (of duty). Afterwards, we will explain how Habermas constructed his Discourses Ethics based on a reformulation of Kant's Categorical Imperative. This is because, as for Kant, Habermas also understands that moral norms must be capable of universalization. However, for the philosopher of pragmatism, this universalization is no longer the result of the subject's monological reflection, but the result of discourse.

Keywords: Communicative Acting. Ethics. Language and Discourse.

Introdução

Este trabalho tem como objetivo explicar como funciona a teoria discursiva da ética fundamentada por Habermas (1989). Dentro dessa perspectiva, vamos também, quando for relevante, citar alguns filósofos que tiveram influência direta na obra habermasiana. Por exemplo, sabe-se que a ética kantiana teve influência direta na sua ética. Isto é, Habermas defende uma visão deontológica, porém dirá que não é possível na época em que vivemos praticar uma ética do sujeito. Isto porque, para ele, as relações interpessoais entre sujeitos de toda e qualquer comunidade nos leva a pensar sempre em uma ética da comunicação.

Na seção 1, faremos uma breve apresentação das teorias tanto de Kant (2009) quanto

de Habermas, pois, desta forma, o leitor poderá entender que existe uma intertextualidade entre as duas obras.

Dito isso, na seção 2, vamos desenvolver com argumentos consistentes, porque realmente temos a passagem de uma ética sujeito para uma comunicativa. E que argumentos em Habermas nos levam a considerar realmente que uma ética discursiva é mais significativa para os nossos dias.

E, por fim, faremos as últimas considerações referentes a este trabalho sobre ética. Também resumidamente retomaremos as teses defendidas para sustentarmos uma proposta atualizada de uma ética comunicativa e, em seguida, encerramos nossos argumentos.

1 Fundamentação teórica

1.1 A filosofia moral kantiana

Na ética Kantiana, o conceito de boa vontade não é o mesmo proposto pelos filósofos da era clássica (eles entendiam que a moral tinha como conceito a felicidade) conforme estabelece Aristóteles (1972).

Para Kant (2009), a felicidade não é o fim, mas, sim, meio de se alcançar um objeto de desejo. Isto porque o conceito de felicidade, segundo Kant, é algo subjetivo, não existe uma fórmula para explicá-la.

Portanto, ele tira a felicidade do campo da ética e coloca no lugar dela o termo dignidade. A ética indica se somos ou não, dignos de nos tornarmos felizes. A razão humana não é um mecanismo utilizado pela natureza com a finalidade de que alcancemos um fim, mas para julgar se uma ação é boa ou má. Logo, a felicidade e a virtude não são o centro da ética, mas a boa vontade do dever. Por isso, sua ética é deontológica, pois é fundada com base no conceito de dever¹. A ideia de que a natureza opera segundo leis para nos guiar a um propósito de felicidade não é aceito por Kant. Explicando melhor tal conceito, a razão não é

¹ A ética moderna rompe com a ideia de ética dos modelos. Para Kant, a ética não age com ações visíveis, mas ações invisíveis (isto porque elas não podem se deparar com o orgulho). Isso porque, segundo Kant, a felicidade pode ser uma fonte de corrupção para aquele que não é guiado por uma boa vontade. A ética não gira em torno do conceito do bem ou do mal como pensavam os antigos, pois esses conceitos são indeterminados. Baseia-se através de algo que chamamos lei moral. A lei moral não é externa à razão humana, não é dada por Deus nem pela natureza. Tudo isso, para Kant, está na razão prática.

governante de nossas vontades. Ou seja, a razão foi dada ao homem, para que ele julgue se determinada ação é boa ou má. E somente cabe ao indivíduo a escolha de um ato legal ou ilegal. (KANT, 2009)

Se a natureza tivesse dado a razão para determinar um fim, ela teria errado. Pois melhor seria que tudo atuasse no instinto, já que esse possui meios que nos dirigem a determinados fins. Segundo Kant, a vontade nos dirige aos instintos, já a razão dirá à vontade se eu posso ou não me submeter a ela. Dessa forma, Kant explica o livre arbítrio. O que seria o livre arbítrio? É quando a razão ordena, mas a vontade dirá que tipo de ação eu irei executar (KANT, 2009).

Então, a tese kantiana é que a razão no seu uso prático² é produzir uma vontade boa. Entendemos disso que a razão é imperativa, ela nos obriga a executar um dever moral.

Deve-se estudar o conceito de dever, para Kant, pois, nele, consiste em si o conceito de boa vontade. Se há uma intenção da natureza para um uso prático da razão, essa intenção serviria de mecanismo coercivo para uma boa vontade. A pergunta pertinente agora seria: ‘que é uma boa vontade?’. É a vontade que age por dever. Logo, é o dever que deve ser estudado.

O que é agir por/conforme o dever? Agir por dever não é o mesmo que agir conforme o dever. Agir por dever é aquela ação em que o indivíduo não apresenta nenhuma motivação para executá-la. Já a conforme o dever possui alguns tipos de motivação como interesse pessoal e inclinação imediata. Finalizando, então, Kant diz que uma ação só é moral, quando ela é praticada por dever, nunca leva em conta uma suposta honradez, vantagem³ etc. (KANT, 2009).

1.2 Ética (de Habermas) pós-moderna

Para Habermas (1989), a ética contemporânea é um desafio, pois como é possível fundamentá-la numa época em que prevalecem as mudanças na área da ciência. E esse desafio é paradoxal, já que a ciência só reconhece uma racionalidade técnico-científica e a

² A razão teórica determina a possibilidade do conhecimento e a razão prática sua ação.

³ O bem só é bom quando é usado para uma finalidade boa, pois um bem pode ser usado de forma má.

ética é fundamentada em outro tipo de racionalidade (relacionada à prática).

Sobre isso, Habermas dirá que a questão fundamental na teoria moral é fundamentar um princípio de justificação em argumentação prática. Logo, para ele, argumentações morais não são iguais aos princípios factuais. Essa ideia do filósofo moderno não é nova, porque o movimento de reabilitação da filosofia prática tem inspiração em duas tradições: aristotélica e kantiana. Ou seja, a ética do ocidente sempre defendeu princípios práticos para basear tal investigação. Os dois filósofos alegam que nessa área existem muitas variações nas ações humanas.

Habermas, em sua teoria, apresenta uma ética de corte kantiano⁴. Porém, não é uma simples interpretação de Kant. Isto porque ele livra-se de tudo aquilo que não é mais justificado em Kant. Preserva as principais características acreditando que elas são mantidas à luz do momento atual por nós vivido. Desenvolve, no seu trabalho, a ideia de atitude performativa (fenomenologia moral), que representa a relação dos papéis interpessoais entre 1ª e 2ª pessoa do discurso (dentro dessa perspectiva ele baseia sua tese para uma ética do discurso) (HABERMAS, 1989).

Também, nessa perspectiva, Habermas (1989) dirá que normas podem ser verdadeiras ou falsas (pretensão de validade). Para explicar melhor essa ideia, ele fará uma distinção entre o campo da objetividade e do social. Segundo o filósofo, comete-se um erro gravíssimo ao tentar aplicar no campo social o conceito de “verdades absolutas”, pois, nesse campo, temos a ideia de correção e não de verdade.

Apresentando as características que estão em Kant, primeiramente, temos o cognitivismo que prega que toda base do nosso conhecimento é racional.

Depois, teremos um deontologismo, já que, assim como em Kant, sua ética tem como base a ideia de dever. Sobre o princípio de universalização de Habermas, podemos dizer que é aquele que permite a validação de determinada norma, já que, baseado nessa ideia, ela é seguida por todos. Aprofundaremos mais esse assunto quando for o caso. E, ao tratar do formalismo em sua teoria, ele argumenta que todos os homens têm que ser capazes de desejar

⁴ Para Hume (1999), a ética sempre se fundou em uma falácia. Segundo o filósofo, há um abismo entre o domínio dos fatos e das normas (ser x deve ser). Ele dirá que a base moral é encontrada nos “sentimentos” e não nos “conhecimentos”, logo, decisões morais são baseadas em sentimento moral. Kant discorda, segundo ele, é preciso distinguir a razão teórica da razão prática.

o que é moralmente justificado (HABERMAS, 1989).

2 Desenvolvimento do trabalho

Antes de desenvolver os argumentos propostos neste artigo, é importante ressaltar que o tema - *ética do discurso (de Habermas)* - dispõe de uma reflexão que leva o leitor a compreender como é possível relacionar o agir moral (do sujeito) ao discurso propriamente dito. Nessa perspectiva, a linha de investigação presente neste artigo dialoga, de maneira apropriada, com a linha editorial da revista, a qual está sediada na relação 'Linguagem e Discurso'.

Isso é, a ética do discurso representa a prática (moral e) social que visa a compreensão humana com ampla possibilidade ao consenso. Isso porque sua ética dá espaço ao diálogo e ao consenso. Há, portanto, um novo recorte epistemológico, visto que ele aponta a impossibilidade de existir uma ética de caráter objetivo (ARISTÓTELES, 1972, KANT, 2009, dentre outros), logo o autor destaca a necessidade de uma comunicação entre os sujeitos (ou de uma ética discursiva) para fundamentar a ética a partir do discurso.

A ética do discurso de Habermas, nesse caso, é a forma de explicar como a linguagem possibilita uma forma pragmática de ação. Disso, depreende-se que o discurso é um instrumento de ação social, comunicativa e consensual para o agir moral.

2.1 Que tipo de ética temos na pós-modernidade?

Como foi dito anteriormente, na subseção 1.2, a ética contemporânea é um desafio, pois é bem difícil fundamentá-la numa sociedade baseada no saber técnico-científico. Sendo a ciência dominada pela visão tecnocientífica (objetivista)⁵, pois ela somente reconhece um racionalismo extremado, então fica bastante complicado fundamentar a ética nessa perspectiva. Para Habermas (1989), a ética é fundamentada em outro campo: o da prática social.

⁵ Por exemplo, na biotecnologia, não se pergunta se é ético ou não clonar seres humanos. A questão, para cientistas, é se a técnica (meio) que será usada será capaz de produzir bons resultados (fim).

A ética não pode ser trabalhada objetivamente, porque, nesse campo, as normas e valores são julgados por tal campo do saber como irracional. Então, como seria possível fundamentar uma razão prática? É fato que uma perspectiva epistêmica não dá conta das questões morais.

Para a ética contemporânea, parece que todo e qualquer indivíduo age baseado em razões, mas existem problemas sobre o que se pode fazer ou não. A saber, muitas ações são fáticas (estão sujeitas a minha vontade) e outras não. A questão fundamental, na teoria moral, é como estruturar os princípios de justificação em argumentações práticas. Para Habermas (1989), argumentações morais não são iguais aos princípios factuais. Nessa fala, pode-se perceber que a reabilitação da filosofia prática tem inspiração em dois ícones da filosofia: Aristóteles (1972) e Kant (2009). Isto porque a ética sempre teve base na ideia de que as ações práticas não podem ser tratadas como um saber epistemológico.

Quanto ao corte teórico da filosofia de Habermas (1989), pode-se dizer que ela recebeu bastante influência de Kant. Porém, não é uma simples interpretação kantiana. Sua teoria concentra-se na ideia de dever⁶. Mas, ação prática só é possível através da ideia de atitude performativa. O que seria uma atitude performativa? Atitude performativa representa a ideia de relação dos papéis interpessoais entre 1ª e 2ª pessoa do discurso (dentro dessa perspectiva ele baseia sua tese para uma ética do discurso).

Habermas dirá que investigações sobre fenômenos morais trazem dentro de si a ideia de atitude performativa. E tal atitude só é possível na perspectiva do participante numa relação interpessoal, logo intersubjetiva (nunca ocorrerá através de uma atitude objetiva). Para Habermas, não se pensa mais a razão em termos de ser, de mente, porém linguisticamente. Não mais existe a relação de sujeito sobre o objeto (forma soberana), mas, uma relação de vários sujeitos falando de um objeto (ética comunicativa).

Quais são os principais argumentos de Habermas para que tenhamos uma ética comunicativa? (1) Segundo o filósofo, no campo da moralidade, é necessário que se tenha uma interação entre sujeitos (ideia de intersubjetividade e não de objetividade). Imaginemos uma situação de uma pessoa tentando conversar com um cachorro, um cavalo, uma pedra

⁶ Sua ética tem um caráter de dever, mas, um dever através da socialização de indivíduos dentro de uma sociedade. Também é uma ética cognitiva, ou seja, tenho que fazer (dever), logo tenho razões para fazer algo.

etc. óbvio, não haverá comunicação (HABERMAS, 1989). (2) Baseado na fala de Strawson (STRAWSON, 1974 apud HABERMAS, 1989, op.cit.), sobre ações emotivas, Habermas firma seu segundo argumento para uma ética discursiva. Segundo aquele, a reação emotiva é o teor das experiências morais.

Essa reação sem ambiguidade consolida-se e pereniza-se num ressentimento⁷ que pode ficar ardendo no íntimo se a ofensa não for de algum modo “reparada”. Para Strawson, somente um pedido de desculpas funciona nesse caso como remédio. Um tipo de desculpa em que a ação não deixa em dúvida a imputabilidade do agente; e outra em que o próprio autor é reconhecido como sujeito imputável na ação de ofensa praticada sobre outrem.

Logo, conclui Strawson (1974), que as reações pessoais do ofendido (ressentimento) só são possíveis numa atitude performativa de um participante da interação (relação entre EU e TU). Sendo que a atitude objetivante (o não participante) suprime os papéis interpessoais entre a 1ª e 2ª pessoa e neutraliza-os no âmbito da moral.

Finalizando, podemos dizer que a moral tem a ver com a própria vida cotidiana. Então, uma atitude performativa é inevitável.

2.2 Normas como pretensão de validade

Para Habermas (1989), normas podem ser verdadeiras ou falsas (pretensão de validade), mas, quando se tenta fazer uma analogia entre o campo da objetividade e do social, comete-se um erro gravíssimo, pois não é possível no campo social aplicar o conceito de “verdades absolutas”. Entendamos o que diz o filósofo. Nessa perspectiva de análise, não se pode confundir o mundo objetivo, que trabalha com fatos, logo é possível trabalhar a ideia de verdade e falsidade com o mundo social, que aplica a ideia de valores e normas, portanto, tem-se que normas morais não podem ser pensadas à luz de um prescritivismo extremado.

Uma das armadilhas do cético moral é tratar as normas como se elas fossem fatos, mas, com certeza, normas não são fatos. Para explicar melhor isso, Habermas lança mão do conceito de aspecto bidimensional das sociedades modernas, que é bem importante para explicar questões relacionadas aos valores de verdade: Mundo da Vida e O Sistema. Segundo

⁷ Ressentimento é um sentimento de impotência.

Habermas, é no Mundo da Vida que a moral tem suas raízes. É onde ocorrem as relações espontâneas, os saberes implícitos que definem as situações de fala, possibilitando a busca cooperativa do entendimento. O Mundo da vida é responsável pelas relações interpessoais mediadas pela linguagem num processo de coordenação da ação dos indivíduos, na reprodução cultural e na integração social.

Já, no Sistema, segundo Habermas, temos uma interação não-linguística sem a mínima interação das pessoas. Isto ocorre porque os componentes que preenchem essa relação são a economia e o poder. Tais elementos têm como objetivo o êxito financeiro e o poder social. Também, segundo Habermas, tal estrutura é indispensável para uma reprodução material da sociedade que se desenvolve dentro do Mundo da Vida. Mas o Sistema se distancia do Mundo da Vida, quando se compreende que ele sempre se coloca na posição de observador. Portanto, toda norma aplicada no Sistema tem o caráter de arbitrariedade, logo uma norma é aplicada sem que ela afete as pessoas de forma consensual. Nesse caso, ela torna-se uma regulação mecânica e um controle estratégico. Então, tais ferramentas transformam-se em imperativos sistemáticos passando a sobrepujar a base comunicativa inerente às relações sociais, caracterizando a colonização do Mundo da Vida.

2.3 Universalização de normas

O princípio de universalização é aquele que permite a validação de determinada norma, já que, baseado nessa ideia, ela é seguida por todos (porém, valores culturais não possuem caráter universal).

Aprofundemos mais a questão. Atos de fala podem ser atos constatativos e normativos. Já as pretensões de verdade residem apenas nos atos de fala, mas as pretensões de validade não. Isto porque pretensões de validade residem apenas em atos normativos, ou seja, antes dos atos de fala já existem as normas/leis.

Por exemplo, o homem quando se posiciona diante da natureza como sujeito diante do objeto, ele se posiciona para descrever quais são suas regras e como elas agem através da natureza. Porém, nunca será possível dizer, para ela, que não vai obedecer a suas leis. Já, no campo das normas, o homem adota uma posição realista. Para ele, as normas não estão lá,

elas são não naturais. Logo, a atitude é não objetivante.

Com as ideias supracitadas, Habermas dirá que a facticidade de uma norma não se identifica com sua validade. Então, tenta distinguir a norma em vigor da norma válida. O cético coloca contra o cognitivista a questão da pluralidade de valores. Para refutá-lo, Habermas propõe um princípio-ponte similar ao da indução usado pelo discurso teórico.

O que é o princípio-ponte criado por Habermas? É o princípio que rege as argumentações no âmbito do sentido prático, tal como em Kant, é o princípio de universalização. O princípio tem (1) o caráter impessoal das normas válidas para todos e também (2) universaliza uma forma de agir. Porém, sua formulação é distinta da de Kant (a regra age sobre cada indivíduo). Na nova reformulação de Habermas temos: tal princípio força cada indivíduo a adotar uma perspectiva moral de todos os outros. Ou seja, nenhum indivíduo se pergunta se a norma é válida ou não. Ele simplesmente aceita a norma como uma regra universal (aqui está a ideia de aceitabilidade argumentativa). (HABERMAS, 1989)

2.4 Formalismo de Habermas

A ética de Habermas (1989) apresenta as mesmas bases apresentadas em Kant. Por exemplo, é cognitivista, deontológica, universalista e formalista. Sobre a última, podemos dizer que ela se opõe à ética materialista teleológica que é vista em Aristóteles (1972). Esta se refere à vida boa, logo pode ser classificada como prescritivista. A ética do discurso não pretende fazer afirmações como verdade ou falsidade, porém procura identificar o procedimento a ser seguido para um julgamento ético. Indo mais além, sua ética tem um caráter formal⁸ igual ao da ética kantiana ao propor um caminho a ser percorrido por todos os homens. Caminho esse que os sujeitos (inseridos dentro de uma sociedade de ideias plurais) dotados de linguagem e de ação alcançam através do discurso prático.

Para Habermas, o objetivo da ética discursiva, que não é determinar uma forma ideal de comunicação, é apresentar as regras morais do discurso que estão em jogo. Logo, a ética

⁸O ponto de vista moral, em Kant e Habermas, é formal, porque, dentro de uma sociedade, todo e qualquer indivíduo tem pontos de vista diversos.

do discurso tem como proposta básica a fundamentação racional de normas, a partir dos casos puros ou idealizados de atos de fala.

Conclusão

Neste trabalho, tratamos do caráter discursivo que governa a ética de Habermas. Também discutimos algumas características que aproximam as ideias contidas em Kant e Habermas. Porém, afirmamos, com toda certeza, que a ética, em Kant, é voltada para o sujeito.

Entramos, enfim, nas análises de Habermas. Explicamos como ele trabalha em sua teoria o conceito de dever, porém acredita que, em um contexto pós-moderno, não podemos defender uma ética subjetiva, mas uma ética da comunicação.

Logo, aqui também concordamos com as conclusões de Habermas, pois é difícil pensar que relações morais do nosso dia-a-dia não sejam baseadas numa relação de interação entre sujeitos (ou seja, relação EU e TU), já que nunca se fará ética num discurso objetivo. Sendo assim, a ética pós-moderna só pode ser uma ética discursiva.

Provamos que o argumento do universalismo é uma arma contra o cético moral, que fala que o pluralismo de valores é um problema para leis universais. Sendo que essa afirmação cética é errada, já que o princípio de universalização “força” um indivíduo a adotar uma mesma perspectiva moral de todos os outros.

Finalizamos, falando do formalismo. Segundo esse princípio, todo indivíduo é submetido a um quadro formal porque temos uma sociedade plural. As pessoas estão inseridas em um Mundo da Vida racionalizado. Portanto, o ponto de vista moral é formal, porque todos os sujeitos de determinada comunidade têm pontos de vista diversificados.

Referências

ARISTÓTELES. *Ética a Nicômaco*. Tradução de Leonel Vallandro e Gerd Bornheim. In: *Os Pensadores*. São Paulo, Abril Cultural, 1972, v.3.

HABERMAS, J. *Consciência moral e agir comunicativo*. Tradução de Guido Antônio de Almeida. Rio de Janeiro: Tempo Brasileiro, 1989.

HUME, D. *An Enquiry Concerning Human Understanding*. Ed. Tom Beauchamp. Oxford University, Press, 1999.

KANT, I. *Fundamentação da metafísica dos costumes*. Tradução nova com introdução e notas de Guido Antônio de Almeida. São Paulo: Discurso Editorial: Barcarolas, 2009.

STRAWSON, P. F. *Freedom and Resentment*. Londres, 1974.

¹ Filiação institucional: Professor de Língua Portuguesa pela Secretaria Municipal de Educação do Rio de Janeiro e de Cabo Frio.

E-mail: dico1972@gmail.com

Lattes ID: <http://lattes.cnpq.br/3654240357529960>

ORCID: <http://orcid.org/0000-0003-2783-2758>



Linguagem e Discurso